



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOÃO GUILHERME DE OLIVEIRA PELLEGRINI

A FUNÇÃO SOCIOEDUCACIONAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS
DE MARIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM SÃO
JOÃO DA BOA VISTA - SP

SÃO CARLOS
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOÃO GUILHERME DE OLIVEIRA PELLEGRINI

A FUNÇÃO SOCIOEDUCACIONAL DA PIA UNIÃO DAS FILHAS
DE MARIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX EM SÃO
JOÃO DA BOA VISTA - SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de São Carlos para
conclusão do mestrado.

Área de concentração: Educação.

Linha de Pesquisa: História, Filosofia e Sociologia da Educação

Nível: Mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Bittar

SÃO CARLOS
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P386f Pellegrini, João Guilherme de Oliveira
A função socioeducacional da Pia União das Filhas de Maria na primeira metade do século XX em São João da Boa Vista - SP / João Guilherme de Oliveira Pellegrini. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
211 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2016.

1. Pia União das Filhas de Maria. 2. História do catolicismo. 3. Educação feminina. I. Título.



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato João Guilherme de Oliveira Pellegrini, realizada em 29/02/2016:

Marisa Bittar.

Profa. Dra. Marisa Bittar
UFSCar

João Virgílio Tagliavini

Prof. Dr. João Virgílio Tagliavini
UFSCar

Márcio Coelho

Prof. Dr. Márcio Coelho
INFISTA

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Helena Rovani de Oliveira, por tudo que tenho tanto no plano material como em sua influência positiva em toda minha educação e meu conhecimento que me guiou a escolher este caminho.

À memória de meu pai Luiz Carlos Pellegrini, que tenho certeza, nunca me deixou sozinho em momento algum de minha vida.

À minha avó materna Luzia Rovani de Oliveira, por me criar como se fosse seu próprio filho suportando as dificuldades de sua idade avançada e de sua saúde debilitada.

À minha tia Sônia Maria Rovani de Oliveira, por acreditar em minhas capacidades e se orgulhar de minha evolução como talvez nenhuma outra pessoa.

À minha avó paterna Maria Aparecida Guerreiro Pellegrini, por sempre esperar o melhor de mim. Espero dar-lhe o mesmo orgulho que espera de um filho.

À memória de meus Avôs Carlos Pellegrini Netto e João Avelino de Oliveira, que não puderam acompanhar meus passos até este estágio de minha caminhada, mas em todos os momentos em que estiveram comigo foram grandes exemplos para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã Marina de Oliveira Ansani por ser uma menina doce e inteligente, modelo para as crianças de sua idade e até mesmo para mim.

Às minhas tias Vânia Pellegrini e Vanderci Pellegrini, as quais mesmo distantes nunca deixam de fazer um telefonema ou mandar um e-mail para saber de mim.

Ao meu único primo Thiago Pellegrini Valverde, em quem sempre busquei me espelhar e muito admiro.

A meu padrasto Paulo Afonço Ansani, por sua rigidez que faz com que eu enxergue os obstáculos da vida como desafios.

À Marcella Tramonte, por me ensinar que uma música é muito mais do que apenas poesia em um curto espaço de tempo, elevando a qualidade deste trabalho e a minha qualidade enquanto pesquisador.

A minha orientadora Profa. Dra. Marisa Bittar, por seu apoio e paciência na tentativa de sempre buscar um acordo naquilo que seria melhor para este trabalho e nunca se impondo.

Aos professores que gentilmente aceitaram o convite para realizar uma orientação conjunta deste trabalho, Prof. Dr. João Virgílio Tagliviani e Prof. Dr. Marcio Coelho, por suas preciosas contribuições desde minha apresentação no Seminário de Pesquisa em outubro de 2014.

Aos queridos colaboradores Pe. Claudemir Aparecido Canela, Maria Aparecida Batista, Antônio Carlos Rodrigues Lorette e César Alexandre da Silva Godoi, membros da diretoria do Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista, que abriram as portas do precioso acervo deste centro histórico, possibilitando a realização deste trabalho.

A João Roberto Simões, diretor de cultura da Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista que me possibilitou sem restrições o acesso aos documentos do Centro Histórico Municipal.

A doce receptividade das entrevistadas Cândida Umbelina, Carmela Edvirges Lombardi Villela, Lazara Aparecida Carneiro Marrafom, Maria Augusta Rosário Rodrigues, Maria de Lourdes dos Santos de Almeida, chaves fundamentais sem as quais este trabalho não existiria.

Enfim a todos os meus amigos, em especial aos companheiros do meu grupo teatral **NAMARCA**, grupo teatral **Não posso, tenho ensaio**, colegas da **Gracie Barra - Jiu Jitsu de São João da Boa Vista** e a você que teve paciência de ler este texto até o fim.

Resumo

Entendendo que a participação feminina na história da cultura e na história da educação tenha sido objeto de um número restrito de pesquisas, a presente proposta objetiva desenvolver um estudo do acervo de documentos da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista - SP presentes no Museu de Arte Sacra da Diocese da cidade mencionada, a fim de compreender o papel da mulher naquela sociedade e a sua função socioeducacional, visto que essas mulheres eram catequistas, educadoras musicais e atuantes em projetos socioculturais relacionados com a catequese e a alfabetização. Utilizou-se, nesta proposta, tanto documentos de registros, tais como atas e cadernos de finanças, como partituras do coro de mulheres e artigos artesanais produzidos pela associação, bem como entrevistas concedidas por ex-integrantes. Por meio do estudo de tais documentos sobre essas mulheres, buscou-se investigar a possibilidade de uma contribuição para uma caracterização de uma cultura socioeducacional na cidade de São João da Boa Vista na primeira metade do século XX.

Palavras Chaves

Pia União das Filhas de Maria, História do Catolicismo, Educação Feminina.

Abstract

Understanding that women's participation in the history of culture and in the history of education has been subject to a limited number of surveys, the present proposal aims to develop a study of the collection of documents belonging to Pia União das Filhas de Maria in São João da Boa Vista - SP present in the Sacred Art Museum of this city's Diocese in order to understand the role of women in that society and their educational and social function, as these women were catechists, music teachers and active in social-cultural projects related to catechesis and literacy . In this proposal we used, both record documents and minute and finance books, like women's choir sheet music and craft items produced by the association, as well as interviews granted by its former members. By the study of such documents on these women, it sought to unveil the possibility of their contribution to a characterization of a social and educational culture in the city of São João da Boa Vista in the first half of the twentieth century

Keywords

Pia União das Filhas de Maria, History of Catholicism, Female Education

Índice de Figuras

Figura 01 – Fotografia do casamento de Carmela Edvirges Lombardi Villela, cedida pela entrevistada.....	54
Figura 02 – Assinatura do padre responsável demonstrando sua posição hierárquica perante a presidente e a secretária nas atas de reuniões mensais.....	56
Figura 03 – Reunião da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista, acompanhada pelo padre responsável e pela diretora.....	57
Figura 04 – Fitas, medalhas e batinhos das associações existentes em São João da Boa Vista	64
Figura 05 – Registro de presença da Pia união das Filhas de Maria de São João da Boa Vista	67
Figura 06 – Fotografias da reforma da sede da Pia União para abrigar o Centro Cultural retiradas da revista “Sanjoanenses” de 1988.....	82
Figura 07 – Nota no jornal “Gazeta de São João” sobre a inauguração do Centro Cultural Pagu em 21 de junho de 1989	82
Figura 08 – Placa comemorativa à inauguração do Centro Cultural Pagu.....	83
Figura 09 – Convocação para composição de associação de artesãos no jornal “Gazeta de São João”	83
Figura 10 – Planta do andar térreo do Centro Cultural Pagu.....	84
Figura 11 – Faixada do andar térreo do Centro Cultural Pagu	85
Figura 12 – Busto em bronze de João Baptista Merlin.....	86
Figura 13 – Diploma de admissão de nova integrante da Pia União das Filhas de Maria.....	90

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1 – A presença feminina na sociedade e na educação no séc. XX.....	26
1.1 O trabalho com mulheres de uma classe social economicamente privilegiada	27
1.2 A Pia União contextualizada na história da mulher no século XX.....	28
Capítulo 2 – Pia União das Filhas de Maria como expressão do Catolicismo Romanizado.....	30
2.1 A Doutrina Social Católica e a Romanização: coexistência de convergências e divergências em um mesmo contexto histórico.	35
2.2 A organização dos grupos católicos no Brasil	39
2.3 Os movimentos católicos e a política no Brasil.	42
Capítulo 3 – São João da Boa Vista: estrutura econômica, política e religiosa.....	48
3.1 Comparação entre as informações obtidas sobre São João da Boa Vista e um panorama geral do Brasil.	49
3.2. Considerações sobre as informações coletadas.....	51
3.3. Diálogos entre a sociedade de São João da Boa Vista e a Igreja Católica.	52
Capítulo 4 – A Pia União das Filhas de Maria na sociedade de São João da Boa Vista.....	60
4.1. Surgimento, ascensão e declínio das associações de fiéis na história do catolicismo de São João da Boa Vista- 1894 - 1950.....	62
4.2. Da Fundação da Igreja Matriz ao surgimento da Pia União das Filhas de Maria e o espaço por ela conquistado na cidade de São João da Boa Vista.....	69
4.3 O cotidiano da Pia União de São João da Boa Vista.	87

4.4 – Características socioculturais firmadas com o apoio da Pia União na cidade de São João da Boa Vista.....	93
Conclusão.....	96
Referências.....	100
Apêndices.....	108
Anexos.....	116

Introdução

O presente trabalho propõe-se a um estudo do acervo de documentos (atas de reunião e registros oficiais) da Pia União Das Filhas de Maria na cidade de São João da Boa Vista na primeira metade do século XX.

Tal estudo foi possibilitado pela cooperação do Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista - SP ao disponibilizar o seu acervo para consulta e digitalização, uma vez que tal instituição é responsável pela guarda do fundo histórico da Pia União das Filhas da mencionada cidade, cujas integrantes costumavam guardar recortes de jornal, santinhos que faziam, recortes de revista, convites e tudo o que tivesse ligação com sua atividade na Pia União.

Eu, João Guilherme de Oliveira Pellegrini, proponente deste trabalho de pesquisa, fui, entre os anos de 2012 a 2013, colaborador do Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista e, como único bacharel em História da instituição, procurei utilizar minha formação para contribuir com a organização do acervo da casa.

Durante esse processo, chamou-me a atenção a diversidade de documentos ligados à Pia União das Filhas de Maria, o que me fez constatar o hábito de suas integrantes em acumular papéis e objetos. Tal hábito possibilitou-me adquirir informações sobre as Filhas de Maria.

Pude observar que, em suas atitudes, essas mulheres tinham grande preocupação com a formação da cultura socioeducacional na cidade de São João da Boa Vista em sua época.

Para ampliar meus horizontes na investigação, também foram consultados documentos presentes na casa das Irmãs Andrelinas, um abrigo para ex-professoras e trabalhadoras do extinto Colégio Santo André, o único colégio católico da história de São João da Boa Vista, salvo possível exceção que os limites desta pesquisa não permitiram descobrir. Contudo, no que diz respeito ao acervo do mencionado colégio

será considerado apenas o que possa se relacionar com a Pia União, visto que ambas as instituições coexistiram no mesmo contexto.

Estas pesquisas iniciais objetivavam dar uma organicidade ao processo de organização do acervo do Museu de Arte Sacra ao qual me dedicava, e buscavam, ainda, dar respostas para inquietações pessoais surgidas partindo deste trabalho de organização documental.

Aos poucos, fui formando a convicção de que haveria espaço para uma pesquisa com esta temática no meio acadêmico, uma vez que isso possibilitaria uma ampliação da abrangência desse trabalho através da promoção de debates, exposições de ideias e futuras publicações sob uma orientação experiente.

Foi com esta convicção que direcionei os esforços de minha pesquisa para a pós-graduação acreditando contribuir para o enriquecimento da universidade, ao mesmo tempo em que a universidade contribuiria para a difusão da minha pesquisa, uma vez que esta possui um valor de grande relevância para a cultura católica educacional da região de São João da Boa Vista.

O primeiro passo em minha trajetória na pós-graduação foi o levantamento de discussões já existentes sobre o tema. Era preciso, antes de mais nada, compreender o espaço da mulher no campo científico, considerando que meu objeto de estudo estaria voltado para a questão feminina, uma vez que a Pia União era composta apenas por mulheres.

Constatou-se que a questão feminina e o seu papel na sociedade são temas ainda com pouco espaço no campo científico pois, segundo Bourdieu, as ciências são construídas por um grupo dominante de acordo com as categorias desse grupo,

inclinamos a admitir que a ordem científica na qual estão colocados todos os seus investimentos (no sentido da economia e da psicanálise) e de cujos lucros se apropriam é o dever-ser realizado, são logicamente levados a aderir à filosofia espontânea que expressa na tradição positivista, forma de otimismo liberal que deseja que a ciência progrida pela força intrínseca da

ideia verdadeira e que os mais “poderosos” sejam também os mais “competentes”. (BOURDIEU, 1994, p154)

Admitindo que Bourdieu utiliza a expressão “poderosos” ao referir-se aos detentores do poder econômico, pode-se situar o grupo de mulheres que aqui se pretende estudar fora desse grupo, pois ainda que na maior parte de sua história, a Pia União tenha sido composta em sua maioria por mulheres de grupos sociais privilegiados economicamente, não lhes era legado o direito de gerir esse capital financeiro por estarem inseridas numa estrutura onde a mulher devia depender do homem, ainda que possuísse condições físicas e intelectuais para se emancipar.

A estrutura acima mencionada contava com o aval e a legitimação por parte da Igreja Católica, que também merece maiores e novos questionamentos dentro do campo científico, pois como observa-se no excerto acima não era do interesse dos “poderosos” criticar tais estruturas a fim de não comprometer a sua manutenção, pois a história das mulheres pauta-se mais no campo do privado do que no público.

Em São João da Boa Vista, a Pia União foi uma via através da qual suas integrantes tiveram a oportunidade de relacionarem-se com o público, visto que na Igreja Católica as mulheres possuíam um raro espaço onde era possível fazê-lo.

Já na sociedade, o espaço da mulher era o lar, local visto como secundário; este fator era determinado pelo fato de que a mulher era deixada em segundo plano no jogo de relações de poder.

Interessante e muito válido para ser citado é o trabalho da pesquisadora Jane Soares de Almeida, em seu livro “Ler as Letras – por que educar meninas e mulheres?”, onde é trabalhada a questão da submissão feminina ao homem. Ela nos mostra que:

O olhar dominante, no exercício das relações de poder, também é passível de atribuir defeitos e qualidades nas suas relações de alteridade e, dependendo da expectativa considerada certa ou desviante, reprime e

castiga com a mesma intensidade com a qual cria um esquema de simbologias acerca dessa alteridade. (ALMEIDA, 2007, p. 45).

Assim, não somente a mulher estava reclusa ao lar como havia todo um sistema alicerçado em uma mentalidade conservadora para assim mantê-la. A isto, soma-se o fato de que a ciência tradicional não se preocupava com o lar. Em um campo científico formado por homens, ainda seriam necessários esforços para que mulheres pudessem integra-lo.

A maior parte dos estudos iniciais sobre a história das mulheres foi feita pelas próprias mulheres, porém não tiveram o merecido espaço em seu tempo, pois o reconhecimento da importância feminina na educação, na igreja e até mesmo na formação para a vida religiosa, é recente, ainda que sua atuação como educadoras sempre tenha sido marcante.

Os homens tiveram seus conventos financiados pelo padroado desde o início da colonização. Com as mulheres, a situação era bem diferente, pois o padroado não se interessava em investir em obras cujo retorno era praticamente inexistente, em termos políticos. (HOORNAERT, 1994, p.348).

Esse lastimável legado estrutural dos primeiros conventos instalados no Brasil, deveria perdurar até o século XIX, quando finalmente a educação feminina ganharia seu espaço.

No século 19 as moças casavam muito cedo e conseguiam ampliar sua instrução além do curso elementar, ou se dedicavam à religião, aos bordados e à culinária. Muitas vezes não chegavam sequer a aprender a ler e escrever. Somente após a República, o Estado se preocuparia com a educação feminina e moveria esforços para esse fim no atendimento à demanda pela escolaridade, vinda, primeiramente, das reivindicações da classe média,

que passou a ter maior força de pressão, uma vez que para tais segmentos a educação se constituiria em um dos instrumentos mais eficazes para a ascensão social. (ALMEIDA, 2007, p. 107).

Mesmo assim a educação feminina, embora pudesse configurar-se como instrumento de ascensão, não passava de um mero mecanismo reprodutor das mesmas bases tradicionais e conservadoras da época colonial. Jane Soares de Almeida nos ajuda a refletir sobre como as mulheres aceitavam manter-se recolhidas ao lar e submissas ao marido e aos pais sem requisitar uma posição social ou educacional de mais prestígio. De acordo com a autora:

a maior força da ideologia reside no fato do poder de convencimento da justeza de qualquer estado de coisas e manter dominado na certeza de que a subordinação lhe é benéfica, pois visa protegê-lo, o que consiste em um eficiente mecanismo utilizado com êxito no jogo do poder. Nesse sentido, o catolicismo conseguiu impor regras de conduta que tinham na educação feminina sua principal depositária, e as escolas católicas (e mesmo as públicas) veiculariam esses princípios e lançariam sólidas bases ideológicas que perdurariam por décadas. (ALMEIDA, 2007, p. 102).

Essa imposição partiu da cúpula da Igreja Católica, então gerida por homens, gerando este atraso no reconhecimento da importância feminina para a educação brasileira. Pelo fato de ter sido pouco estudada, faz-se necessário o desenvolvimento de uma metodologia própria para o estudo da história das mulheres pelo campo acadêmico, sendo que as próprias mulheres é que foram pioneiras em levantarem a bandeira desta necessidade, uma vez que a metodologia da educação disponível não dá conta de abarcar uma história daquilo que não era exposto.

Contudo, existem trabalhos pontuais que buscam fazer uma revisão desse tradicionalismo buscando novas formas de interpretá-lo graças aos historiadores da terceira geração da Escola dos Annales, tais como Jacques Le Goff e Marc Bloch, que

através de sua proposta de construção de uma “história vista de baixo” abriram as portas para uma revisão historiográfica geral.

Considera-se, ainda, o estudo da obra clássica sobre História do Brasil: *Os donos do Poder*, de Raymundo Faoro, na qual é apresentada a ideia de que a meritocracia agrícola, a confusão entre o público e o privado, o espírito aventureiro e o catolicismo conservador do brasileiro, sendo este último a preocupação aqui, são heranças legadas pelos portugueses. (FAORO, 2012).

Assim, pode-se observar que o ocorrido em São João da Boa Vista está de acordo com Faoro, quanto à concentração do poder entre homens detentores do prestígio financeiro e do bacharelismo não se tratando de um caso isolado do restante do Brasil e advém de construções do período colonial que projetam suas consequências no século XX, recorte ao qual este estudo atenta, e até mesmo aos dias de hoje como será ao longo deste trabalho.

O presente estudo busca compreender como a Pia União das Filhas de Maria interferiu na formação da cultura educacional na sociedade da época. Acredita-se que essa associação possa ter sido uma grande contribuinte para a cultura socioeducacional católica de São João da Boa Vista.

Objetivou-se que, ao final desse trabalho, o mesmo possa ser utilizado como recurso pedagógico para o estudo da cultura social católica local, ainda desprovida de qualquer estudo historiográfico, além do cumprimento das exigências acadêmicas de uma dissertação de mestrado. Assim, pretende-se estender os frutos desta pesquisa às aulas de história local, regional, consulta no Museu de Arte Sacra de São João da Boa Vista, alunos em processo de pesquisa sobre a história local e pesquisadores acadêmicos com trabalhos sobre a história e o catolicismo em São João da Boa Vista – SP.

Através da análise do acervo de documentos iconográficos, partituras e registros oficiais da associação busca-se investigar a possibilidade de uma contribuição das integrantes da Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa

Vista para a cultura socioeducacional da cidade na primeira metade do século XX, seja na condição de catequistas ou mães de família de uma elite econômica que até os dias de hoje rege os padrões culturais na cidade. Tal hipótese é reforçada pelo depoimento de Carmela Edvirges Lombardi Villela, ex-integrante da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista, em entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini, ao afirmar o seguinte:

eu acho que a formação que se recebeu na Pia União contribuiu muito para edificação de famílias. E de várias famílias saíram religiosas e padres. (...) Então essa devoção à Nossa Senhora foi passada. Porque a criança no catecismo já aspirava participar da Pia União. Tanto meninas como meninos, do catecismo já iam para a Cruzada Eucarística e da Cruzada Eucarística, as meninas iam para a Pia União das Filhas de Maria e os meninos para a Congregação Mariana. (VILLELA, 2015).

Este encaminhamento apresentado por Carmela não era acidental; na mesma entrevista ela relata uma organização pedagógica, que contava com a participação de Filhas de Maria que eram catequistas, a fim de promover o encaminhamento da vida católica do catequizando.

Em cada ida ao catecismo, a criança recebia um ponto e, no final do ano, pela soma dos pontos ela recebia um prêmio. (...) Aqueles que frequentaram mais, logicamente ganharam mais pontos, então eles iam escolher os brinquedos primeiro. (VILLELA, 2015).

Ainda no processo de reunião de fontes para este trabalho, foram encontradas cadernetas de chamada e diários de classe que trazem um pouco do cotidiano das

Filhas de Maria na função de catequistas. Acredita-se que estes documentos encontrados no decorrer desta pesquisa possam ser úteis para estudos sobre a história das práticas pedagógicas na cidade de São João da Boa Vista, ou ainda para o estudo de uma história da catequese na cidade. Contudo, aqui estes serão utilizados para um entendimento da cultura socioeducacional difundida pelas associadas da Pia União como catequistas, com a finalidade de verificar os resultados apresentados da ação das Filhas de Maria na formação de uma cultura educacional na cidade.

Um passo muito importante para este trabalho foi o de selecionar um tipo de pesquisa que desse conta de investigar as relações entre as integrantes da Pia União das Filhas de Maria e o contexto em que a irmandade existiu ou sequer encontrar um aparato teórico que respaldasse o desenvolvimento dessa pesquisa, porém um questionamento persistia: teria esta temática alguma contribuição para o meio acadêmico? Sendo o tema em questão pouco explorado nesse meio, talvez a justificativa desse fato seria a pouca importância do tema para o campo.

Somente após o contato com a obra de Antônio Gramsci e sua definição de “intelectual”, algumas considerações vieram à tona. Desta maneira é fundamental que as análises de Paolo Nosella da obra Gramsci, no livro “A escola de Gramsci” sejam levadas em conta aqui.

Nosella nos mostra que, para Gramsci, todos os homens são intelectuais, apesar de nem todos assumirem na sociedade a função de intelectuais (...). Apesar das atividades sociais serem distintas, todos os homens possuem, mesmo de maneira fragmentada, alguma cosmovisão, sob a qual baseia o seu comportamento moral e contribui ou não para manter ou mudar uma determinada forma de pensar (...). Quando Gramsci utiliza a noção de intelectual o faz referindo-se à categoria profissional, apesar de para ele não haver possibilidade de afirmar a existência de não-intelectuais. Cada homem exerce alguma atividade. (NOSELLA, 2014)

Gramsci também define as duas categorias de intelectuais, o orgânico, proveniente da classe social que o gerou, tornando-se seu especialista, organizador e

homogeneizador, e o tradicional, que acredita estar desvinculado das classes sociais. São os que nascem numa determinada classe que cristaliza-se, tornando-se casta; como exemplo mais típico, Gramsci cita os clérigos. (cf 1989, p. 23)

Tendo como inspiração o conceito que define o termo “intelectual” em Gramsci, é possível considerar as irmãs da Pia União como intelectuais tradicionais, já que sua formação se aproxima muito à de um clérigo, no que diz respeito ao conteúdo assimilado, já que eram educadas em colégios religiosos ou dentro da própria irmandade, como já apontado anteriormente.

Assim, uma hipótese potencial é a de que essas mulheres seriam detentoras de uma cultura católica e conservadora para os padrões de ensino laico e principalmente para a cultura escolar nos dias de hoje, contudo ser liberal ou conservador é algo que depende de um referencial e para os padrões da época, principalmente dentro de instituições católicas, essa postura pode ser tratada como comum e cotidiana.

Contudo, com base ainda na teoria de Gramsci, pode-se descrever o grupo das integrantes da Pia União das Filhas de Maria como empreendedoras de um trabalho intelectual, apresentando-se então essa temática ao mundo acadêmico de uma maneira em que o campo científico não pode negar a sua relevância, uma vez que, seja no exercício do catecismo, seja na função de mães de família, essas mulheres exerceram um trabalho intelectual como educadoras, que contribuiu para a formação de famílias ou nichos católicos conservadores ainda muito encontrados e distribuídos de maneira heterogênea por todo o Brasil com potencial e bagagem teórico-metodológica para propagar-se por gerações futuras.

Utiliza-se, ainda, nesta empreitada, além de documentos formais, fotografias, registros em jornais, portfólios de festas religiosas, santinhos de papel e outros tipos de trabalhos artesanais confeccionados pelas irmãs, pois grande parte da história católica, seja na voz dos historiadores ou dos não historiadores, foi registrada apenas pelos documentos formais. Fator que se justifica, por parte dos não historiadores, por

uma defasada crença no caráter subjetivo de documentos até a segunda metade do século XX, tidos como não formais.

Sendo assim, foi necessária a escolha de um referencial teórico que valesse como suporte para essa diversidade de documentos. É válido citar que Marc Bloch, em sua obra, “Apologia da História ou O Ofício de Historiador”, rebate essa crítica questionando qual não seria a subjetividade de uma fonte arqueológica. Mesmo assim, nunca foi colocado em xeque a sua importância enquanto fonte histórica.

Negava, assim, as crenças positivistas da total objetividade e o documento visto como fonte da verdade única, inquestionável, seria também impossível compreender a história abstraindo-se da sua dimensão temporal, “eterno continuum, perpétua mudança” (BLOCH, 2001, p.55).

Considera-se, portanto, os princípios da Nova História, pois acredita-se que a utilização de novos recursos como fontes historiográficas tem apresentado, não somente um rico repertório documental, mas também de grande valor pedagógico. Conforme explica José Carlos Reis na obra “Tempo, História e Evasão”:

A nova história privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Nesse sentido, os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, os considerados como antiobjetivos”. (REIS: 1994, p.126)

Ou seja, em consonância com José Carlos Reis, para além dos fins acadêmicos, a documentação levantada pode ser de grande utilidade didática, a partir do momento em que se assume que a exposição de fotografias, obras de arte, obras musicais, jornais, folhetos e periódicos do passado, podem levar os alunos a um questionamento sobre como eram a sociedade e a cidade de São João da Boa Vista, em tempos remotos.

Contudo, se um professor de História utiliza um projetor digital para mostrar a seus alunos uma imagem de como era a cidade onde ele vive, no século passado, e alcança seu objetivo na medida que o aluno se interessa por conhecer a sociedade local de cem anos atrás, é importante constatar que o que despertou a curiosidade do aluno não foi o projetor, mas sim o seu interesse vindo da capacidade de relacionar a imagem antiga com o contexto em que vive. Ou seja, quando se recorre a mecanismos inovadores para ensinar História, é preciso tomar cuidado para que os mesmos não tentem substituir uma boa seleção de fontes. Neste sentido torna-se de grande contribuição citar algumas palavras de Ester Buffa em seu artigo “A teoria em pesquisa: o lugar e a importância do referencial teórico na produção em educação”, onde a autora nos mostra que:

Hoje, já não se aceita mais um dos preceitos pressupostos pelo positivismo, o de que os dados não falam por si mesmos, eles falam desde que os interroguemos e, para fazê-lo, é necessário estar de posse de algumas ferramentas que, em nosso caso, são conceituais. (BUFFA, 2005, p.35)

De acordo com este pressuposto, acredita-se que uma aula pode ser inovadora valendo-se apenas de giz e exposição oral e, ao mesmo tempo, retrógrada dispondo dos mais variados aparatos tecnológicos. Assim sendo, está pesquisa não despreza nenhum tipo de recurso didático, seja de tecnologia avançada ou simples, desde que

apresente contribuição para os objetivos postos. Defende-se aqui o levantamento documental de imagens, obras de arte, cartazes, panfletos e portfólios.

Entretanto, visando uma maior objetividade neste trabalho, não se despreza a utilização de fontes formais, de modo que serão levadas em conta também atas de reuniões e registros oficiais.

Para tanto, é necessário desenvolver um estudo focado em fontes primárias e na criação de bases para estudos futuros e para o seu desenvolvimento.

Contudo, tais fontes não explicam por si só as oscilações na postura dos católicos na comunidade em questão. Assim, é necessário buscar compreender a rotina de funcionamento da Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista – SP, em busca de um maior detalhamento para as considerações aqui propostas; desta forma será preciso levar em conta trabalhos prévios de pesquisadores que estudaram a educação no Brasil.

Segundo Marisa Bittar em seu texto: “A pesquisa em educação no Brasil e a construção do campo científico”, o surgimento de aproximados 90 programas de pós-graduação em educação no Brasil entre 1965 e 2009, período subsequente ao recorte deste texto, apesar de ser uma grande conquista dos intelectuais da área da Educação para o país, trouxe novas questões, como por exemplo o grande número de repetições de assuntos.

Isto porque há um desconhecimento quase total, por parte de quem está iniciando a sua vida na pesquisa, sobre o que já foi produzido no passado, o que acarreta em escolhas de temas já repetidamente abordados ou mesmo de temas irrelevantes, o que, no final das contas, é um grande prejuízo ao avanço do conhecimento. (BITTAR, 2009, p.14)

A característica, ainda segundo a autora, seria o aparecimento de modismos que tentam, contrapondo o método dialético, criar rótulos para a pesquisa.

A crítica aos “velhos esquemas interpretativos” - positivismo e, principalmente, marxismo -, valorizando o fragmentário, o efêmero e o imaginário, impregnou o ambiente acadêmico no final dos anos 1980 e década de 1990. Na pesquisa em educação, se por um lado esses fatos provocaram a emergência de “novos paradigmas”, novos objetos de estudo e ampliação do conceito de fontes, por outro, suscitaram modismos, dispersão temática, recorrência de temas, pobreza teórica e inconsistência metodológica. (BITTAR, 2009, p.13)

Aqui a proposta é a de desenvolver um estudo-base possibilitando novas reflexões no campo dos estudos em história da educação fugindo de modismos.

O ideal almejado por este estudo se sintetiza e se inspira nas palavras de Octávio Ianni em aula transcrita por Mariluce Bittar:

O ideal é que a atividade intelectual seja a atividade que resolve problemas, que reponha problemas ou até que se abram novos problemas, o que é o ideal. Não se trata apenas de conhecer, de repetir os pensamentos que são estudados, as contribuições da dialética que foram discutidas. Trata-se de aperfeiçoar esse conhecimento e fazer o possível para repensar os problemas, tendo em conta a possibilidade de desenvolver alguma reflexão nova. (IANNI, 2011, p. 397)

Válido também é pontuar quais são os modismos que neste trabalho busca-se fugir; alguns deles ganharam destaque no campo científico internacional causando significativa polêmica. Observa-se o trabalho de R. Bogdan e S. Biklen, que crê na existência de um antagonismo entre uma pesquisa quantitativa, que lida com dados, estatísticas e números voltados para o geral e uma pesquisa qualitativa, que seria a única sagrada com o mérito de ir até o privado, sendo uma linha direta de dados

daquilo que é natural tentando entender o seu sentido, uma pesquisa única que trabalha com elementos únicos e necessariamente descritiva de forma que nenhum elemento poderia ser desprezado.

Assim, haveria um grupo distinto cujos investigadores se interessariam mais pelo processo do que pelos resultados em si realizando muitas vezes uma pesquisa intuitiva. (BOGDAN, R; BIKLEN, S, 1994)

Contudo, não deve haver distinção total entre eles pois quantidade e qualidade são elementos inseparáveis; quando falamos em quantidade estamos falando de algo (qualidade).

Já que esta pesquisa trabalha com fontes primárias contendo, desde dados numéricos até relatos pessoais e individuais, a explanação acima faz-se necessária na tentativa de demonstrar que o presente texto terá preocupação em não utilizar a criação de novos rótulos ou valores para tentar explicar documentos analisados, uma vez que tem-se o compromisso com a compreensão da posição ocupada pelas Filhas de Maria em seu próprio tempo.

Sendo este um trabalho com um recorte rigorosamente estabelecido no tempo histórico, ultrapassa a fronteira dos pesquisadores da história da educação no Brasil, é preciso que sejam consideradas obras e metodologias relevantes à história geral. Muito importante é a proposta de Jacques Le Goff, historiador da terceira geração da Escola dos Annales, que visa “a História vista de baixo”, ou seja, estudar aqueles que têm um papel relevante em um determinado contexto, mas, por questões sociais ou políticas, foram deixados de lado na construção da história tradicional, como é o caso das mulheres.

O historiador francês Jacques Le Goff mostra a importância que se deve dar às lacunas deixadas na história:

Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. A história tornou-se

científica ao fazer a crítica dos documentos a que se chama "fontes". (LE GOFF, 2003, p.109)

Deste modo, compreender este apontamento tem grande relevância, pois no campo da memória, a ação de esquecer é resultante do controle que os grupos dominantes exercem sobre os dominados, ou, nas palavras de Le Goff, que os vencedores exerceriam frente aos vencidos.

Existiam, como já foi dito, integrantes da Pia União pertencentes aos grupos sociais mais privilegiados economicamente, fator que pode gerar certa contradição ao se falar em uma história dos excluídos ou então dos vencidos, porém ao citar o trabalho de Le Goff, neste caso, a preocupação situa-se nos excluídos do campo científico, do grupo dos intelectuais e não do campo econômico.

Tal utilização da proposta de Le Goff faz-se possível tomando por inspiração as palavras de Ester Buffa em seu artigo "A teoria em pesquisa: o lugar e a importância do referencial teórico na produção em educação", em que a autora afirma que:

A partir dos anos 1991, por uma série de razões, entre as quais destaco o desencanto com o socialismo real, a influência da Escola dos Annales, da nova história, da sociologia francesa, da nova sociologia inglesa, os estudos mais panorâmicos foram sendo deixados de lado e os historiadores da educação preferiram privilegiar temas mais pontuais, circunscritos, singulares da escola que passou a ser encarada de vários pontos de vista: da cultura escolar considerada também na sua materialidade, das disciplinas escolares, das práticas educativas, das questões de gênero, de infância, dos ritos e cerimônias, das instituições escolares, da arquitetura, da organização do espaço escolar etc. O aspecto positivo dessa pluralidade temática e epistemológica diz respeito à ampliação das linhas de investigação, à diversificação teórico-metodológica e à utilização das mais variadas fontes de pesquisa. Para realizar essas pesquisas, categorias, procedimentos e fontes sofreram uma transformação. O conceito de fonte foi ampliado, passando a incluir não apenas a legislação e o pensamento educacional de grandes

educadores como se fazia outrora, mas, principalmente, cadernos de alunos, livros didáticos impressos escolares, fotografias, plantas etc. (BUFFA, 2005, p.36)

Já que este trabalho propõe uma utilização de fontes que estão muito além dos limites impostos pelo positivismo, como já foi citado anteriormente, afirma-se o grande valor de colher inspiração nos teóricos da Escola dos Annales.

Assim sendo, é preciso que se leve em consideração um breve levantamento da história da sociedade sanjoanense daquele tempo e da história da Pia União das Filhas de Maria.

De modo geral, tenta-se demonstrar que a Pia União Das Filhas de Maria está presente na história de São João da Boa Vista, e é relevante para a história do catolicismo e da cultura social cristã local. Entretanto, ao desenvolver este projeto, foi de grande importância a compreensão do papel socioeducacional da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista em seu tempo, fazendo então o percurso oposto realizado até o momento pela escassa historiografia de São João da Boa Vista, tendo como base os ainda não explorados documentos sobre a extinta associação.

Desse modo, faz-se um levantamento de fontes, das mais variadas, com um olhar didático para que os frutos deste trabalho possam servir de recurso pedagógico para o estudo da história do catolicismo na cidade de São João da Boa Vista, uma vez que o Museu de Arte Sacra da Diocese local possui um grande acervo, mas nenhuma iniciativa pedagógica foi proposta para que o mesmo possa oferecer ou receber materiais que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem nas instituições de ensino locais.

Assim, fez-se aqui a divisão da proposta deste trabalho em quatro capítulos. No primeiro deles intitulado: *A presença feminina na sociedade e na educação no séc. XX*, é empenhada uma busca por um entendimento sobre o momento e o lugar em

que a mulher se manifestaria na sociedade educacional do século XX, investigando motivações individuais e coletivas impulsionadas por um cerceamento dos direitos da mulher até certo ponto na História.

No segundo capítulo, que tem por denominação: *Pia União das Filhas de Maria como expressão do Catolicismo Romanizado* é realizada uma revisão historiográfica em busca da compreensão do contexto histórico em que a Pia União existiu, juntamente a um entendimento da sua relação com a história da Igreja Católica daquele período e a contribuição das associações católicas para tal momento, enfatizando ainda outros fenômenos ocorridos dentro da Igreja Católica no mesmo período, paralelos à Pia União.

No terceiro capítulo, que tem por título: *São João da Boa Vista: estrutura econômica, política e religiosa*, é feito um mapeamento da cidade investigada por este trabalho, no intuito de dar suporte à compreensão das especificidades e maneira com que a Pia União se insere, se manifesta e se adequa aos moldes da cidade em questão no período do recorte deste trabalho.

Por fim, no quarto capítulo, com o título de: *A Pia União das Filhas de Maria na sociedade de São João da Boa Vista*, é apresentada a configuração da associação explorada no capítulo 2 ao se inserir na cidade investigada no capítulo 3, promovendo um balanceamento dos dados coletados por esta pesquisa na tentativa de contemplar a problemática inicial que se pautava pela compreensão das contribuições da Pia União das Filhas de Maria para a sociedade e cultura católica de São João da Boa Vista no contexto de sua existência.

Capítulo 1 – A presença feminina na sociedade e na educação no séc. XX.

Na obra *Igreja e Educação Feminina*, Ivan Aparecido Manoel trata das associações cristãs educacionais femininas na região metropolitana de São Paulo. Porém, sabe-se que no período ao qual este projeto retoma, o ensino associado à religião não se resume às regiões metropolitanas. Assim, propõe-se trabalhar com a questão feminina no ensino associado à religião no interior de São Paulo, já que no recorte explorado por este trabalho a Igreja Católica não mediu esforços para demonstrar que ela acreditava que o catecismo não era apenas uma obrigação da Igreja, mas sim da família, como procuravam desempenhar as Filhas de Maria na qualidade de mães, e também das instituições de ensino como empenharam-se estas mulheres enquanto professoras.

Desta forma foi descrito pelo Papa Pio XII em sua *Radiomensaje De Su Santidad Pío XII Con Motivo De La Clausura Del Congreso Catequístico De Barcelona*:

O mundo sofre males dolorosos, mas poucos tão expressivos como a ignorância religiosa, em todas as classes; a sociedade apresenta como solução remédios energéticos, mas poucos tão eficazes como a divulgação do Catecismo. Os pais no calor da casa, professores na seriedade da escola, os sacerdotes no santuário do templo e todas as partes podem e devem prestar à humanidade um serviço inigualável de, juntamente com o Catecismo, levar às novas gerações os tesouros da doutrina católica e formá-las embanhadas em espírito cristão, no amor, na verdade, na justiça, na caridade do Evangelho e no amor de Jesus Cristo, para que se constitua a partir desta juventude, um futuro de paz. A única paz digna desse nome é paz cristã. (RADIOMENSAGE, 1946, tradução nossa).

Em concordância com Ivan Aparecido Manoel, isto reafirmaria a doutrina cristã da Igreja Católica, que já havia conquistado considerável força no contexto mencionado.

Apesar dos esforços do Estado em institucionalizar o ensino leigo neutro nas escolas públicas, logo este percebeu que encontrava na Igreja uma grande e “[...] forte aliada e soube negociar à altura. A Constituição de 1934 acatou e institucionalizou várias pretensões católicas, entre os quais a faculdade de ensinar religião na rede pública e o financiamento e subvenção oficial para sua rede escolar.” (MANOEL, 1988, p.144)

Segundo Ivan Aparecido Manoel em sua obra “Igreja e Educação Feminina”, considerável parte das moças de classe média e alta no Brasil do início do século XX, possuía boa educação musical, o que se traduz por domínio de um instrumento musical (piano em sua grande maioria), leitura à primeira vista e noções de composição. Contudo, raramente essas mulheres ganhariam projeção no cenário cultural da época, pois sua educação, de modo geral, era voltada para o que se entendia como bons costumes naquele contexto, não provendo a estas o reconhecimento como musicistas. (MANOEL, 2002).

1.1 O trabalho com mulheres de uma classe social economicamente privilegiada

Admite-se que esta é uma pesquisa que se preocupa com uma camada social culturalmente privilegiada para a época, uma vez que ainda não havia propostas amadurecidas para a democratização do ensino.

Esta camada social se destaca com relação à posse de uma formação capaz de legar registros para o estudo da formação de uma cultura social que se projeta nos dias de hoje e apresenta reflexos na cultura popular. Acredita-se que essa passagem do legado cultural das elites que compunham a sociedade sanjoanense no início do século XX seja fruto das relações sociais entre as diversas camadas desta comunidade.

Pensando numa pirâmide econômica vista de cima para baixo, onde o topo é composto pela elite e a base pela população provida de poucos recursos financeiros, a Igreja Católica, dada a sua tradição na cidade, configurou-se como um dos principais espaços de convergência entre o ensino tradicional das décadas em questão e a cultura popular na sociedade sanjoanense contemporânea.

1.2 A Pia União contextualizada na história da mulher no século XX.

É de grande valor aqui levar em conta os estudos de Saviani sobre o catolicismo nos tempos da colonização, pois embora o autor trabalhe com o catolicismo em um recorte diferente, seus apontamentos em “Educação e Colonização: as ideias pedagógicas no Brasil” são completamente plausíveis e aplicáveis para o recorte desta pesquisa.

A concepção pedagógica tradicional se caracteriza por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência humana e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência humana é considerada, pois, criação divina. Em conseqüência, o homem deve se empenhar para fazer por merecer a dádiva sobrenatural. (SAVIANI, 2004, p. 127)

Deste modo, quando se tenta construir uma história geral do cristianismo no Brasil, é bastante plausível que esta irmandade feminina seja de grande relevância, como já foi feito em outros contextos onde a história das mulheres e a história da vida privada não eram valorizadas.

Capítulo 2 – Pia União das Filhas de Maria como expressão do Catolicismo Romanizado

A Igreja Católica promoveu três importantes concílios que teriam grande importância no sentido de explicar o caráter oportuno do momento em que a Pia União das Filhas de Maria foi consolidada em detrimento de qualquer outro.

O primeiro entre os três foi o Concílio de Trento em 1545, portanto no século XVI; objetivava dar uma resposta às reformas protestantes. Na ocasião, enquanto a Europa mergulhava no mundo moderno, o catolicismo, após questionar suas próprias bases, acaba optando por uma postura muito mais conservadora do que ela própria havia demonstrado até o momento, com a moralização dos costumes da igreja, reafirmação dos sete sacramentos e a reativação do Tribunal da Santa Inquisição. Todos estes exemplos nunca desativados oficialmente, mas há muito não empreendidos com notável vigor pela Igreja Católica.

Os católicos faziam isso para distanciarem-se e, ao mesmo tempo, diferenciarem-se do seu principal concorrente, o protestantismo. Pois não era, naquele momento, estratégico investir na tentativa de se assemelhar aos primeiros reformadores, uma vez que isto significaria tentar vencer o adversário valendo-se de sua própria estratégia.

Cabe aqui citar o trabalho de um importante pensador sobre a história do cristianismo na educação. Mario Manacorda na obra: “História da Educação: da antiguidade aos nossos dias”, nos mostra que:

Talvez a melhor medida do quanto a iniciativa educativa já se passara para os países reformados sejam as intervenções papais, mais ou menos contemporâneas da Dieta de Augusta. Isto não significa que falte na parte católica uma intensa e multiforme atividade educativa. Ao contrário. Mas no seu conjunto, o espírito da Contra-Reforma católica (nome discutível para um fenômeno tão complexo, mas convém conservá-lo) é caracterizado por uma

defesa tão intransigente da prerrogativa da Igreja Católica sobre a educação, que acaba envolvendo na condenação tanto as iniciativas alheias à extensão da instrução às classes populares como toda inovação cultural. Basta lembrar a resistência, compreensível dentro da polêmica sobre o livre-arbítrio, contra a difusão do conhecimento das Sagradas Escrituras entre as classes populares. Seria profundamente errado subestimar o grande esboço educativo realizado nos países católicos e, em particular pela Igreja Católica nesse período; é preciso, porém reconhecer que os caminhos do futuro são bem diferentes do que aqueles trilhados por eles. (MANACORDA, 1992, p.200)

Assim, observamos que a Igreja Católica, por vezes, colocou-se na contramão do caminho que a modernidade seguia, não por falta de consciência ou capacidade para tornar-se parte de tais mudanças, mas por acreditar que o seu poder de influência poderia manter-lhe uma condição de supremacia mesmo nessa sociedade em transformação. Tanto que o segundo concílio que aqui será mencionado vem, não para trazer uma grande mudança, mas para demonstrar o quanto este impasse entre o catolicismo e a modernidade seria duradouro. O Concílio do Vaticano I, proclamado por Pio IX e realizado entre os anos de 1869 e 1870, terá como objetivo reforçar os princípios assumidos pelo concílio anterior, criando uma constituição dogmática, a *Dei Filius* que reforçava as bases do Ultramontanismo, princípio católico que exaltava o poder da Igreja centralizado em Roma, em detrimento das demais regiões e um dos principais pedestais do que chamamos de processo de Romanização da Igreja Católica.

Em contrapartida, no final do século XIX e começo do século XX, graças à Revolução Industrial, as fábricas começaram a prosperar, mas essa prosperidade do capitalismo se tornou abusiva. Trabalhadores se viram em condições cada vez piores, recebendo baixos salários e trabalhando por um período extenso.

Não tinham nenhum direito, a não ser o de receber seu salário. Mas a competição por emprego crescia e fazia com que os trabalhadores prejudicassem uns aos outros, aceitando trabalhar por um salário cada vez menor. Os direitos de licença por doença, férias remuneradas e aposentadoria fazem parte da nossa época.

Naquele tempo, a ausência no trabalho resultava em demissão, e claro, sem nenhuma compensação. Como o pagamento não era suficiente para sustentar uma família, muitas vezes mães e crianças eram obrigadas a trabalhar com seus maridos e pais, às vezes, de 12 a 16 horas por dia.

Para solucionar esse problema teórico surgiu o Socialismo científico, que propunha a equivalente distribuição de bens entre os cidadãos, não apenas contrariando o direito de legitimidade dos “donos” mas também a competição e o papel do Estado.

A Igreja teve sua resposta para esse problema tentando reconciliar trabalhadores com empregadores, e unindo os trabalhadores para que, juntos, pudessem melhorar as condições de trabalho, tornando-as mais justas e atendendo às necessidades de cada pessoa. Assim, no mesmo contexto em que o processo de Romanização e o Ultramontanismo encontravam-se no auge, surgiria o embrião da Doutrina Social Católica, também muito válida em ser explorada por este trabalho, uma vez que coexiste no mesmo contexto da Pia União.

Um dos documentos mais importantes para a base desta Doutrina Social viria pelas mãos de uma das mais importantes figuras dos tempos modernos, Papa Leão XIII, com sua encíclica *Rerum Novarum*.

O impacto da *Rerum Novarum* foi tão grande que outras encíclicas a homenagearam, como *Quadragesimo Anno* que comemorou os 40 anos da *Rerum Novarum* e a *Centesimus Annus* que comemorou os 100 anos. Essa é a prova de uma importância duradoura da encíclica.

Mas por que ela foi tão importante? Não apenas porque é uma grande encíclica, mas pelo seu valor nos ensinamentos da Igreja.

A industrialização só acarretou problemas ao invés de resolvê-los. Os trabalhadores logo começaram a ter reações e demonstrações de violência. Tinham que aceitar aquelas condições – quase de escravidão- ou enfrentar a possibilidade de fome para toda a família.

Sem dúvida, nesse contexto, a ideologia marxista teve grande expressão. Foi uma luta de classes, luta de poder: ricos contra pobres, burguesia contra proletariado.

A Rerum Novarum dizia o contrário, pregava que trabalhadores e empregadores deveriam viver em harmonia pois um precisava do outro. Como um intermediário poderoso, a Igreja traz as duas classes juntas fazendo com que se lembrem de seus deveres com a justiça.

O trabalho não só traz o pão, mas traz a dignidade para cada indivíduo. Porém, segundo a Rerum Novarum, o socialismo tira a dignidade do trabalho e considera apenas a obtenção do pão. Tirando o direito de propriedade, o socialismo nega ao pai o direito de prover a sua família, destruindo a organização familiar. Essa é uma grande injustiça para os empregados, que os impede de colher o fruto do seu trabalho.

Essas afirmações vinham de encontro a uma das mais fundamentais motivações desta encíclica: combater o ateísmo e a luta de classes defendidos pelo socialismo.

Leão XIII não usou exatamente a expressão “dignidade do trabalho”. Essa é uma terminologia usada por João Paulo II no *Laborem Exercens*. No entanto é válido notificar que essa essência é encontrada na Rerum Novarum.

A finalidade do trabalho, como foi dito, não é apenas de subsistência, mas sim permitir que o trabalhador possua suas coisas. Ele tem o direito de receber seu salário e utilizá-lo como bem entender. O tipo de propriedade privada mencionado por Leão XIII não se referia apenas a terras, mas se estendia a tudo ligado ao desenvolvimento pessoal e de sua família.

A propriedade dá ao homem independência, é como uma extensão da liberdade. Num sistema de troca, faz com que uns ajudem aos outros. Quem não tiver nada não doa nada.

Pode-se concluir que a propriedade privada é um direito natural do homem. Os animais se utilizam dos bens da natureza livremente. E se a eles são dados esses bens, os homens, que são superiores, têm o direito de usá-los regularmente e

perpetuamente, pois ele foi privilegiado com a inteligência e racionalidade, as quais os animais não possuem.

O instinto natural leva o homem a se unir, assim formando uma sociedade civil na qual o objetivo é o bem comum. Dentro da sociedade, associações privadas se erguem, com a finalidade de beneficiar os participantes. Hoje em dia, as associações de trabalhadores são bem maiores do que antigamente. (LEÃO XIII, 1968)

No tempo do Papa Leão XIII, as associações de trabalhadores se formavam para lutar contra empregadores injustos. Alguns cristãos se dedicaram a associações para melhorar, por meios honestos, as condições dos trabalhadores e sua relação com os patrões. Católicos ricos se uniram a essas associações e as ajudaram a se propagar. O principal benefício que deveriam procurar era a perfeição moral e religiosa, pois o católico busca a Deus e tudo que por Ele é oferecido. Essas associações deveriam dar grande importância à religião, para que todos os trabalhadores conhecessem seu dever com Deus e o caminho da salvação, e assim encorajar uns aos outros. Essas instituições também ajudavam na distribuição do trabalho, responsabilidades e dos bens e ajudava a melhorar a relação entre empregados e chefes.

A *Rerum Novarum*, escrita pelo Papa Leão XIII, de 15 de maio de 1891, tinha por objetivo atacar diretamente o socialismo. Embora defendesse a formação de sindicatos pelos trabalhadores, ela diz que o problema vem de duas fontes: horas excessivas de trabalho e baixos salários. A solução seria ajustar o salário conforme a carga horária. A *Rerum Novarum* direcionou-se a todos os bispos católicos e se preocupou com os deveres religiosos; na prática, significava deixar os domingos livres para exercer o culto a Deus.

Esta encíclica certamente é uma das mais importantes a serem citadas e detalhadas quando se tem claramente o objetivo de se chegar a uma contextualização histórica das associações católicas, pois ainda que sejam filhas do Ultramontanismo e da Romanização, coexistiram no mesmo contexto em que ganha força dentro da

Igreja a Doutrina Social Católica cuja encíclica Rerum Novarum apresenta-se como um documento base.

2.1 A Doutrina Social Católica e a Romanização: coexistência de convergências e divergências em um mesmo contexto histórico.

Para iniciar as discussões neste tópico é válido demonstrar que as próprias Filhas de Maria tinham consciência da coexistência desses dois segmentos católicos em um mesmo contexto. Carmela Edvirges Lombardi, apresenta o seguinte relato, comparando a Ação Católica, filha da Doutrina Social e a Pia União das Filhas de Maria, nascida da romanização:

eu não participei da Ação Católica, mas eles iam mais de encontro, por exemplo, com a realidade. Tinham um trabalho de evangelização de acordo com realidade. Então, por exemplo: era a JAC, Juventude Agrária Católica, a JEC, Juventude Estudantil Católica, JUC, Juventude Universitária Católica e JOC, Juventude Operária. Então eram formados assim, por grupos de atividades em comum. Por exemplo: os estudantes se reuniam em torno dos problemas dos estudantes, o que ajudava o estudante a viver como cristão. E assim a agrária, a universitária foram se formando. Lideranças católicas cristãs procurando um testemunho num ambiente: o ambiente estudantil, o ambiente agrário, vivendo o anúncio do Evangelho. Vivendo a beleza do Evangelho. (...), a Pia União era uma associação, como eu vou dizer... uma associação mais de piedade e de devoção a Nossa Senhora. Se bem que tinha também o lado de ação da Pia União. No meu tempo foi muito bonito esse trabalho. Era o trabalho que elas faziam: bazar; então, durante o ano todo costuravam, bordavam, faziam crochê, tricô e iam guardando aquele trabalho todo. E no final do ano elas faziam uma exposição muito bonita e

com trabalhos belíssimos. O padre anunciava na igreja que haveria o bazar da Pia União das Filhas de Maria. (Villela, 2015).

Mesmo que sejam a Doutrina Social e a Romanização, segmentos opostos, o fato de terem coexistido dentro da mesma Igreja e no mesmo contexto pode-se crer que uma tenha tido influência sobre a outra.

Estudamos ao longo deste trabalho o projeto que o Ultramontanismo, através das associações católicas tinha para com as mulheres e crianças. É válido citar que a sua concorrente, a Doutrina Social também tinha seu direcionamento para com esses grupos.

Na encíclica *Rerum Novarum* que se liga diretamente à doutrina social é defendido que um cuidado especial a ser tomado com as mulheres e os jovens. Não poderiam ser admitidas crianças que não estivessem suficientemente desenvolvidas fisicamente, moralmente e intelectualmente. Alguns trabalhos não eram apropriados para mulheres pelo seu tipo físico, que era diferente do homem. Como uma regra geral, todos deveriam descansar o suficiente para manter a força. Todos os contratos deveriam possuir descanso, para evitar a exaustão e prover tempo para a dedicação religiosa.

Salários seriam fixados por um acordo entre as duas partes, empregador e empregado. Os salários não deveriam ser menores do que o mínimo necessário para a subsistência, o que é naturalmente justo.

Se analisarmos hoje em dia, essa medida, colocada em prática por muitos países, teve o respaldo desta encíclica. O Socialismo foi muito criticado em vários documentos papais. A Igreja observou a postura do Socialismo quanto a prover as necessidades básicas humanas pautando-se pela emancipação do indivíduo através do conhecimento que o libertaria de uma condição social desprivilegiada na sociedade. A mesma crítica, entretanto, é balanceada pela forte oposição da Igreja à

não restrita economia de mercado e a ideia europeia do liberalismo político, como nos apresenta Eliani de Moura Silva no artigo “Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais A Lanterna e O Livre Pensador (1900 – 1909)”:

É possível pensar que, dentro do ecletismo que caracterizava o universo cultural do período, as diferentes tendências eram um reflexo das lutas e dos confrontos de ideias internas aos grupos e tendências liberais. O espectro era amplo e ia de um liberalismo conservador, autoritário e antidemocrático em franca conciliação com a Igreja Católica a grupos minoritários sempre mobilizados, que denunciavam e propunham transformações radicais da sociedade. (SILVA, 2012, p.87).

Apesar da força adquirida pela Doutrina Social, neste contexto, as preocupações da Igreja Católica irão se direcionar para assuntos fundamentais para o surgimento da Pia União.

Se, por um lado, *Rerum Novarum* dava uma resposta da Igreja Católica para as contradições sociais aguçadas pela Revolução Industrial, alguns anos antes da publicação desta encíclica, mais precisamente em 30 de setembro de 1864, era arquitetado em Roma, na Basílica de Santa Inês o projeto romanizador que criaria o modelo de confraria religiosa direcionada ao apostolado leigo pelas mãos do cônego regular Alberto Passéri.

Esta Pia União de Roma foi submetida à apreciação do papa Pio IX e, depois de aprovada, foi elevada à Primária, o que significa que todas as outras Pias Uniões das Filhas de Maria que viessem a surgir ao redor do mundo deveriam estar subordinadas a ela. Desde o início, a Primária romana da Pia União das Filhas de Maria e suas agregadas, receberam da Sé Apostólica grande deferência, e o Papa tratou de conceder inúmeras indulgências a esta confraria.

A Igreja desejava criar um padrão para o seu fiel para que ele se diferenciasse dos demais cristãos reafirmando o lugar da Igreja Católica diante de uma sociedade onde ela já não representava mais o único segmento religioso. Isso fez com que partissem de Roma incentivos à criação de grupos de piedade para leigos focados na rejeição do mundo moderno.

Antes de começar a enunciar os grupos que surgiram no Brasil impulsionados por este período conturbado é válido citar que o espaço e o papel dessas organizações de fiéis teriam no Brasil uma característica peculiar, pois nos demais países católicos do mundo, como nos mostra Riolando Azzi e Klaus van der Grijp no livro “História da Igreja no Brasil – Terceira Época – 1930-1964”:

Enquanto o poder hierárquico constituía o eixo central da instituição, os institutos religiosos situavam-se, com frequência, nas áreas de periferia e de fronteira, mais atentos aos novos problemas, bem como às mudanças na realidade social, tornando-se, desse modo, um poderoso estímulo para a renovação católica.

No Brasil, porém, paradoxalmente, a força exercida pelas múltiplas ordens e congregações atuou muito mais no sentido de conservação de valores. (AZZI & GRIJP, 2008, p.525).

Esta era uma saída encontrada pela Igreja Católica em um momento ainda de adaptação ao republicanismo. Considera-se que, outrora, o clero teve completo apoio do Estado para se afirmar em troca do respaldo do padroado que contribuía para a legitimação do poder real, em um contexto em que a História Civil estava articulada à História Sagrada (MEC/SEF, 1997). Após 1934, com a nova constituição republicana que afrontava as antigas oligarquias nas quais ainda engendrava-se resquícios do Império, a Igreja Católica Brasileira viu nas associações de fiéis uma forma de isolar os seus adeptos do vasto leque de novas ordens religiosas que ganharam força a partir de então.

2.2 A organização dos grupos católicos no Brasil

Dentre os grupos que surgiram a partir daí, é válido citar a Ação das Mulheres, um pioneiro grupo feminino servindo como uma influência para o surgimento das Filhas de Maria, e o Apostolado da Oração por ser o único a se fazer presente ainda nos dias de hoje, de acordo com o que foi relatado por Cândida Umbelina, ex-integrante da Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista, em entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini:

hoje não tem associação nenhuma mais na Catedral, a única é o Apostolado da Oração; também sou do Apostolado da Oração. (UMBELINA, 2014).

Após o referido contexto, perderam espaço para outras organizações de fiéis resultantes do ganho de força da Doutrina Social Católica, dentre os quais vale destacar a Ação Católica, que representou um início de diálogos com a modernidade e uma alavanca para o surgimento de grupos de jovens tais como a JAC (Juventude Agrária Católica), a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JIC (Juventude Independente Católica), a JOC (Juventude Operária Católica) e a JUC (Juventude Universitária Católica), que nada mais são do que a Ação Católica especializada.

Todos estes ganharam força no contexto histórico do Regime Militar Brasileiro (1964 – 1985) ao mesmo tempo em que a Pia União já se encontrava em avançado estágio de decadência.

Somando-se a todos esses feitos, o diálogo com a modernidade impulsionado pela Ação Católica ajudou a desembocar no Concílio do Vaticano II, o último dos três mencionados, ocorrido entre 1962 e 1965 e que estabeleceu um diálogo bastante durável e ao mesmo tempo tardio com a modernidade. Neste momento, a

padronização do perfil do fiel católico deixou de ser uma preocupação central da igreja, de tal forma que a Pia União, em foco neste trabalho, entre outros grupos com a mesma preocupação, começaria a perder a sua essência.

Até o século XIX, predominava o catolicismo ultramontano caracterizado pela hegemonia de Roma sobre todas as províncias católicas apostólicas conhecidas. Ao final do século XIX e início do XX houve uma drástica expansão do número de dioceses, o que significou uma notória fragmentação tanto no poder dentro da Igreja Católica quanto em sua gestão.

Nas regiões onde foram instaladas dioceses houve uma paroquialização do poder eclesiástico. Tal regionalização possibilitou o aparecimento de algumas entidades leigas e independentes de Roma. Entre elas, destacou-se a Teologia da Libertação que visaria não só a emancipação material do indivíduo, mas também a sua emancipação intelectual. Como nos mostrou Amarílio Ferreira Jr em seus estudos sobre o catolicismo no regime militar brasileiro (1964 – 1985), no artigo “Do contexto ao texto: a ditadura militar e a obra: “colonização e catequese””:

O cerne da epistemologia gerada pela teologia da libertação estava centrado numa equação que tinha que satisfazer, segundo a concepção cristã, os valores respectivos de dois domínios concernentes à existência humana: a salvação escatológica e a libertação histórica. Com relação à primeira, a salvação da alma, o seu reencontro com o “criador no paraíso celestial”, só seria possível por meio da remissão dos pecados gerados pela carne; e quanto à segunda, a libertação histórica somente ocorreria quando os oprimidos desvencilhassem os próprios corpos do jugo da exploração imposta pelas classes dominantes no processo de produção da riqueza material. Assim, o corpo (libertação parcial/mortalidade) e a alma (libertação integral/imortalidade) seriam redimidos pela práxis dos cristãos que revolucionaria a sociedade terrena e pavimentaria a estrada de acesso ao “Reino de Deus”. Desse modo, as duas dimensões justificadoras do modo de ser dos homens estariam fundidas num único processo histórico. (FERREIRA JR, 2006, p.13)

A Teologia da Libertação, uma vez que já bem estruturada, viria a favorecer a receptividade da Juventude Católica já anteriormente mencionada (JAC, JEC, JOC e JUC), que, por sua vez, se relacionaria com os ideais libertários do socialismo científico e assim constituindo um importante grupo de contextualização ao regime militar brasileiro, como nos apresenta Amarílio Ferreira Jr, no artigo “Do contexto ao texto: a ditadura militar e a obra: “colonização e catequese””:

Os cristãos adeptos da teologia da libertação contribuíram com a guinada à esquerda que a Igreja Católica brasileira assumiu após o golpe de Estado de 1964. Assim, lentamente a Igreja foi se deslocando da esfera de influência ideológica das forças que davam sustentação ao regime militar e, ao mesmo tempo, colocando-se em oposição à natureza ditatorial do regime político que ajudara implantar. (FERREIRA JR, 2006, p.5)

A parceria entre os católicos e os militantes dos movimentos sociais contra o regime militar brasileiro, poderiam ter ocorrido devido ao fato de que a Igreja preza pela vida humana, ou contra a desigualdade social trazida pelo regime, ou porque o regime há tempos já havia se distanciado dos ideais de “família” que, durante algum tempo, soaram positivamente aos ouvidos dos católicos e, além disso, ainda pode-se fazer muitas suposições, porém esta união só ocorreu devido ao fato de que os ideais de libertação para os católicos e para estes movimentos se cruzaram neste período. Como nos mostra Flávio Monhós Sofiati na obra: *Juventude Católica – O Novo discurso da teologia da libertação*:

Nesse período os movimentos populares recrutaram muitos líderes da IC e ajudaram a criar um ambiente de questionamento e inovação nos trabalhos pastorais entre as classes populares. Esses acontecimentos levaram grande parte da instituição a assumir uma posição de denúncia do sistema capitalista

e das injustiças sociais, em defesa dos “pobres” e “excluídos”. (SOFIATI, 2012, p.128).

Mas não foram apenas em casos de manifestações populares que os católicos se fizeram presentes na política. No tópico seguinte serão levantados alguns momentos relevantes para esse trabalho em que os católicos comungaram com a política brasileira.

2.3 Os movimentos católicos e a política no Brasil.

Não é estranho nem inédito que a Igreja esteja ligada a ideais políticos; mais do que uma coincidência ou um jogo de interesses, a formação nacional do Brasil tornava necessária a relação política entre Estado e Igreja, pois a Igreja Católica foi instalada como o motor capaz de gerar o poder do Estado. Sobre isto é muito válido citar os apontamentos de Thomas Bruneau no livro “O catolicismo Brasileiro em época de transição” que traz um interessante mapeamento sobre a postura da Igreja católica em momentos de conturbada situação política no Brasil:

A Igreja no Brasil, e em outros países latino-americanos, foi fundada num modelo que lhe proporcionava o poder do Estado para a criação e manutenção de influência, de modo que não havia necessidade real de criar bases autônomas para a influência da religião. Uma vez estabelecido esse modelo, e em virtude da fraca ligação Roma-América Latina durante três séculos, as Igrejas dependeram quase que exclusivamente do Estado para orientação e apoio. (BRUNEAU, 1974, p.414).

Antes mesmo do processo de paróquialização e num momento onde, até então, a política brasileira era dominada pelos coronéis na chamada Velha República, é curioso citar que a Igreja Católica apresentava uma participação política bastante diferente e distante de respaldar movimentos sociais; em meados de 1930, alinhava-se com as elites:

É significativo que nesses tempos de intranquilidade civil as autoridades se voltassem para a Igreja como um meio de aumentar a sua legitimidade aos olhos do povo. Parece-me exato afirmar que a alienação da Constituição da realidade nacional se tornou cada vez mais óbvia com a intranquilidade social e a instabilidade política: a elite procurou, então, o apoio da Igreja. (BRUNEAU, 1974, p.77).

É bastante curioso também o fato de que a Igreja Católica se fez presente na constituição de 1934, dando apoio à criação do Partido Integralista, partido este cujos ideais não se assemelhavam aos dela. Paradoxo ainda mais evidente, verificou-se em um contexto seguinte, na década de 80, quando se pensa no relevante apoio ao Partido dos Trabalhadores, com o qual os católicos conjugariam na penúltima década do século XX. Contudo, se observarmos as utopias integralistas, notaremos que sua aliança aos católicos pode ser vista como um momento de transição e transformação das bases da Igreja Católica brasileira.

Fundada em outubro de 1932, no alvoroço das idéias revolucionárias, a Ação Integralista Brasileira cresceu rapidamente com um discurso nacionalista, espiritualista, anticomunista e contrário ao espírito burguês do capitalismo. Pregava um estado sem partidos políticos, baseado na representação clássica, em moda então. Na prática, a AIB era voltada para a ação social, a educação moral, cívica e física de seus membros, e com esse objetivo realizava cursos profissionalizantes e teóricos em diversas áreas da educação. (FERREIRA, 2006, p.9).

Deve-se dar, ainda, ao Integralismo a devida importância à sua repercussão, capaz de igualar-se até mesmo ao comunismo comumente associado à totalidade da esquerda no Brasil, ou até mesmo, ao varguismo em vigência no poder naquele momento. Assim, é de grande relevância, ao tratar da história do integralismo, mencionar o seu enlace ao catolicismo. Todavia, o integralismo, durante o auge do alvoroço das idéias revolucionárias, como nos apresenta o texto acima citado, conseguiu ter uma abrangência muito maior do que possa parecer. Aqui nos valemos das pesquisas de Jéferson Rodrigo Tagliavini Savignado e João Virgílio Tagliavini em história regional sobre o catolicismo comungando com o integralismo na obra: “Oswaldo, um católico integralista”, onde os autores nos apresentam o pensamento de Oswaldo Tagliavini, onde o Integralismo, sem dúvida alguma, teve apoio dos católicos com destaque para os:

Estados de São Paulo, Rio, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo e alguns Estados do Norte e do Nordeste. O Integralismo somente foi comparado com o fascismo e o nazismo por causa do uso da camisa verde, cuja cor foi oficializada pela direção do Exército Nacional, com a cor verde-oliva, como poderá ser encontrada no livro de Plínio: “O Integralismo perante a Nação”, onde poderão ser encontrados todos os documentos necessários para saber o que foi e o que fez a Ação Integralista Brasileira, em apenas 5 anos de existência. É deixarmos de lado a preguiça mental e o covarde preconceito e não falarmos como os papagaios que não sabem o que falam porque repetem maquinalmente o que ouvem continuamente. (SAVIGNADO & TAGLIAVINI, 2005, p.86).

Tais fatos curiosos foram possibilitados e chegaram a acontecer devido a mudanças internas na própria estrutura da Igreja Católica que começariam a formar as bases da Teologia das Libertação.

A partir dos anos 1930, há uma alteração significativa na postura católica com relação à pobreza, pelo menos em centros urbanos mais influenciados pelos conceitos da Modernidade. Embora o discurso eclesial continue pregando o amparo à população desvalida, em função do princípio caritativo, existe também a insistência para que essa prática assistencial seja conduzida de forma mais racionalizada, mediante a utilização de técnicas adequadas. Dessa forma, por um lado, seriam atendidas as pessoas verdadeiramente carentes e necessitadas, e, por outro, melhor aproveitados os recursos disponíveis, a partir da noção de que não basta apenas remediar as situações de indigência e enfermidade, é preciso criar medidas preventivas. É nesse contexto que surge o Serviço Social, em grande parte impulsionado pela própria instituição eclesial. (AZZI & GRIJP, 2008, p.21).

Tais mudanças seriam tão significativas e tomariam tamanha proporção, que em 1980, mais um outro grupo de leigos da Igreja, a Juventude Operária Católica, proveniente da Ação Católica especializada, se fez presente na criação do Partido dos Trabalhadores (PT). Vale ressaltar que o grupo ora mencionado, juntamente com o movimento operário do ABC paulista mais um grupo de revolucionários que lutou contra o regime militar se constituíram nas três principais forças que deram origem à fundação desse partido.

Foram os católicos de esquerda, defensores das teses marxistas sobre a história da sociedade dos homens, que se engajaram nas causas sociais geradas pelas contradições do capitalismo. A militância política em defesa dos pobres e excluídos da sociedade brasileira, que se modernizava de forma célere, levou uma parte substantiva do clero católico a se empenhar na construção de organizações como: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que contavam “por volta de 70.000 abrangendo cerca de 4 milhões de cristãos”; o Partido dos Trabalhadores (PT), após a reforma partidária de 1979; a Central Única dos Trabalhadores (CUT), no início da década de 1980; e a Pastoral da Terra, que mais tarde deu origem ao Movimento dos Sem Terra (MST). (FERREIRA JR, 2006, p.7)

É válido ressaltar que naquele momento os ideais de liberdade e atenção aos pobres dos movimentos sociais que já haviam conquistado alguns católicos, casaram-se com o discurso do Partido dos Trabalhadores, o que justifica a presença de representantes de movimentos católicos e líderes de movimentos sociais na sua formação inicial.

Os movimentos sociais contribuíram para a difusão de uma cultura democrática, reforçando uma perspectiva pluralista na sociedade brasileira e introduzindo noções de responsabilidades e iniciativa no interior das classes populares. Nessa conjuntura, foi possível o surgimento de instituições representativas da classe trabalhadora como, por exemplo, a Central Única dos trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Fruto dessas mobilizações populares, o PT surge como um partido formado por diferentes segmentos que participam da resistência ao poder ditatorial. (SOFIATI, 2012, p.76).

Mesmo considerando que em muitos desses espaços em que a Igreja Católica teve importante papel em períodos até mesmo recentes, a instituição já não se faça mais presente, todas essas inter-relações contribuíram para a atual postura da Igreja Romana tanto para com os pobres como para com os excluídos:

Ao final da 11ª Assembleia Nacional, durante um período de aproximadamente quatro anos, a PJB, em mutirão, reelaborou seu marco referencial, que foi publicado pela Editora Paulus como Estudo da CNBB, número 76, Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil. Nesse marco, principal referência no método de formação nas décadas de 1990 e 2000, a PJB estabelece e reafirma as seguintes opções pedagógicas: trabalho com pequenos grupos de base; formação progressiva, integral e libertadora; atuação nos meios específicos – paróquia, escola, zona rural, periferia; organização estruturada nacionalmente; assessoria jovem e adulta para orientar as coordenações; atividades de massa; apoio de instituições que trabalham temas juvenis; e o método de ver-julgar-agir. (SOFIATI, 2012, p.131).

A posição assumida pela Igreja Católica diante da pobreza, da desigualdade e da exclusão social, nos anos referidos pela citação acima é semelhante aos anos investigados na proposta deste trabalho e reflete-se diretamente na questão educacional. Principalmente no que diz respeito a esta pesquisa, afinal, trata-se de uma análise sobre um modelo educacional que parte das mulheres, pouco presentes no campo científico, para os pobres e marginalizados socialmente.

Capítulo 3 – São João da Boa Vista: estrutura econômica, política e religiosa.

A fim de realizarmos um mapeamento da estrutura socioeconômica da cidade de São João da Boa Vista no final do século XIX e início do século XX, realizou-se consulta ao Almanak da Província de São Paulo para 1873, organizado e publicado por Antônio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, encontrado na Cúria Metropolitana de São Paulo. Consta que, no ano de 1873, São João da Boa Vista possuía apenas dois professores públicos: Custódio José B. Sandeville e D. Maria M. R. de Sandeville, e um vigário: Pe. José Valeriano de Souza, tendo apenas a Igreja Matriz construída e duas capelas, a de N. Sra. do Rosário e a de S. Miguel, ainda em construção, para três capitalistas¹, 93 proprietários, 17 fazendeiros de café, um fazendeiro de café e algodão, nove fazendeiros de café e cana-de-açúcar, sete fazendeiros de café e fumo, 17 fazendeiros de cana, 25 fazendeiros de criar gado vaccum² e 13 fazendeiros de criar gado suíno.

Dadas estas proporções, elabora-se a hipótese de que São João da Boa Vista caracterizava-se como uma sociedade estratificada, onde as condições de ensino, sejam elas leigas ou cristãs, eram extensivamente insuficientes para suprir até mesmo as camadas mais privilegiadas da sociedade, não chegando nem perto de alcançar as camadas mais baixas. Contudo, como já se demonstra ao citar anteriormente a obra Igreja e Educação Feminina (1859 – 1919), de Ivan A. Manoel, as instituições de ensino católicas da capital paulista recebiam uma grande quantidade de jovens de

¹ Este documento não considera proprietários de terra ou produtores ligados a ela enquanto capitalistas, tal expressão é utilizada para designar donos de empreendimentos manufatureiros ou aqueles que tinham suas atividades financeiras ligadas ao fluxo de capital, seja na concessão de créditos ou compra e venda de títulos bancários.

² Rebanho bovino.

famílias burguesas das cidades do interior da província, tais como São João da Boa Vista.

Foram consultadas duas edições do Anuario Commercial dos E. U. do Brasil,³ 1904 e 1907, também disponíveis na Cúria Metropolitana de São Paulo. Consta no registro que o município contava com quatro escolas públicas, um grupo escolar e duas escolas particulares (o maior e mais tradicional deles era o Colégio Santo André, de orientação católica, de acordo com o levantamento feito por Ivan Manoel em 1982, em seu artigo “A Presença Católica na Educação Brasileira: 1859 – 1959”, publicado na Revista Didática em 1992) para uma população de 40.144 habitantes.

Ainda com relação ao Anuario Commercial dos E. U. do Brasil, é apresentada a cidade de São João da Boa Vista como um reduto produtor de café, fumo, cana, cereais e criação de gado vaccum e suíno.

Dada esta configuração em camadas sociais bem definidas e restritas pode-se entender que as associações cristãs constituíam-se em um dos poucos espaços de encontro entre essas camadas, seja no seu interior ou na ação dessas associações para com a comunidade. Deste modo a Pia União era um meio por onde hábitos socioculturais e educacionais poderiam transpor as camadas da sociedade sanjoanense.

3.1 Comparação entre as informações obtidas sobre São João da Boa Vista e um panorama geral do Brasil.

³ Aqui faz-se uso da antiga denominação “Estados Unidos do Brasil” oficializada pela constituição de 1891, derrubada pela Revolução de 1930.

É válido também citar o gráfico de abrangência nacional apresentado por José Murilo de Carvalho na obra: *A construção da ordem – teatro de sombras* intitulado: Distribuição Setorial da População Ocupada, 1872, excluindo escravos:

Setor Primário	N°	%	N°
Lavradores	3.037.466		
Criadores	206.132		
Pescadores	17.742		
<i>Subtotal</i>	3.261.340	69,2	2.451.677
<i>Setor Secundário</i>			
Manufatureiros e fabricantes	19.366		
Operários Artistas	262.936		
	41.203		
<i>Subtotal</i>	323.505	6,9	292.580
<i>Setor Terciário</i>			
Capitalistas e proprietários	31.863		
Comerciantes, guarda-livros e caixeiros	102.133		
Administração e profissões liberais	56.083		
Marítimos	21.703		
Costureiras	506.450		
Criados e jornaleiros	409.672		
<i>Subtotal</i>	1.127.904	23,9	970.947
TOTAL	4.712.749	100,0	3.715.204
Sem profissão doméstico	4.172.114		3.814.315
Serviço	1.045.615		870.238
<i>Total da população</i>	9.930.478		8.399.757

Fonte: *Censo de 1872*, Quadros Gerais, p. 6.
(CARVALHO, 2011, p. 97).

De acordo com o que nos apresenta Carvalho, os inseridos no setor primário, secundário e terciário em todo o Brasil se assemelham à configuração econômica de São João Da Boa Vista. Ao entender que este trabalho está inserido em um quadro

geral da sociedade brasileira, compreende-se que o mesmo pode ser usado como base para estudos sobre associações católicas em outras cidades do país.

3.2. Considerações sobre as informações coletadas.

Visto que as informações contidas no Anuario Commercial de 1904 e 1907, estão em convergência com as informações apresentadas pelo Almanak da Província de São Paulo para 1873, concluímos que São João era um município de pouca mobilidade socioeconômica. Desta forma, pode-se deduzir que isso é também aplicável aos anos de atuação da Pia União das Filhas de Maria, conclusão esta a que se chega tomando por base a conjuntura política nacional de todo o contexto em questão.

A análise destas fontes nos mostrou a presença de um grande número de proprietários, em sua maioria rurais, algumas manufaturas e pontuais negócios ligados à exploração do capital, inserindo São João da Boa Vista numa condição semelhante à geral do Brasil na época.

Na maioria dos casos, tem-se um senhor que necessita de uma massa de empregados para o funcionamento desta estrutura configurando dois extremos economicamente distintos, mas que do ponto de vista cultural não é possível separar. Cria-se então uma via capaz de relacionar dois extremos: os detentores de um poderio econômico e os não detentores, já que as bases dessa sociedade muito pouco se alteram durante todo o período apresentado pelas fontes aqui expostas. Assim sendo, as vias de contato cultural entre as camadas opostas têm tempo suficiente para se criarem e se fixarem como um duto permanente, em que a cultura de uma é

transmitida e modificada de um extremo para outro desta sociedade, passando de privilégio de alguns grupos isolados para cultura popular.

3.3. Diálogos entre a sociedade de São João da Boa Vista e a Igreja Católica.

. já que as moças da Pia União das Filhas de Maria, precisavam possuir uma boa conduta nos padrões católicos da época, privadas de frequentar bailes, festas de carnaval e outras não ligadas à Igreja, e deveriam participar assiduamente das reuniões e atividades da associação; deveriam ser solteiras, não podendo possuir qualquer relacionamento afetivo explícito ou conjugal, formal ou informal, e uma vez casadas, deveriam deixar a Pia União.

Mesmo que não haja qualquer registro comprovando que serem virgens era uma obrigatoriedade, a vida das Filhas de Maria era sempre monitorada para a garantia de sua castidade, o que já não se observa em unidades da Pia União de outras cidades.

Segundo Maria Augusta Rosário Rodrigues, ex-integrante da Pia União das Filhas de Maria na cidade de Jaboticabal-SP, em sua cidade mulheres casadas poderiam frequentar a Pia União, sem restrições.

a Pia União não era pra gente solteira, só. Era até bonito o casamento de uma jovem. Ela até ia com a fita das Filhas de Maria no casamento. (RODRIGUES, 2015).

Em contrapartida, Carmela Edvirges Lombardi Villela, afirma que sua saída da Pia União foi consequência de seu casamento.

Porque eu me casei. Eu fiquei noiva e enquanto noiva eu ainda participei e no meu casamento, eu entrei com a fita da Pia União, eu devo ter a fotografia aí. (VILLELLA, 2015).

Carmela relata ainda que em seu casamento não foram realizados rituais organizados Pela Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista.



Figura 01 – Fotografia do casamento de Carmela Edvirges Lombardi Villela, cedida pela entrevistada.

Contudo, a entrevistada aponta acreditar que a ausência de rituais pelas Filhas de Maria em seu casamento deve-se ao fato de que ela participou da associação num momento em que a mesma encontrava-se em um processo de decadência.

eu acredito que as mais antigas, que já eram falecidas, elas deveriam ter um ritual, tanto em casamento quanto em velório, mas eu já era numa fase que a Pia União estava em declínio, inclusive depois que eu saí durou pouco

tempo. Porque as jovens da época estavam indo para a Ação Católica. (VILLELLA, 2015).

Oriunda de uma outra realidade, Maria Augusta contou sobre o posicionamento da Pia União de sua cidade quanto ao fato de uma Filha de Maria poder ou não namorar.

Podia, ô tranquila! Nossa, tranquila! A minha irmã era filha de Maria e enquanto ela estava namorando e noivando. Depois que casou ela deixou a Pia União porque foi embora com o marido. (RODRIGUES, 2015).

Em oposição a isto, em São João da Boa Vista, têm-se conhecimento de uma reunião fechada para apurar a suspeita de um namoro entre uma Filha de Maria e um congregado mariano. (Ver apêndice B)

Entende-se uma ocasião como essas como a institucionalização da subordinação e do não-pensar em detrimento da formação de seres humanos questionadores de sua realidade. Este não-pensar contribui para a promoção de uma cultura de culpabilização daquele ao qual foi cerceada a capacidade de questionar o que seria uma conduta correta ou desviada.

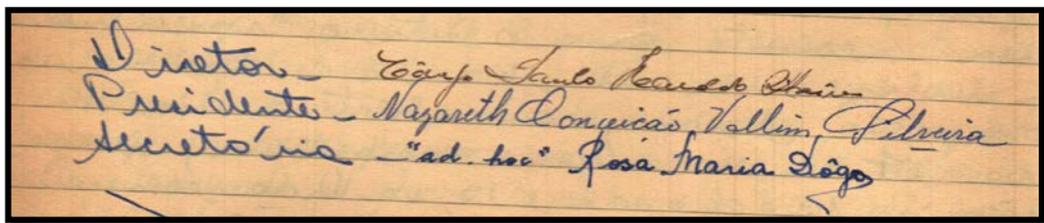
A culpabilização por sua vez proporcionaria uma menoridade intelectual, psicológica e espiritual do indivíduo, que passa a aceitar de forma submissa a demonização e a culpa sobre seus comportamentos. Esta infantilização faz com que o fiel não tenha a capacidade de se libertar dos grilhões que lhe foram atribuídos, sendo assim, a própria igreja lhe ofertaria regras, pessoas e instituições que ajudariam a promover a sua libertação das grades colocadas pela própria instituição.

Na cidade de São João da Boa Vista este coletivo de processos doutrinadores tinham um cunho educacional que trazia um plano de formação dos fiéis praticados pela igreja e reproduzidos pela família.

Apesar das diferenças locais no que diz respeito ao comportamento esperado de uma Filha de Maria, notou-se que algumas práticas permaneceram comuns, como a atuação na catequese e a participação nos grupos musicais das igrejas.

uma das atividades que elas faziam era ser catequistas. (...) ou fazia parte do coral, ou da catequese, ou de outro trabalho apostólico, por exemplo como os vicentinos. Então elas podiam trabalhar e escolher uma atividade. (RODRIGUES, 2015).

Além de uma atuação de destaque em todas atividades as quais uma Filha de Maria se propunha, em São João da Boa Vista chama à atenção a rigidez com que eram tratadas as associadas da Pia União. Isto se torna notório, por exemplo, através da leitura das atas de reuniões, onde o Padre sempre estava presente e proferia conselhos referentes ao comportamento que era esperado das jovens.



Diretor - Coim. Santo Augusto Blain
 Presidente - Nazareth Conquias, Tullim Filveira
 Secretária - "ad. hoc" Rosa Maria Lago

Figura 02: Assinatura do padre responsável, demonstrando sua posição hierárquica perante a presidente e a secretária nas atas de reuniões mensais.



Figura 03: Reunião após a missa da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista, acompanhada pelo padre responsável e pela diretora.

De modo geral, tenta-se demonstrar que a Pia União Das Filhas de Maria está presente na história de São João da Boa Vista, e é relevante para a história do catolicismo e da cultura social cristã local. Entretanto, ao desenvolver este texto, busca-se narrar acontecimentos a partir da Pia União, fazendo então o percurso oposto realizado até o momento pela escassa historiografia de São João da Boa Vista, tendo como base os ainda não explorados documentos da extinta associação.

Na obra *Apontamentos de História Eclesiástica*, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime de Barros Câmara nos mostra a Igreja Católica como um campo de relacionamento entre os membros de sua instituição e os agentes exteriores.

As relações da Igreja com os homens que estão fora dela formam o objeto da história eclesiástica exterior, enquanto o objeto da história eclesiástica interior é formado pelo estudo da doutrina e constituição da Igreja, de seu culto e disciplina, e das relações da Igreja com os fiéis. (CÂMARA, 1957, p. 3).

Neste excerto, o Cardeal-Arcebispo nos mostra que a história eclesiástica exterior e a história eclesiástica interior estão diretamente associadas, e a partir desta associação, a educação e a ação disciplinadora católica conseguem transpor o núcleo da Igreja e permear a sociedade, atingindo grande parte de seu espaço leigo. Desta forma fica justificada a presente preocupação com a análise da estrutura econômica da cidade de São João da Boa Vista no contexto abordado, através dos dados aqui trabalhados, para entender qual é a configuração socioeconômica da cidade em questão e quais setores desta cidade teriam condições de ter acesso à educação. E a partir da exposição dessas condições econômico-sociais pode-se entender como a tradição cultural em movimento e constante transformação consegue modificá-las.

É pois o conhecimento do capitalismo e do catolicismo do Brasil contemporâneo que nos incentiva e nos dá condições para estudar sua gênese. Mas é o conhecimento de sua gênese na virada do século que vem esclarecer o problema atual das funções sociais do catolicismo na formação social brasileira contemporânea, de modo a trazer uma contribuição para explicação do fundamento sociológico da força da Igreja Católica no Brasil. (OLIVEIRA, 1985, p.13)

Esta reflexão de Pedro A. Ribeiro de Oliveira, em seu livro “Religião e Dominação de Classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil”, dá

respaldo à nossa proposta de estudar as origens da cultura católica na cidade de São João da Boa Vista, para que se delimite o espaço que ela formou e que ela ainda ocupa através da tradição nos dias de hoje na mesma cidade.

Capítulo 4 – A Pia União das Filhas de Maria na sociedade de São João da Boa Vista

Ao contrário das Pias Uniões das Filhas de Maria em outras cidades do Brasil, esta em São João da Boa Vista não teve seu surgimento a partir de uma escola católica. Apesar de ter havido um colégio religioso na cidade, a associação não estava ligada diretamente a este. Era uma irmandade ligada à Igreja Matriz, uma vez que, nas escolas da cidade, o catecismo fazia parte do currículo normal dos alunos, não sendo uma matéria obrigatória, as crianças de outras religiões poderiam não cursar esta disciplina. Esse fato pode se comprovar através da entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini e Marcella Tramonte por Terezinha Guimarães Ambrósio, nascida e criada em São João Da Boa Vista e Filha de Maria na mesma cidade em sua juventude. (AMBROSIO, 2012).

Contudo, a Pia União das Filhas de Maria de João da Boa Vista seguiu bem os padrões esperados de uma associação católica entre 1894, data de surgimento da primeira associação em São João da Boa Vista, e 1963, data do último registro encontrado nas atas de reunião da Pia União.

Apresentadas essas datas é válido ressaltar que serão consideradas as datas de 1901 a 1950 como início e término deste recorte, pois acredita-se que apesar das datas formais de surgimento e fim dessas associações, o recorte escolhido representa o momento de significativa atuação socioeducacional da Pia União. O período compreendido entre 1894 e 1900 seria um momento de iniciação das associações em São João da Boa Vista e o período entre 1951 e 1963, coloca-se como um momento onde agrava-se o declínio da Pia União.

Dadas essas delimitações temporais, é necessário inserir tal contexto na história geral do catolicismo no Brasil. Para isso, toma-se por base aqui a proposta de divisão cronológica da história do catolicismo brasileiro de Riolando Azzi na obra: A Vida

Religiosa no Brasil – Enfoques Históricos, uma vez que o autor faz opção por dividir a história do catolicismo brasileiro em quatro grandes períodos que se subdividem em períodos de menor duração facilitando a inserção do período investigado nesta pesquisa dentro da proposta de divisão deste autor:

I – OS RELIGIOSOS NA CRISTANDEDE COLONIAL (1549-1759)

Os jesuítas, missionários da Coroa (1549-1580)

A presença de outros institutos religiosos (1580-1640)

A estabilidade dos religiosos no Brasil (1640-1759)

II – OS RELIGIOSOS NA CRISE DA CRISTANDEDE (1759-1840)

III – OS RELIGIOSOS NA ROMANIZAÇÃO DA IGREJA (1840-1962)

A Reforma Católica (1840-1889)

A Reorganização Católica (1890-1921)

A Restauração Católica (1922-1961)

IV – OS RELIGIOSOS NA RENOVAÇÃO PASTORAL (1962 em diante).
(AZZI, 1983, p.11)

Em seu primeiro recorte intitulado: *Os religiosos na cristandade colonial*, Azzi propõe a inserção do contexto que aborda desde o aparecimento dos primeiros interesses que empenharam os cristãos a deslocarem-se para o Continente Americano, passando pela sua institucionalização dentro da Colônia portuguesa com destaque para o ganho de importante função social até o momento em que os católicos definem a sua posição e importância política e social no Brasil.

Na segunda divisão que tem por título: *Os religiosos na crise da cristandade*, o autor destaca um momento em que se inserem os primeiros grandes abalos entre Estado e Igreja com os primeiros sinais de perda de poder político por parte dos

católicos conduzindo ao fim da educação jesuítica que outrora havia até mesmo sido de grande relevância para a formação de uma identidade nacional.

Já no terceiro tópico, chamado por Riolando Azzi de: *Os Religiosos na Romanização da Igreja*, o autor defende a inserção do contragolpe da Igreja na tentativa de recuperar seu papel desgastado no recorte anterior tendo como principal arma de sua estratégia a Romanização do Catolicismo.

Por fim, na quarta e última divisória que tem por título: *Os religiosos na renovação pastoral*, Azzi cria um espaço para introduzir o momento em que a importância do fiel ganha destaque para o fortalecimento da Igreja em detrimento da centralização das ações católicas em Roma como ocorria na divisão anterior. Este momento coincide com a crise das associações católicas, entre elas a Pia União das Filhas de Maria.

Desta forma, tem-se o entendimento do motivo pelo qual o recorte deste trabalho se insere no tópico terceiro: *Os Religiosos na Romanização da Igreja (1840-1962)*, especificamente no subtópico quarto: *A Restauração Católica (1922-1961)*.

Assim, sempre que datas forem citadas nesse trabalho considerar-se-á que estas se enquadram e estão em consonância com a proposta de divisão histórica da trajetória da Igreja Católica Brasileira acima mencionada.

4.1. Surgimento, ascensão e declínio das associações de fiéis na história do catolicismo de São João da Boa Vista- 1894 - 1950.

Ainda que não houvesse uma matriz consolidando o núcleo da Igreja Católica em São João da Boa Vista, que contava apenas com pequenas capelas pontuais e

em sua maioria rurais, o contexto histórico anteriormente explorado do final do século XIX proporcionou a criação de sua primeira associação católica em 1894, o Apostolado da Oração, sendo a única das associações a permanecer ativa até os dias de hoje.

A Pia União das Filhas de Maria só viria a fazer parte da história da cidade em 1915 (Ver apêndice A) com sua fundação em São João da Boa Vista. Ainda na espera de uma matriz que centralizasse o catolicismo no município, a Pia União destacou-se, logo em seus primeiros anos de vida, por sua atuação evangelizadora na zona rural. Tal fato ocorrido em São João da Boa Vista pode parecer complexo devido à escassez de recursos no período com destaque para os quesitos acesso e locomoção. Contudo, pode ser explicado pela enorme dedicação de suas integrantes motivadas pelos anseios do catolicismo no período, contando ainda com a grande disponibilidade de tempo das jovens, dispostas e solteiras que integravam a associação.

Assim, o resultado alcançado por essas moças, em sua atuação ainda bastante rural e pouco urbana, não pode ser caracterizado como uma exceção limitada à cidade de São João da Boa Vista.

Segundo Maria de Lourdes dos Santos de Almeida, ex-integrante da Pia União das Filhas de Maria no Campo Redondo, zona rural do município de Divinolândia-SP, em entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini, observa-se nas manifestações rurais da Pia União na proximidade de São João uma séria tentativa de dar notoriedade ao movimento trabalhando as atitudes das jovens integrantes com criteriosa organização:

Tinha que estar presente, não podia faltar, não podia usar roupa curta nem decotada, tinha toda uma rigidez. (...) com as Filhas de Maria a gente já tinha um ritual, a gente falava assim: Salve Maria! Todas as meninas que eram Filhas de Maria a gente já cumprimentava assim. (ALMEIDA, 2014)

Numa soma de seus méritos e sua rigidez, observado desde o modo como deviam se apresentar, com o vestido impecavelmente branco com a fita azul com a medalha inspirada em Nossa Senhora das Graças (o que se nota pelo fato de Maria aparecer sempre de mãos abertas), havendo a medalha maior para as zeladoras e as menores para as aspirantes com a proporção respeitada até mesmo na largura das fitas azuis.

A Pia União tornou-se uma espécie de alicerce para as demais associações, pois sua existência era condição para a vida das demais, como por exemplo a Congregação Mariana, sua equivalente masculina e a Associação do Rosário, local para onde geralmente dirigiam-se as Filhas de Maria depois de casadas, representada pelo porte da fita rosa. Esta última conseguiu sobreviver por mais alguns anos sem muito sucesso na cidade.





Figura 04 – Fitas, medalhas e bentinhos das associações existentes em São João da Boa Vista (de cima para baixo, da esquerda para a direita: fita e medalha de zeladora da Pia União das Filhas de Maria, fita da Cruzada Eucarística, medalha de Nossa Senhora das Graças – base para a medalha da Pia União, bentinhos almofadados – “raros”, pois geralmente suas donas eram sepultadas com os mesmos, medalha da congregação “A Sagrada Família”, fita de zeladora do Apostolado da Oração e exemplar da primeira fita e medalha de zeladora do Apostolado da Oração).

Sua última chama de vida, sem o alicerce da Pia União, justifica-se pelo fato de as moças católicas mais jovens, já criadas num contexto em que as associações não

eram um grande foco da Igreja, não recebiam estímulos para a manutenção da Pia União, restando apenas aquelas de mais idade apegadas ao catolicismo do final do século XIX, arraigado e difundido no seio das associações.

Em 1963 temos o último registro no livro de chamadas da Pia União. Nas entrevistas realizadas não há um consenso sobre o seu fim oficial, a maioria afirma apenas que a associação foi perdendo fôlego aos poucos, mas, como já foi dito anteriormente, será considerada a data de 1950 como final para o recorte deste trabalho, visto que em 1963, as filhas de Maria apresentavam um comprometimento com a associação bastante inferior ao apresentado nos anos do seu auge. Entende-se o início da segunda metade do século XX como o advento de um refluxo, onde a Pia união deixaria de ser socioeducacionalmente relevante na cidade de São João da Boa Vista.

Para elucidar a afirmação acima, faz-se muito valorosa a exposição de dados sobre o número de mulheres integrantes da associação estudada em cada momento de sua existência mostrando que as faltas em reuniões mensais obrigatórias, que inicialmente ocorriam em casos extremos, passam a ser corriqueiras após 1950, fato diretamente ligado à questão da configuração social de São João da Boa Vista em diferentes momentos que aqui busca-se entender.

1950 Ad Jesum

Nº	Nome	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	20ª	Observações
1	Mrs. Emilia de Oliveira	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
2	Tuli O. Andrade Góes	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
3	Mrs. Ant. America Vallen. Sousa	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
4	Ena Casarito	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
5	Helena Vallen. Ladeira	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
6	Mrs. Maria Espinosa	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
7	Mrs. Augusta Lombardi	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
8	Acadêmica do Instituto Brasileiro	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
9	Sueli A. Rebelo	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
10	Olímpia de O. Andrade	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
11	Mrs. Maria Tomé	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
12	Mrs. Ap. Rita	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
13	Stny Sueli Ruckhorn	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
14	Mrs. Ap. Rithum	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
15	Mrs. Ellen	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
16	Waldemar dos Santos	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
17	Indira Magalhães	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
18	Olga Rita	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
19	Elza Harold	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
20	Teófilo A. José Bato	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
21	Mrs. Sra. Sra. Sra.	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
22	Mrs. Sra. Sra. Sra.	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
23	Mrs. Ap. Helena	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
24	Acadêmica Sra. Sra.	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
25	Mrs. dos Reis	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
26	Mrs. de Lourdes Espinosa	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
27	Emília Bastos	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	
28	Ernestina Costa	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	

Ad Jesum 1958

Nº	Nome	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	18ª	19ª	20ª	Observações
12	Ida Augusta Liberto																					ausente
13	Jandira Ida Graf																					"
14	Lourdes Bastos																					"
15	Luiza J. Silva																					"
16	Maria José Dória																					"
17	Regina Regina Lopes																					"
18	Regina Cardinal																					"
19	Regina M. C. Andrade																					"
20	Waldina dos Santos																					"
21	Lucy Marum																					"
Félias de Maria por divórcio 1955																						
1.	Gabriela Naydia Aguiar																					
2.	Gabriela Aguiar Oliveira																					
3.	Helena Valim Silveira																					
4.	Ida Marum																					
5.	Lidia Bucini																					
6.	Maria José Aguiar																					
7.	Maria Inês Silva Oliveira																					
8.	Rita Aguiar Oliveira																					
9.	Regina Delaroli																					
	Quá Helena Ferreira																					c f
	Lia Domingos Aguiar																					f f
	Patiscina Ferreira																					f f
	Emília Martins																					f

Figura 05 – Registro de presença da Pia união das Filhas de Maria de São João da Boa Vista, em 1950 (esquerda) com registros ainda consideravelmente assíduos e em 1958 (direita) com notável desgaste na assiduidade e participação. No cabeçalho de ambas as páginas, nota-se a expressão “As Jesum”, fundamental na devoção mariana refere-se ao fato de Maria ser entendida como o caminho para se chegar até Jesus. A presença nas reuniões da Pia União pode ser interpretada como um ato de percorrer este caminho na visão da Igreja católica da época.

Tem-se consciência de que a data escolhida coincide com a crise da romanização que outrora dava suporte à criação das associações de católicos, e ainda, com a crise política ocorrida na última e conturbada fase do governo Getúlio Vargas, iniciada em 1951 e terminada de forma trágica em 1954 agravando ainda mais a situação política brasileira que culminaria no início do regime militar em 1964. Regime que mergulharia a Igreja Católica Brasileira em um período de conturbadas contradições, minimizando a sua prioridade em atentar para associações de fiéis.

Os ideais praticados por elas, tais como a caridade, uma vida reclusa e as práticas cristãs individuais, perderam espaço para a Juventude Católica que tomou as ruas pela necessidade da derrubada do Regime Militar sem a qual não seria possível escancarar a desigualdade social escondida pelo contexto. Desigualdade contra a qual esses jovens cristãos pretendiam lutar, através de uma iniciativa coletiva a fim de trazer a justiça social pela tomada de consciência sobre a situação política que o Brasil vivia.

Com base nos trabalhos de Riolando Azzi e Klaus van der Grijp no livro: *História da Igreja no Brasil – Terceira Época 1930-1964*, observamos que o papel da mulher na sociedade brasileira começa a mudar radicalmente a partir de 1930.

A partir da década de 1930, com a imposição da sociedade urbana, a mulher passou a ocupar um lugar mais destacado na vida pública, resultado de uma lenta conquista. Diante disso, a Igreja Católica adotou duas atitudes: os setores mais conservadores e reacionários insistiam para que as mulheres voltassem ao recinto do lar, onde encontravam abrigo e proteção, ao invés de se exporem aos perigos de degradação inerentes à vida social: já os grupos mais abertos reconheciam que as mulheres podiam auxiliar no projeto de recristianização da sociedade, mediante sua atuação em algumas áreas específicas de trabalho. Podiam até mesmo coadjuvar, através da ação social e educativa, para que os operários não se afastassem da fé católica. (AZZI & GRIJP, 2008, p.128).

Mesmo assim, com base no fato de que o presente trabalho apresenta parte significativa da configuração social da cidade de São João da Boa Vista, teremos subsídios para compreender a extensão da sobrevivência da Pia União por pelo menos mais vinte anos de cômoda atuação no município.

4.2. Da Fundação da Igreja Matriz ao surgimento da Pia União das Filhas de Maria e o espaço por ela conquistado na cidade de São João da Boa Vista.

Pouco existe publicado sobre a história de São João da Boa Vista, menos ainda associando-a à cultura cristã católica. Utiliza-se o livro *A Catedral de São João da Boa Vista*, pois este parte do princípio de que não é possível dissociar a fundação da cidade de sua catedral.

Apesar de já haver alguns poucos habitantes instalados na região, às margens do Rio Jaguari Mirim, alguns nomes se destacaram para a fundação da cidade. Entre eles Padre João José Vieira Ramalho, o qual se contagiava com a beleza da região e decidiu implantar aí uma fazenda atraindo assim seus amigos e conhecidos. Estes acabaram também por se instalar na região, dedicando-se à plantação e criação de animais.

Por volta de 1822, três mineiros de Itajubá tomam posse de grandes áreas próximas do Córrego São João. Dentre eles está Antônio Manoel de Oliveira, mais conhecido por Antônio Machado, que propõe ao Pe. Vieira a construção de uma capela em cumprimento a uma promessa feita a Santo Antônio, num espaço que seria doado por ele.

Padre Ramalho, devoto de São João Batista, propenso a glorificar o nome do Santo em todos os empreendimentos, [...], dissuadiu o doador de tomar Santo Antônio por padroeiro e prontificou-se a promover a ereção da capela, desde que com o orago de São João. (MATTOS JR., 1992, p. 14).

Pesquisas realizadas por Teófilo de Andrade, segundo investigador da história de São João, mostram que as fazendas começaram a prosperar e a cultivar cana de açúcar, fumo, algodão, batata e cereais. Também era praticada agropecuária bovina e suína.

Com o crescimento, São João foi promovida de “Capela” ao grau de “Vila”, logo após 1822, necessitando assim, compor uma Câmara Municipal. Foram escolhidos pelos paroquianos, seis dos chamados “homens bons da terra” (reconhecidos por serem corretos, sensatos e interessados pelo bem do lugar), os quais elegeriam os sete vereadores que formariam a Câmara e também os cargos de Juiz de Paz, Juiz do Termo (Juiz Municipal), Escrivão e a autoridade policial, assim como seus respectivos suplentes.

O próximo passo foi a instalação do Partido Republicano local, liderado por José Procópio de Azevedo Sobrinho e Joaquim José de Oliveira (filho), cujo pai era um dos sete primeiros vereadores eleitos pelos “Homens Bons”.

Joaquim José de Oliveira (filho) foi, devido à sua prudência nos cargos em que exerceu, cognominado o Patriarca da cidade. Sempre visando melhorias no local, ele se torna muito popular.

Diz Antônio Gomes Martins⁴, na resenha biográfica que inclui em seu livro sobre São João da Boa Vista, que “nada se fazia sem a sua audiência, sem os seus conselhos, que eram sempre de paz e tolerância. Nunca se consumou – prossegue o autor – um ato menos justo com a sua aquiescência e, não raro, intervinha para corrigir feitos que não se pautavam pelas linhas da justiça, quer se tratasse de correligionários, quer de adversários políticos. Daí o respeito e veneração que lhe consagravam”.(MATTOS JR., 1992, p.26).

⁴ Primeiro investigador sobre a história de São João da Boa Vista

Desejando que o município tivesse condições de educar sua população, Joaquim José constrói com recursos próprios, em terreno da praça da Matriz, a primeira sala de aula doada ao município: uma casa ampla na qual era possível o funcionamento de salas de aula. Depois a mesma serviu para outras finalidades como a Câmara Municipal e a Prefeitura, e finalmente voltando a cumprir seu objetivo original, quando o Padre Josué Silveira de Mattos instala sua Escola Paroquial. Seria este o primeiro passo para a implementação de uma associação de moças católicas que tivesse como fundamento o zelo pela tradição da moral e dos bons costumes.

São muitas as relações possíveis de serem feitas entre religião e a construção sociocultural de um determinado local. Somente essa discussão poderia render inúmeros trabalhos nela focados; um importante motivo disto é o fato de que a religião pode determinar a configuração sociocultural dependendo do caso e dependendo da sociedade em que ela se insere:

A religião, seja qual for a crença adotada, ocupa lugar determinante na vida humana e insere-se na cultura como um aspecto importante no delineamento da identidade de um povo. Em nome da religião, guerras foram travadas e civilizações dizimadas. (ALMEIDA, 2007, p.76).

Este é um trabalho que, especificamente sobre o catolicismo na cidade de São João da Boa Vista, indica a prática da Igreja Católica em direcionar sua catequese para a formação ou manutenção do conservadorismo. Tal prática chegou ao extremo de associar o “cristão” ao “civilizado”. O ato de ser cristianizado significava adquirir o passe para a inserção na civilização. Segundo Antônio Gramsci, não ser ou não estar cristianizado refletiria a desumanização, como nos apresenta Jarbas Mauricio Gomes em seu livro: “Religião, educação e hegemonia nos Quaderni del Carcere de Antônio Gramsci”, ao citar passagem do autor com tradução feita por ele próprio:

Gramsci percebeu que o cristianismo era mais do que uma concepção de mundo e que sua ação educativa/formativa era identificada como um processo de humanização, e a formação cultural oriunda do catolicismo, como descrito no Caderno 20 parágrafo 1, era considerada um elemento civilizador. (...) O catolicismo teve uma tal função e disso se conservam inúmeros traços na linguagem e no modo de pensar sobretudo dos camponeses: cristão e homem são sinônimos, ou melhor são sinônimos cristão e 'homem civilizado' ('Não sou cristão!' – 'E então o que você é, um animal?'). Os criminosos ainda dizem: 'cristãos e criminosos' (em Ústica, primeiras surpresas quando, à chegada do [barco à] vapor, ouvíamos os criminosos dizerem: 'São todos cristãos, só há cristãos, não há sequer um cristão') [...](GRAMSCI, 2007, p.2082, tradução nossa). (GOMES, 2014, p.148-149).

Assim, para aqueles que têm um projeto civilizador cristão é necessário antes de mais nada propagá-lo, por esse motivo a construção de uma igreja matriz era tão fundamental para o desenvolvimento de cidades interioranas como São João da Boa Vista. Aqueles que precisam ou desejam se inserir neste meio devem se submeter às suas regras e, assim, a intenção de propagar conscientemente este processo civilizador para todo o desenvolvimento do município germina o conservadorismo no seu seio.

Ter o apoio de mulheres leigas para semear a doutrina católica no seio desta sociedade era uma excelente opção tomando por base o que nos apresenta Teresinha Zanlochi, na obra: "Mulheres Leigas na Igreja de Cristo", autora que também realiza um trabalho sobre o catolicismo regional na cidade de Bauru, assim como São João da Boa Vista, pertencente ao interior de São Paulo, cujos frutos da pesquisa são direcionados, neste caso, para os membros do próprio clero. Zanlochi nos explica que:

A atuação de um grupo significativo dessas mulheres leigas pauta-se por ações permeadas de uma espiritualidade clericalizada. São mais colaboradoras burocratas da Igreja do que mulheres comprometidas com uma fé incrustada na missão de transformar as relações sociais dentro de uma ordem mais justa, e, por isso, cristã. Estão muito ligadas às práticas devocionistas, sacramentais e ritualizadas do catolicismo pré-conciliar. Em sua maioria, apresentavam-se vinculadas às formas representativas do catolicismo tridentino e respondem mais propriamente à romanização da Igreja, empreendida na metade do século XIX. (ZANLOCHI, 2001, p. 188).

A integrante da Pia União, ao casar-se, seria, antes de mais nada uma educadora do lar, onde sem dúvida prestaria grande contribuição para a cultura social do contexto estudado, pois quando constituíam família, no papel de mães, eram as primeiras educadoras dos que formariam a elite intelectual da cidade. Sobre isto é de grande importância citar a seguinte passagem de Hoornaert:

A mulher na América Latina colonial era educada antes de tudo para ser mãe, não para ser esposa. O homem, por sua vez, era educado para exercer o poder e para manter a ordem na sociedade, caso fosse de classes privilegiadas. A consequência lógica era uma educação separada, com parâmetros e ideias diversos para meninos e meninas: o homem forte e corajoso, a mulher sentimental e maternal. (HOORNAERT, 1994, p.346-348).

Nota-se então que a preocupação da presente dissertação em torno da mulher enquanto educadora do lar, não é algo restrito à Pia União, tampouco à cidade de São João da Boa Vista. Os autores aqui trabalhados retratam essa ideia de maneira abrangente no Brasil, reforçando assim, mais uma vez, a tese de que este trabalho

possa sugerir uma base para outros trabalhos sobre a mulher católica enquanto educadora. Sendo assim é importante que aqui conste um breve relato sobre a conduta esperada dessas mulheres:

A mulher deveria se cultivar para viver em sociedade e ser agradável ao homem, porém não poderia concorrer com ele profissional e intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social, e ela representaria um risco se lhe fosse dado liberar-se economicamente do marido ou dos pais e tornar-se igual no intelecto. Em princípio, caberia-lhe regenerar a sociedade e, para isso, precisaria ser instruída. Mas instruída de uma forma que o bem-estar do marido e dos filhos fossem beneficiados por essa instrução, que não possuía um fim em si mesma, mas era direcionada para o bem-estar masculino. A instrução da mulher deveria se reverter em benefício da família e, por meio desta, a pátria, que se expandiria cada vez mais em seu desenvolvimento, alinhando-se com as grandes nações do mundo. (ALMEIDA, 2007, p. 109-110).

Sendo assim, mesmo que já se tenha posto que a mulher não tinha destaque no campo intelectual, nunca se negou a ela o papel de propagadora da doutrina e do poder da Igreja Católica, sendo um pilar de grande importância na formação da cultura social local. Ana Cláudia Ribas em seu artigo “À Sombra das virgens: os códigos de conduta da “Pia União das Filhas de Maria” na primeira metade do século XX” faz uma interessante análise sobre o papel da Filha de Maria como um instrumento de propagação dos ideais da Igreja:

Para compreender, não justificar, a postura católica torna-se oportuno voltar os olhos para o ultramontanismo, no qual a figura da mulher surge como instrumento estratégico para a manutenção do poder da Igreja Católica, pois o clero acreditava que as normas católicas poderiam ser introduzidas no

interior de cada família através da esposa/mãe, que educaria os filhos e influenciaria o marido. Desta maneira, a mulher seria a catalisadora dos preceitos normativos católicos, implementando-os primeiramente na família e, por conseguinte, em toda a sociedade. (RIBAS, 2010, p.7)

Assim a importância do papel da mulher na sociedade se eleva, uma vez que seriam as condutoras dos ensinamentos da Igreja e de todo o seu conhecimento à sua família e seu meio de convivência.

A fim de compreender como este papel de propagadora dos dogmas e doutrinas católicas foi legado à mulher da Pia União, sem que houvessem os mesmos obstáculos impostos à participação da mulher na produção intelectual, é preciso que sejam apresentados alguns dados sobre o surgimento da Pia União e sobre a escola pública entre 1894 e 1950.

O surgimento da Pia União das Filhas de Maria esteve acoplado ao nascimento dos colégios religiosos dirigidos pelas Irmãs de São José de Chamberry, na segunda metade do século XIX, surgindo em anos diferentes nas diversas cidades do Brasil. As escolas das Irmãs, que tinham como Superiora Provincial a Irmã Marie Theodora Voiron, vieram para atender as meninas da elite que, devido às consequências da institucionalização do ensino leigo nas escolas públicas, passaram a ser ensinadas em casa por professores contratados, sendo eles de línguas, música, pintura, etc., pois o ensino público não era acessível a todos e graças aos colégios das Irmãs foi possível obter o conhecimento necessário, que antes era estudado em casa, para as meninas da época.

Esses colégios visavam zelar pelo ensino das meninas no contexto em questão, nos quais, além da cultura geral, cultivavam moral cristã, as prendas domésticas e os “dotes” (artes, piano, canto, etc.). Dessa maneira os colégios religiosos vêm para suprir as necessidades de ensino feminino, e assim formar as futuras mães de família e transmissoras do conhecimento e da moral cristã.

Essa educação da “cultura geral e de distinção notável” alcançou seu ponto de máximo desenvolvimento a partir de 1859 com a abertura dos colégios das Irmãs de São José de Chambery em Itu e depois em Campinas, São Paulo, Taubaté, Piracicaba, Franca e Jaú.

Esses colégios não só ofereciam essa educação requerida pela oligarquia, mas também e principalmente estabeleciam os limites dos avanços do conhecimento dentro dos marcos do catolicismo tradicional e ultramontano.

Os colégios das Irmãs de São José, financiados e frequentados pela oligarquia paulista, garantiam uma educação refinada, formados por damas aptas ao convívio social e completamente treinadas segundo os princípios do cristianismo católico [...]. (MANOEL, 1989, p.4-5)

Assim, de acordo com Ivan Aparecido Manoel, pode-se perceber a importância dos colégios das Irmãs de São José na formação de uma elite intelectual que, anos depois, viria a transmitir seu conhecimento para as gerações posteriores.

Em Piracicaba, foi fundado o Collegio de N. S. D'Assumpção, onde as aulas foram iniciadas em 1893, sendo de grande contribuição para a história da Pia União, uma vez que teve como sua primeira aluna Maria das Dores Corrêa que veio a se tornar religiosa da ordem das Irmãs de São José de Chambery⁵, como nos apresenta João Humberto Nassif em sua obra *Paulistenses* em trecho em que explica a relação do Collegio com o surgimento da Pia União de Piracicaba:

A primeira aluna interna foi Maria das Dores Corrêa, filha de Joaquim Mateus e Belmira Augusta Corrêa, que se tornou religiosa da mesma Congregação. Em 1896, o colégio contava com 200 alunas. Em 1898, a Madre Maria São João de Cenepin resolve construir novo templo sob o título de Nossa Senhora

⁵ O nome Chambery aparece grafado de diferentes maneiras dependendo do documento pesquisado.

da Assunção. Foi então demolida a igreja da Boa Morte. Na madrugada de 25 de janeiro de 1901, um incêndio de grande porte destrói completamente o Colégio. No mesmo ano os alicerces do novo prédio são lançados. Cria-se o Externato São José, alugando-se um prédio na Rua D. Pedro II, número 5, esquina com a Rua Alferes José Caetano, num terreno de 1.265,56 m², dos quais 366,14 m² eram de área coberta. Em 1903 tem início o trabalho com o Jardim de Infância. Em 1904, Madre Angélica da Cruz Mauris sucede Irmã Maria de Cenepin. Em 1910 é criada a Pia União das Filhas de Maria, no Externato. (NASSIF, 2013, p. 52).

Assim, como já mencionado anteriormente, demonstra-se a relação da história do Collegio de N. S. D'Assumpção com o surgimento da Pia União. Esse fato veio a se repetir pelos vários colégios do Brasil, nos quais se encontrava a Pia União das Filhas de Maria. Meninas se dedicando à vida religiosa era um dos desejos das Irmãs para com essas instituições de ensino.

As associadas da Pia União das Filhas de Maria recebiam uma formação religiosa mais aprimorada, e controlada através das reuniões periódicas, presididas sempre por uma irmã responsável pelo grupo.

Os resultados foram positivos também para a Congregação, no sentido de que diversas dessas jovens ingressaram mais tarde nas fileiras das Irmãs de São José. (AZZI, n.d., p.173)

Dessa maneira, a Igreja encontrou na Pia União das Filhas de Maria um caminho no qual jovens se ligariam à vida religiosa através dos ensinamentos praticados na associação.

A Pia União de Piracicaba nasceu no Externato N. S. D'Assumpção que foi fundado em anexo ao Collegio em 1910. Ali mesmo, desde o início, cria-se a

associação que seria confiada à Irmã Maria Umbelina Bueno de acordo com a Poliantéia em homenagem à Madre Maria Theodora Voiron. (POLIANTÉIA, 1919, p.43)

Em São Paulo, no antigo prédio da Santa Casa de Misericórdia, se deu início ao Externato São José, pela iniciativa da Madre Maria Arsênia Berthet. Esse colégio viria a ensinar não apenas as meninas de uma única camada socioeconômica, mas também as órfãs do Asilo dos Expostos⁶, órgão regido pelas irmãs da Santa Casa de São Paulo. As aulas tiveram início no ano de 1880. O número de alunas começou a se elevar rapidamente; contribuiu para isso o fato de que, em seu primeiro ano, a escola era gratuita.

Nos anos seguintes houve muitas mudanças na coordenação do colégio, e com a direção nas mãos de uma nova Irmã, a escola passa de pequena para um colégio renomado na cidade, onde as meninas recebiam sua educação formal.

[...] Irmã Simpliciana permanecerá no externato por 38 anos, tendo conseguido transformar a modesta escola de três ou quatro classes, de 1885, num colégio feminino modelo, que educará nos anos seguintes um grande número de senhoras paulistas, conhecidas pela sólida cultura intelectual fundamentada em princípios cristãos de vida. (CAMARGO & PASSOS, 1980, p.25)

Dessa maneira, as alunas do colégio passam a ser instruídas para serem damas da sociedade, tendo como sua base o colégio católico que as ensinaria a se portarem como tal e lhes concederia a bagagem intelectual que as diferenciaria na sociedade.

⁶ O Asilo dos Expostos trata-se de um órgão dirigido pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no qual eram abrigados bebês e crianças de rua, abandonados ou órfãos. Estes eram educados na instituição e recebiam todo o apoio, até dotes de casamento. Algumas dessas crianças comumente se voltavam para a vida religiosa.

No intuito de esclarecer o que se entende por “educação formal”, termo que por vezes é citado neste trabalho, é válido esclarecer que as matérias ministradas no externato contavam com Leitura, Caligrafia, Português, Estilo e Literatura, Francês (uma vez que as Irmãs de São José eram vindas da França, essa era uma matéria indispensável para as alunas do colégio), Geografia e Cosmografia, Noções de Física e Química, História Natural, História Nacional, Aritmética, Álgebra, Geometria, Desenho Linear, Lições de Coisas, Instrução Religiosa e Cívica, o Canto e os Trabalhos de Agulha. Ao final de cada ano, exibia-se o trabalho das alunas em uma festa dirigida pelo Sr. Provedor da Santa Casa. (CAMARGO & PASSOS, 1980, p.26)

No Relatório do movimento do Externato “São José”, de 1937, apresentado por José Cassio de Macedo Soares – Mordomo Interino, e que está contido no Relatório da Mesa Conjunta da Irmandade da Santa Casa de São Paulo – Ano 1937, ainda constam outras aulas, como pintura, piano, aulas de religião, além do Orfeão – onde cantavam as alunas sob a condução do maestro João Gomes Júnior.

Ligado a tudo isso, também residia no colégio a Pia União das Filhas de Maria, no intuito de manter a moral e os bons costumes cristãos.

Essa associação que consoante já assinalamos, é um elo poderoso e indestrutível a prender as antigas alunas ao seu querido Externato, assim como é um núcleo formador de verdadeiras elites de piedade no seio das classes, continuou a desenvolver o seu plano de aprimoramento da prática das virtudes cristãs e da ação católica, [...]. (SOARES, 1937, p.335)

Sendo assim, essas meninas não só eram educadas sob os costumes católicos, mas também faziam parte de uma organização que as manteria ligadas ao colégio e à Igreja. “Há em todos os Collegios Catholicos para meninas uma instituição que é a um tempo estímulo, recompensa, consagração.” (POLIANTÉIA, 1919, p.203)

Levando em consideração o fato de que a irmandade das Filhas de Maria sempre esteve conectada a um alto nível de ensino católico das escolas das Irmãs de Chambéry, pode-se perceber que as meninas ligadas à associação possuíam uma tradição de conhecimento geral e das artes e recebiam uma bagagem intelectual de alto valor na sociedade. Assim, como mães de família, passaram este conhecimento para seus filhos e para as futuras gerações, deixando um importante legado cultural que sugere a necessidade da criação de trabalhos de base como este para a constituição de futuras pesquisas, uma vez que existem muitas possibilidades de estudo sobre história regional relacionando a religião à figura da mulher.

Observou-se que a Pia União de São João da Boa Vista, durante o seu auge, em todos os eventos analisados, sempre optou por seguir de forma precisa aquilo que era recomendado nos manuais, nos modelos de regulamento e nas palavras de seus gestores, o que não se nota em todas as sedes desta mesma associação. Na cidade de São João havia desde o exame de admissão até o ritual de entrega do certificado que comprovava o sucesso nesta prova. (Ver apêndices C e D)

Em meio a outros municípios de porte inferior, São João da Boa Vista era um atrativo aparentando oferecer boas oportunidades e capacidade para abrigar imigrantes, como pode-se observar nas palavras de Lazara Aparecida Carneiro Marrafom:

O povo vinha trabalhar pra cá, achava melhor. A gente mesmo acho que faz 35 anos que mora aqui em São João. (MARRAFOM, 2016).

Observando isso, a Igreja Católica sanjoanense, sede da diocese regional desde a década de 1960, sinaliza ter sido hábil em utilizar seus recursos para difundir seus métodos aos que aqui moravam, aos recém-chegados e à região. Aos poucos,

ela demonstra sucesso em sua aparente intenção na formação de uma legião de fiéis desprovidos do hábito de debaterem padrões cristãos uns com os outros, como podemos observar nas palavras de Cândida Umbelina:

Eu vou falar uma coisa pra você: naquele tempo, as pessoas eram muito recuadas umas das outras, eu vou dizer até por mim mesma, depois de muito tempo é que eu comecei a aparecer. (UMBELINA, 2014).

As próprias palavras de Cândida pressupõem a chegada de um momento em que essa falta de articulação entre as pessoas sofreria transformações. Nesse novo contexto, haveria pouco espaço para as associações católicas na cidade de São João da Boa Vista.

No dia 04 de julho de 1972, o Pe. Ladislau Asturiano Filho, então responsável pelo imóvel que sediava a Pia União das Filhas de Maria, localizado à Rua Benedito Araújo, nº 44, dá início ao seu processo de venda à Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista. Processo este que seria encerrado no dia 18 de junho de 1987 em acordo entre o Monsenhor Luiz Gonzaga Bergonzini e o então prefeito municipal Sidney Stanislau Beraldo, marcando o fim definitivo da Pia União em São João da Boa Vista, que naquela ocasião conservava apenas o seu registro formal. (Ver apêndice E)

Em 1988, o prédio já tinha seu destino traçado. Estava em reforma para abrigar o Centro Cultural Pagu,⁷ inaugurado em 21 de junho de 1989.

⁷ Homenagem a Patrícia Rehder Galvão, escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, jornalista e militante política brasileira, conhecida como Pagu e nascida em 1910 na cidade de São João da Boa Vista.

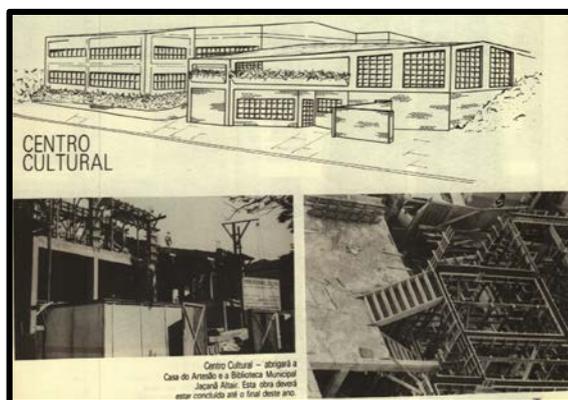


Figura 06 – Fotografias da reforma da sede da Pia União para abrigar o Centro Cultural retiradas da revista “Sanjoanenses” de 1988.



Figura 07 – Nota no jornal “Gazeta de São João” sobre a inauguração do Centro Cultural Pagu em 21 de junho de 1989.



Figura 08 – Placa comemorativa à inauguração do Centro Cultural Pagu.

Ainda que os documentos de venda da sede da Pia União deixem claro que não existiam exigências sobre o destino que o prédio tomaria, durante visita ao Centro Cultural Pagu, foi informada a existência de um testamento de Maria Ignês da Silva Oliveira, proprietária original do imóvel, Filha de Maria e benfeitora da Pia União por conta da doação do mesmo para sediar a associação. O referido testamento estaria junto ao acervo da Pia União do Museu de Arte Sacra, contudo não foi localizado, como pode-se observar pela digitalização integral deste acervo feita por constante em anexo.

No suposto testamento, Dona Tita Oliveira, como era conhecida, teria expressado seu desejo de que uma parte do imóvel permanecesse como um bazar de artesanato, simbolizando o bazar da Pia União que ali fora localizado.

Sendo esta última vontade real ou não, o fato é que, em 17 de novembro de 1983, o jornal “Gazeta de São João” publicou uma convocação para a formação de



Figura 11 – Fachada do andar térreo do Centro Cultural Pagu em 27 de janeiro de 2016, onde encontra-se o bazar de artesanato desde a fundação do centro em 1989.

Muitos documentos da Pia União ficaram em poder das poucas associadas restantes e, com o passar do tempo, foram doados gradualmente ao Museu de Arte Sacra da Diocese de São João da Boa Vista. Estas ex-filhas de Maria remanescentes participaram como colaboradoras do Museu de Arte Sacra, cuja inauguração foi patrocinada pelo empresário local João Baptista Merlin, nos anos que seguiram ao fim da Pia União.

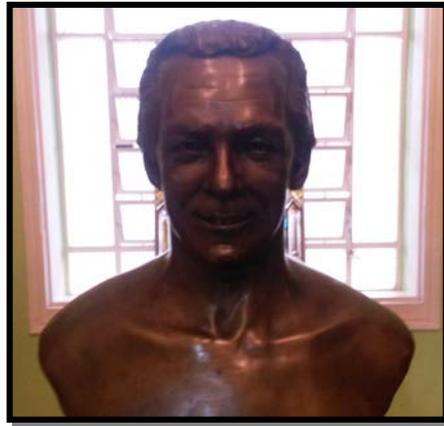


Figura 12 – Busto em bronze de João Baptista Merlin. (Homenagem ao mecenas que financiou a construção do Museu de Arte Sacra e patriarca de uma das famílias mais antigas e detentoras de grande patrimônio econômico em São João da Boa Vista).

É possível que essa colaboração despertasse nessas mulheres um contentamento que as fizessem sentir participantes das atividades da igreja, já que eram muito ativas nesse sentido nos anos em que a Pia União ainda tinha forças para se manter.

Em 2016, já não existe qualquer participação de nenhuma das ex-integrantes da Pia União localizadas e entrevistas como colaboradoras ou na diretoria do Museu de Arte Sacra. Contudo, isso não significa que todas as iniciativas para manter, simbolicamente, uma imagem daquilo que, um dia, foi a Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista tenham cessado. Lázara Aparecida Carneiro Marrafom, nos conta que, na paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma das maiores e mais notórias da cidade, existe um pequeno grupo chamado Legião de Maria.

A Legião de Maria, até agora ainda têm no Perpétuo. A hora que termina a novena tem umas que vão lá em uma sala e vão fazer a reunião. (MARRAFOM, 2016).

Contudo, a referida Legião de Maria aparenta apenas um vínculo saudosista com a Pia União, visto que não possui significativa relação com o público, não atua na catequese ou nos coros da igreja e não expressa de forma abrangente um modelo a ser seguido pela mulher católica.

4.3 O cotidiano da Pia União de São João da Boa Vista.

Como já foi levantado anteriormente, a Pia União de São João da Boa Vista seguiu bem os padrões esperados de uma associação feminina católica entre 1894 e 1950, suas integrantes apresentavam-se uniformizadas, participavam ativamente de missas, celebrações e procissões e tinham sua conduta monitorada dentro e fora da associação.

As Filhas de Maria tinham um manual de conduta, este válido para todo o país, mas seguido com mais rigor nas cidades mais conservadoras, mostrando como uma verdadeira menina católica deveria se comportar em respeito a Deus, e realçando assim sua devoção às suas padroeiras, Nossa Senhora e Santa Inês, símbolos da pureza e castidade, e a Jesus.

Dentro da Pia União, elas faziam bordado, artesanato, crochê, cantavam e tocavam músicas religiosas e outras composições apreciadas em sua formação tradicional.

Essas moças ainda confeccionavam santinhos de papel, cartazes de festa, convites etc. Muitas dessas relíquias encontram-se hoje no Museu de Arte Sacra de São João da Boa Vista.

Em entrevista, Cândida Umbelina, ao falar sobre os ritos nos encontros da Pia União, cita um momento durante as reuniões das Filhas de Maria onde havia, segundo suas próprias palavras, uma espécie de aula de religião.

Falava do evangelho, falava sobre leituras, explicação de tudo assim, sabe? E tinha a tesoureira que escrevia a ata, tudo que acontecia ali na reunião. Aí na próxima reunião do outro mês lia aquela ata com tudo que passou na reunião, tudo que fez na reunião. Então discutia, falava sobre evangelho, falava sobre Deus, sabe? Era uma aula de religião. (UMBELINA, 2014)

Sabendo que cada Filha de Maria era provida de um manual que apresentava o seu Modelo de Regulamento de vida, é possível que essa mencionada aula de religião tivesse o intuito de reforçar e sacramentar os pontos apresentados no regulamento que se segue:

Modelo de Regulamento de Vida

“Se quereis ter algum adiantamento espiritual, não vivas à vossa vontade, mas sujeitai todos os vossos sentidos ao suave jugo da disciplina” (Imit. De Cristo)

- 1) Levanta-se cedo, e em hora certa. Oração da manhã. Esforçar-se por comungar todos os dias, assistindo à Sta. Missa. Quando não puder comungar, fazer ao menos a Comunhão Espiritual.
- 2) Ao menos um quarto de hora de meditação cada dia.
- 3) Alguns minutos de leitura espiritual.

- 4) Recitar todos os dias o terço, meditando os mistérios. É um excelente meio para viver na companhia de Jesus e Maria, e aprender, em sua escola, prática das virtudes.
- 5) Assistir às novenas, pregações, o mais que for possível.
- 6) Visitar o SS Sacramento, Maria SS e Sta. Inês. Unir-se durante o dia a Deus, mediante frequentes jaculatórias.
- 7) Fazer durante a oração da noite, um sério exame de consciência. Examinar, sobretudo, o defeito dominante e os meios de o vencer.
- 8) Deitar-se cedo, para ter as horas de sono necessárias à saúde e à execução do regulamento de vida.
- 9) Ter um Diretor Espiritual. Confessar-se breve e claramente, todas as semanas, sendo possível. Ser discreta em tudo o que se relaciona com a confissão e a direção. Deixar-se conduzir. Obedecer ao Diretor. “Um penitente que obedece nunca se condena”
- 10) Fazer todos os anos os santos exercícios espirituais.
- 11) Celebrar com especial devoção, as principais solenidades de Nosso Senhor, de N. Senhora e de Sta. Inês, fazendo uma fervorosa novena, ou tríduo de preparação para elas.
- 12) Não se esquecer do Mês de Maria, em honra da Rainha do Céu, assistindo a ele um público sempre que for possível, e na sede da Pia União.
- 13) À imitação da SS virgem, procurar ser humilde, obediente, modesta e caridosa. São essas as quatro virtudes que compõem o espírito da Pia União.
- 14) Fugir da ociosidade, amar o trabalho, oferecendo-o a Nosso Senhor, bem como as contrariedades e dificuldades que o acompanham. (Manual da Pia União das Filhas de Maria e da Federação Mariana Feminina e da Arquidiocese de Mariana, 1952, p. 33-34)

Ao analisar este código de conduta, retirado do Manual da Pia União das Filhas de Maria e da Federação Mariana Feminina e da Arquidiocese de Mariana, observa-se que ele busca incutir na associada uma rotina ligada aos ritos e práticas católicas. Isto reduzia consideravelmente o tempo disponível daquelas que o seguissem pontualmente, dificultando o acesso desta pessoa a atividades desvinculadas da Pia União. Na regra de número 9 tem-se a demonstração do ato de monitoramento sobre a associada. O dever de obediência ao diretor e a confissão breve e clara pressupõe uma postura de grande objetividade no trato para com as Filhas de Maria.

Não se pode afirmar que este código de conduta fosse severamente aplicado em todas as unidades da Pia União. Todavia, no acervo da Pia União de São João da Boa Vista ainda existem exemplares deste manual. É válido apresentar sua folha de rosto, onde a recém-associada deveria preencher seus dados. O código de conduta era oferecido de maneira direta e pessoal, sendo que a sua receptora deveria guardá-lo e arcar com a responsabilidade de tê-lo.

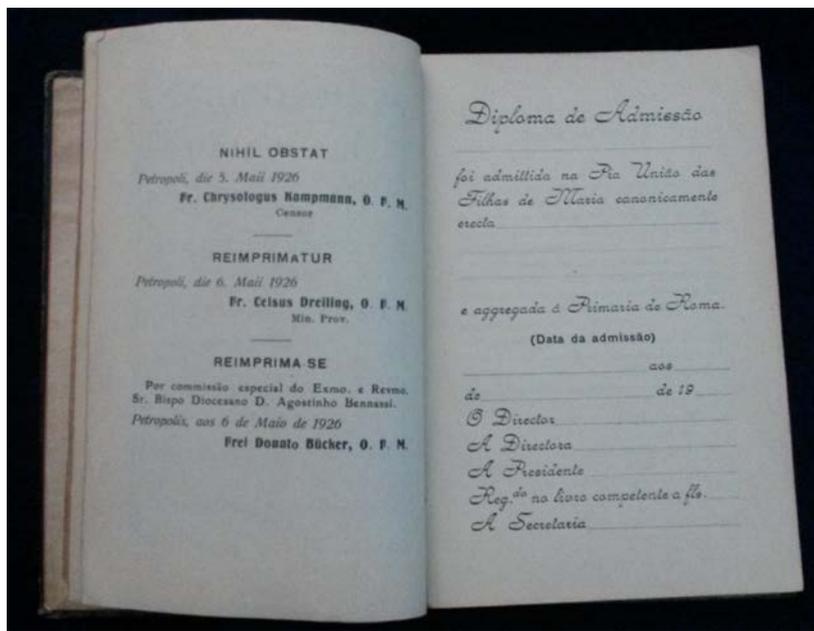


Figura 13 – Diploma de admissão de nova integrante da Pia União das Filhas de Maria.

Para reforçar e complementar os pressupostos apresentados pelo manual desde 1926, foram afirmadas em 22 de agosto de 1937 as *Leis de conduta moral*, dadas por S. Em. D. Sebastião Leme, na Assembleia Geral do “Dia da Filha de Maria” da Arquidiocese do Rio de Janeiro, apresentadas em seguida:

1 — Piedade e vida interior: A Filha de Maria, onde quer que se apresente, deve ser reconhecida pelo seu porte exterior de distinção e modéstia, reflexo de uma piedade sólida e de vida interior profunda.

2 — Fervor Eucarístico: A piedade e a vida interior da Filha de Maria devem alimentar-se com a devoção fervorosa à Santíssima Eucaristia, concretizada principalmente, pela assistência à Missa e pela Comunhão frequente, e, se possível, diária.

3 — Devoção terníssima à Maria: Pela devoção terníssima que deve consagrar à sua Mãe do Céu, a Filha de Maria não deixará passar nenhuma Festa de Nossa Senhora sem esmerado preparo e condigna celebração.

4 — Devoção dos Sábados: A devoção dos Sábados, tradicionalmente consagrados pela piedade católica ao culto da Virgem Maria, ocupará um lugar de destaque na vida espiritual da Filha de Maria.

5 — Ação Católica: No exercício pacífico da Ação Católica, cada Filha de Maria deve procurar obter um lugar de honra, quer pela sua formação primorosa, quer pela incorporação numa das suas duas organizações fundamentais femininas.

6 — O amor à Igreja e ao Papa: A Filha de Maria não cederá a ninguém o primado do amor à Igreja e a submissão filial ao Papa e às Autoridades Eclesiásticas.

7 — Diversões e Modas: Na sua atitude em face das diversões modernas, das modas e leituras, a Filha de Maria lembrar-se-á sempre das altas exigências de sua eminente dignidade cristã.

8 — Praias e Banhos: As praias de banho não serão frequentadas pela Filha de Maria em trajas, horas e companhias incompatíveis com a Modéstia Cristã.

9 — Cassinos: As responsabilidades de perfeição individual e de bom exemplo interdizem à Filha de Maria a frequência dos cassinos e reuniões similares.

10 – Rádios: O cuidado com a conservação de suas virtudes exige que a Filha de Maria não sintonize para as estações emissoras em horas de programas pouco escrupulosos e inconvenientes. (LEME, 1937).

Chama-se aqui a atenção para os itens 6 a 10 que procuravam dar normativas que padronizavam o cotidiano da Filha de Maria. A obrigação de se submeter à hierarquia da Igreja Católica apresentada no item 6 coloca a jovem da Pia União em uma condição passiva quando tem a liberdade de escolher suas vestimentas cerceada no item 7, seu direito de ir e vir quando tem seu acesso a praias e banhos limitado no item 8. Ainda, são limitadas as suas capacidades de escolher seus meios de entretenimento no item 9 e seu acesso à diversidade de informações no item 10.

Em troca do respeito a este rigoroso manual, a associada receberia o privilégio de ser Filha de Maria, título que diferenciava as moças em todas as cidades em que a associação existiu, salvo possível exceção que os limites desta pesquisa não permitiram descobrir. Integrar uma unidade da Pia União das Filhas de Maria significava integrar um rigoroso treinamento para ser guardiã da moral e dos bons costumes ditados pela Igreja Católica da época. Além do limitado contato com o sexo masculino, tinham regras de como se portar em público a fim de zelar pelos valores morais, e utilizavam um uniforme: vestido branco, véu na cabeça e uma fita no pescoço ou na cintura, verde para as aspirantes e azul para as Filhas de Maria, fita essa que carregava uma medalha com a imagem de Nossa Senhora, “Era o pedaço de cetim azul que transportava aquela jovem para outra dimensão na sociedade.” (SOUZA, 2010, p.5)

Os registros da Pia União revelam um material de grande relevância para a compreensão da formação de uma cultura social no contexto estudado, pois quando as integrantes dessas associações se casavam e constituíam família, no papel de mães eram as primeiras educadoras dos que formariam a elite intelectual da cidade.

Dessa forma, o fruto de sua educação nos colégios e, não obstante, nas associações, não tem reflexos diretos, mas sim indiretos, e de grande importância na formação da cultura social católica local.

4.4 – Características socioculturais firmadas com o apoio da Pia União na cidade de São João da Boa Vista.

Na tentativa de entender qual a contribuição que a Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista teria legado para a configuração da cultura social da sociedade em questão, deve-se observar que não faltam termos ligados à mencionada associação que retratem uma postura retrógrada; ele encontra-se inclusive no próprio termo “filhas” de Maria. Ainda hoje não é preciso olhar além das mídias sociais para que encontremos legendas como “meu filho predileto”. Fato que estaria ligado à configuração social de um catolicismo onde atribui-se uma predileção pelo filho que segue à risca os dogmas católicos, tal como o ato de integrar um grupo como a Congregação dos Marianos ou a Pia União das Filhas de Maria tornando-se um espelho para a sociedade católica e tradicionalista da época.

Em procissões, as Filhas de Maria ocupavam lugar de destaque à frente.

Com relação à postura cotidiana é válido voltar ao já citado *Manual de conduta da Pia União das Filhas de Maria*, que reforça de maneira incisiva aquilo que seria considerado correto e que se esperava das jovens moças:

Ao levantar-vos "vesti-vos com toda a modéstia... À noite... despi-vos com toda a modéstia, pensando na presença de Deus e do Anjo da Guarda, pois

que, essa noite poderá ser a última da vossa vida, e perguntai a vós mesma: Onde aparecerei de manhã? Continuarei neste mundo como até aqui, ou aparecerei na Eternidade? E será no Céu ou no Inferno?"(Manual da Pia União das Filhas de Maria, 1926, p. 114-118).

Este regimento comportamental era respaldado por uma tentativa de inculcar o temor na consciência da Filha de Maria, uma vez que um desvio da conduta esperada era caracterizado da seguinte forma:

A donzela vaidosa é uma enviada do Demônio, porque a vaidade é mais que irmã da impureza, é sua mãe"(Manual da Pia União das Filhas de Maria, 1926, p. 114-118).

Se por um lado, havia uma punição moral pelo não cumprimento das normas de conduta esperadas de uma Filha de Maria, por outro lado, existiam bonificações atribuídas àquelas que, por ventura, seguissem essas normativas à risca, como nos mostra Maria Lucelia de Andrade, em seu artigo: *O encanto da fita azul: "memórias trajadas" das Filhas de Maria:*

Era azul, feita de cetim. Seu tom celeste luminoso encantava as jovens da cidade. A cor cintilante do tecido destacava-se nas vestes brancas e sóbrias, nos compridos vestidos de mangas longas desprovidos de qualquer tipo de decote. Seu brilho, de tonalidade celestial, podia ser visto ao longe e dava àquela que a usava um status de pureza insuspeita. Presa a esse pequeno pedaço de tecido azul reluzente, trazia-se a medalha prateada, que retratava a santa de devoção da irmandade. Mas a medalha, que das mais abastadas era confeccionada em prata e trazida de fora, e que deveria ser o símbolo principal de devoção, ficava em segundo plano. Era o azul, era a fita, o que encantava à primeira vista. Objeto de desejo, sonhava-se com a possibilidade de ter aquele pequeno pedaço de tecido encantado em volta do pescoço. A

fita azul identificava uma Filha de Maria, a fita azul dava-lhe uma posição de destaque, mas principalmente a fita azul hipnotizava-lhes os sentidos e as transportava para uma outra dimensão social. A fita tinha uma espécie de poder de metamorfose. A partir de sua aquisição transformava-se uma jovem mulher, anônima ou nem tanto, em uma jovem respeitada, conhecida, com uma identidade distinta na cidade: uma Filha de Maria. Com essa identidade, as jovens desfrutavam do privilégio de tomar parte nos principais eventos sociais e religiosos do município, que estava sempre às voltas com as “coisas da Igreja”. Era a fita que atribuía a essas jovens esta identidade. A identidade de moça respeitável, devota, pura (...) nas primeiras décadas do século XX. (ANDRADE, 2007, p.1-2).

Estes trechos aqui apresentados são formas de demonstrar o quanto suas famílias estavam preocupadas com diretrizes tidas como corretas para a época. Tais dizeres possivelmente teriam uma profundidade complexa de ser compreendida pelas jovens daquela União, porém naquele momento o significado não seria de grande relevância, mas sim o local que ocupariam estas jovens naquela sociedade por, entre outras coisas, proferirem dizeres como estes.

Ao se tornar uma filha de Maria, a moça ganhava destaque, seja diante de uma igreja, diante de uma cidade ou ainda diante de uma família católica. Esta cultura, embora ainda usual, estaria na contramão do próprio evangelho que deixa claro na parábola do filho pródigo, que o filho predileto é aquele que mais necessita.

Conclusão

Acredita-se que o trabalho aqui realizado será capaz de contribuir para preencher lacunas ainda muito comuns na história da educação religiosa regional no Brasil, o que por sua vez contribuiria como um complemento para a história da educação brasileira como um todo.

Nesse sentido, este trabalho teve a preocupação de partir da história geral da educação feminina no século XX para as especificidades assumidas pela Pia União das Filhas de Maria na Cidade de São João da Boa Vista, já havendo no capítulo primeiro a preocupação em associar a história das mulheres de classes sociais economicamente privilegiadas com a Pia União contextualizada na cidade de São João da Boa Vista.

No segundo capítulo, procurou-se explanar o contexto histórico onde a Romanização teve que conviver com a Doutrina Social Católica em um momento onde Roma, inspirada em seu ultramontanismo, incentivou a criação de associações de fiéis. Estas tiveram destaque por sua capacidade de organização até meados de 1960 quando finalmente a Ação Católica Especializada, nascida da Doutrina Social Católica, ganha maior expressão no contexto do regime militar. Destaca-se também o envolvimento desta Ação Católica com a política neste momento conturbado. Todos estes esforços estiveram focados em uma empenhada abordagem da Pia União em seu contexto histórico.

Na mesma intenção, no capítulo terceiro, compara-se a estrutura social, política e religiosa de São João da Boa Vista com a geral do Brasil em momentos próximos para, em seguida, promover um diálogo entre a sociedade sanjoanense e a Igreja Católica.

No quarto e último capítulo, busca-se analisar a Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista com base no alicerce levantado nos capítulos anteriores.

De modo geral, firmou-se aqui a proposta de que quando se tenta construir uma história geral do cristianismo no Brasil, esta irmandade feminina não pode ser deixada de lado, como já foi feito em outros contextos onde a história das mulheres e a história da vida privada não eram valorizadas.

Com relação a cidade de São João da Boa Vista notou-se um empenho em arquitetar uma trajetória na formação do fiel católico local. Havia uma proposta educacional que começava com a inserção da criança na cruzada eucarística, seguida pela entrada na Pia União, ou Congregação Mariana e concluída com a participação no Apostolado da Oração para aqueles que não seguissem a vida sacerdotal. É curioso que se colocarmos essa organização ao lado da organização da Educação Básica, composta por: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, a Pia União e a Congregação Mariana estariam na posição equivalente ao ensino fundamental.

O ensino fundamental possui essa denominação por um motivo muito claro, trata-se da fase de amadurecimento, estruturação e aprofundamento dos aprendizados conquistados na educação infantil. Desta forma podemos entender a Pia União como o núcleo da trajetória na educação católica na cidade de São João da Boa Vista.

É válido destacar que as jovens de muitas famílias na cidade de São João da Boa Vista na primeira metade do século não concluíram toda a educação básica, mas frequentaram rigorosamente a cruzada eucarística, seguida pela Pia União e Apostolado da Oração respectivamente. Pode-se supor que no seio dessas famílias a educação no seio da Igreja Católica tivesse um peso de maior ou no mínimo igual relevância para a formação cidadã.

É possível que esta forma de pensar engendrada em certas famílias sanjoanenses, seja um resquício cultural oriundo de um pensamento educacional, trazido, possivelmente, por aqueles que compuseram a formação da cidade. Esta

postura teria se modificado com o passar dos anos e se encerrado com a decadência das associações católicas em São João da Boa Vista.

Outra possível hipótese, seria a de que esta mentalidade não deixou por completo a cultura socioeducacional sanjoanense, apenas se mostra de maneira menos evidente a partir da segunda metade do século XX.

Visto que a possibilidade de trabalhar a hipótese acima mencionada é um desafio que se enquadra para além do recorte aqui proposto, acredita-se que a maior contribuição que o estudo sobre a memória da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista tem a oferecer, por hora, seja esta possibilidade de interpretação de sua relação com o contexto em que ela existiu, através do rico acervo de documentos deixados e para a construção de uma história do catolicismo, marcando presença na construção da cultura socioeducacional local e colaborando para o preenchimento de lacunas na história geral da educação no Brasil.

Enquanto autor desta dissertação, eu João Guilherme de Oliveira Pellegrini, acredito que esta organização da vida e formação católica na cidade de São João da Boa Vista não é meramente ocasional ou têm o simples propósito de dar organicidade ao processo catequético dos fiéis. Há um fundamento pedagógico, um princípio educacional focado na dependência do fiel à instituição. Para isso esta formação buscava a infantilização psicológica do fiel, pois a garantia de sua menoridade intelectual o colocaria numa condição de dependência permanente diante da instituição católica.

Encerro esta etapa de minha vida acadêmica em março de 2016, momento de conturbada situação política no Brasil. Momento que dá margem para que as mais diversas pessoas expressem posicionamentos que até então, guardavam para si. Começam a ser notados alguns comportamentos conservadores, resultantes, vejo, de uma trajetória histórica. Espero com este trabalho ter aberto uma pequena via que possa contribuir para a compreensão de certos momentos históricos que projetaram alguns desses comportamentos.

É nesta pretensão que afirmo minha crença no fato de que a Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa vista - SP teve considerável contribuição para a formação da cultura socioeducacional local, na primeira metade do século XX, seja na condição de jovens que representavam um espelho para a sociedade, e catequistas, futuras mães de família, ou alunas e professoras do Colégio Santo André, colégio católico da cidade, onde comumente as filhas de maria estudavam. Certos resquícios das práticas educacionais dessa associação podem ser percebidos por aqueles que eventualmente quiserem observar as minúcias da cultura sanjoanense.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. *Ler as Letras – por que educar meninas e mulheres?*. São Paulo: Autores Associados, 2007.

ALMEIDA, Maria de Lourdes dos Santos de. *Entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. Divinolândia - SP, 8 abr 2014.

AMBRÓSIO, Terezinha Guimarães. *Entrevista concedida a Marcella Tramonte e João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. São João da Boa Vista - SP, 22 out 2012.

ANDRADE, Maria Lucelia de. O encanto da fita azul: “memórias trajadas” das Filhas de Maria. IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais. Universidade Estadual do Maranhão. São Luís - MA. Disponível em: www.outrostempos.uema.br/curso/estado_poder/2.pdf. Acesso em: 03 dez 2015.

ANDRADE, Maria Nazarete de Barros. *Entrevista concedida a Marcella Tramonte (dig.wav)*. São Paulo, 29 out 2012.

ANNUARIO *Commercial dos E.U. do Brasil*. São Paulo: Medeiros e Cia., 1907.

ANNUARIO *Commerciale dello Stato di S. Paolo*. São Paulo: Medeiros & Comp., 1904.

AZZI, Riolando. *A Vida Religiosa no Brasil – Enfoques Históricos*. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____, *Congregação das Irmãs de São José: Educação, Saúde e Assistência Social na Província de São Paulo*. São Paulo: 1 ed. (n.d.).

_____, & GRIJP. Klaus van der. *História da Igreja no Brasil – Terceira Época – 1930-1964*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

BITTAR, Marisa. *A pesquisa em educação no Brasil e a construção do campo científico*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art01_33.pdf. Acesso em 12 fev 2015

BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O Campo científico In: ORTIZ, Renato (Org) Pierre Bourdieu: sociologia.. São Paulo: Ática, 1994. 2ª.ed CÂMARA, Jaime de Barros. *Apontamentos de história eclesiástica*. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo Brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

BUFFA, Ester. *A teoria em pesquisa: o lugar e a importância do referencial teórico na produção em educação*. *Cadernos de Pós-Graduação*, São Paulo, v.4, Educação, p 33 – 38, 2005.

CAMARGO, Cleonice Mattioli & PASSOS, Irmã Yara de Moraes. *O Colégio São José da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Crônica comemorativa do 1º Centenário 1880 – 1980*. São Paulo: Provedoria de Dr. Christiano Altenfelder, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. São Paulo: Globo, 2012

FERREIRA JR, Amarílio. *Do contexto ao texto: a ditadura militar e a obra: “colonização e catequese”*. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. *Navegando pela História da Educação Brasileira*. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_003.html. Acesso em 26 mar 2015

FERREIRA, Marcus. *O Integralismo na cidade de Matão – Oswaldo Tagliavini e sua máquina de idéias*. Rio de Janeiro, 2006.

GOMES, Jarbas Mauricio. *Religião, educação e hegemonia nos Quaderni del Carcere de Antonio Gramsci*. Maringá – PR: EDUEM, 2014.

HOMENAGEM à Madre Maria Theodora Voiron. São Paulo: Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano S. Coração de Jesus, 1919.

HOORNAERT, Eduardo. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus, 1994.

IANNI, Octávio. A construção da categoria. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art01_33.pdf. Acesso em 26 mar 2015

LEÃO XIII, Papa. *Rerum Novarum- sobre a condição dos operários (1891)*. São Paulo: Paulinas, 2ª.ed, 1968.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEME. D. Sebastião. *Leis de conduta moral*. Rio de Janeiro: Arquidiocese do Rio de Janeiro, 1937.

LUNÉ, Antônio José Batista de. *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação, da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 3ª.ed, 1992.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Igreja e Educação Feminina (1859 – 1919)*. Maringá – PR: EDUEM, 2008.

_____, *A Educação Feminina em São Paulo no Século XIX (1850 - 1899)*. São Paulo: SBPH, 1989.

_____, *A Presença Católica na Educação Brasileira: 1859 – 1959*. São Paulo: Didática, 1992.

_____, *Igreja e Educação na Primeira República*. São Paulo: SBPH, 1988.

_____, *Igreja e Laicismo Educacional: As bases do conflito*. São Paulo: Didática, 1985.

MARRAFOM. Lazara Aparecida Carneiro. *Entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. São João da Boa Vista - SP, 5 jan 2016.

MATTOS JR., Jonathas. *A Catedral de São João da Boa Vista*. São João da Boa Vista – SP, 1992.

_____, *Ensaio Historiográfico: Teatro Municipal e a trajetória das artes em São João da Boa Vista*. São João da Boa Vista – SP, 2000.

MANUAL da Pia União das Filhas de Maria e da Federação Mariana Feminina e da Arquidiocese de Mariana, 1952.

MEC/SEF. *Entre a História Sagrada e Profana*. Brasília: Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, v.5.

NASSIF, João Umberto. *Paulistenses*. Piracicaba: IHGP, 1ª.ed, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *A História depois do papel*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. São Paulo: Cortez Editora, 3ª.ed, 2014.

OLIVEIRA, Pedro A. R. *Religião e dominação de classe*. Petrópolis: Vozes, 1985.

RADIOMENSAJE DE SU SANTIDAD PÍO XII CON MOTIVO DE LA CLAUSURA DEL CONGRESO CATEQUÍSTICO DE BARCELONA. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1946/documents/hf_p-xii_spe_19460407_catechistico-barcelona.html. Acesso em: 27 nov 2015.

REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

RELATÓRIO *da Mesa Conjuncta da Irmandade da Santa Casa de São Paulo*. São Paulo: Provedoria de Dr. Antonio de Pádua Salles, 1937.

RIBAS, Ana Cláudia. *À Sombra das virgens: os códigos de conduta da “Pia União das Filhas de Maria” na primeira metade do século XX*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277916012_ARQUIVO_asomb-radasvirgens.pdf. Acesso em: 09 nov 2012.

RODRIGUES, Maria Augusta Rosário. *Entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. São João da Boa Vista - SP, 19 mai 2015.

ROMANO, Roberto. *Brasil: Igreja contra Estado*. São Paulo: Kairóz, 1979.

SAVIANI, Dermeval. *Educação e Colonização: as idéias pedagógicas no Brasil*. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.p.121-130.

SAVIGNADO, Jéferson Rodrigo Tagliavini & TAGLIAVINI, João Virgílio. *Oswaldo, um católico integralista*. São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2005.

SILVA, Eliane Moura. *Entre religião e política: maçons, espíritas, anarquistas e socialistas no Brasil por meio dos jornais A Lanterna e O Livre Pensador (1900 – 1909)* in: ISAIA, Artur César & MANOEL, Ivan Aparecido. *Espiritismo & religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOFIATI, Flávio Munhós. *Juventude Católica – O Novo Discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos – SP: EDUFSCAR, 2012.

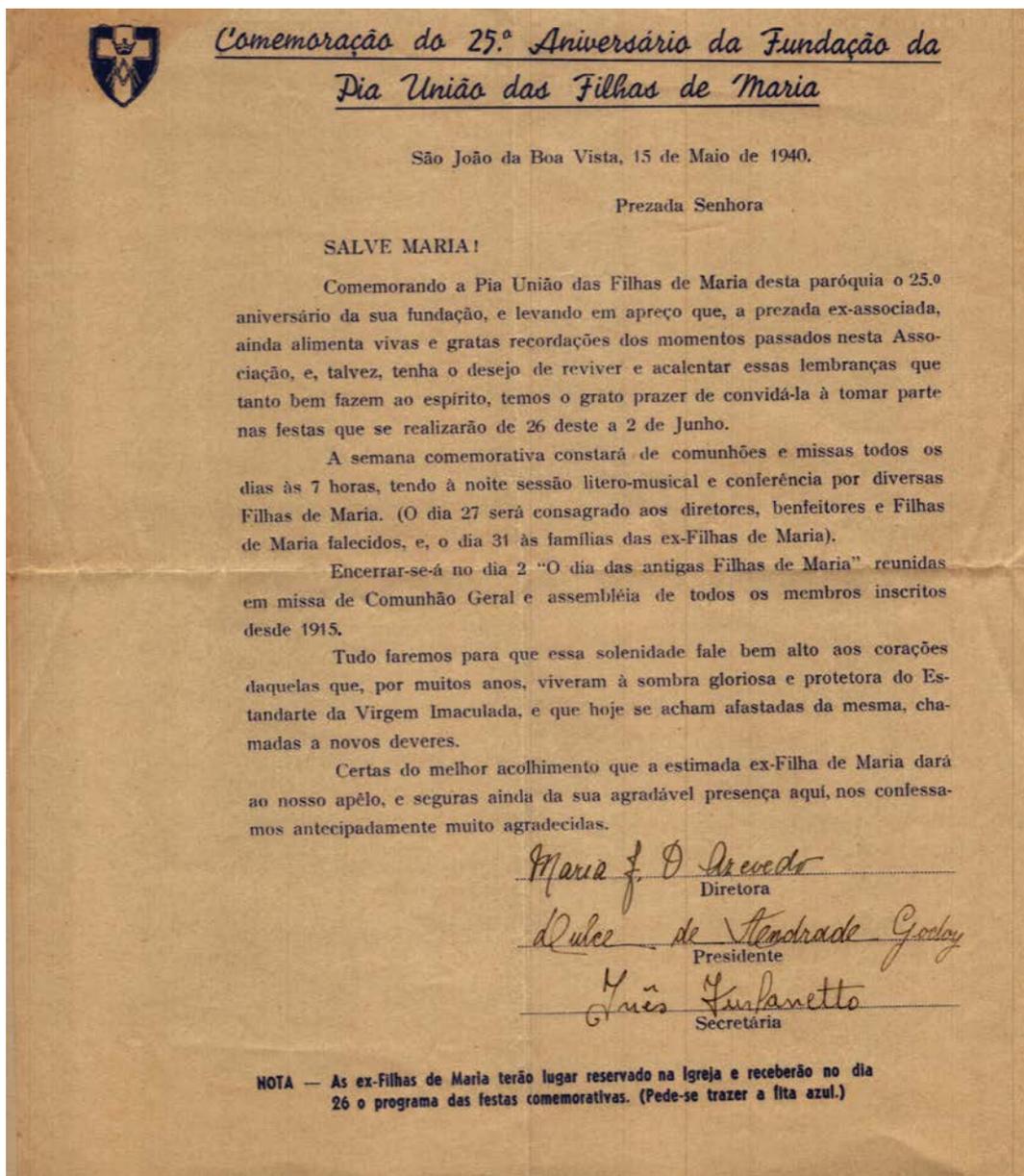
SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. *Construindo identidades: a Pia União das Filhas de Maria e o catolicismo romanizado*. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1275852667_ARQUIVO_Construindoidentidadescomunicacaoanpuh2010textofinal.pdf. Acesso em 09 nov 2012.

UMBELINA. Cândida. *Entrevista concedida a Marcella Tramonte e João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. São João da Boa Vista - SP, 13 mai 2014.

VILLELA. Carmela Edvirges Lombardi. *Entrevista concedida a João Guilherme de Oliveira Pellegrini (dig.wav)*. São João da Boa Vista - SP, 31 jul 2015.

Apêndices

Apêndice A – Comprovante da fundação da Pia união das Filhas de Maria em São João da Boa Vista no ano 1915 / Comemoração do 25º aniversário da associação.



Apêndice B – Ata da reunião fechada para investigar a relação de uma filha de maria de São João da Boa Vista com um congregado mariano da mesma cidade.

São João da Boa Vista 8 de agosto 1837

Senhora Presidente da Pia União das Filhas de Maria e demais membros do Conselho Decreto

Venho responder à Senhora Presidente e ao Conselho Decreto, dessa associação; a carta a mim dirigida no dia 16 de julho p. p. que veio ter as minhas mãos no dia 18 de mês fa citado.

Venho por intermedio deste afim de esclarecer o Digno Conselho e a todas "irmãs espirituales" e atender as exigencias da carta supra citada.

Fago-o publicamente; aliás, na presença de todas minhas irmãs sabedoras ou não do que se passa, lamentando não obstante, esse meu gesto, mas forçada pela circumstancia assim é que procedo. Peço a attenção de todas principalmente daquellas que conhecem a minha vida, desde que sou filha de Maria e desde que perdi minha mãe.

Para que minhas irmãs possam comprehender tenho de esclarecel-as. Alguem cujo ^{nome} não posso entrever, tem abusado de meu nome e dirigido innumeradas cartas a um Mariano desta cidade.

Estas cartas são escriptas por pessoas bastante conheedoras de minha vida; nellas ha uma serie de coincidencias contra os juizes eu nada posso fazer; certos factos nellas citados coincidem infelizmente com os meus actos; o perverso ou a perversa que vem abusando do meu nome é bastante rapaz.

Entretanto eu disse e afirmei a senhora presidente que nunca escrevi tais cartas; dirigiu-me ao nosso Digno director espiritual e a unica auctoridade suprema, e expuz a elle a minha situação.

Contra essa serie de acuzações só posso gritar: Pela memoria de minha mãe, pelo repouso de meu irmão fallecido

a pouco tempo: Não sou eu a autora dessas cartas!

Mas confio na misericórdia infinita de Deus que ainda embora que tarde se revelará descobrindo o verdadeiro culpado.

Senhora Presidente! Não é preciso avisar-me
pae como ameaças-tes! Há muito já falei com elle, e
elle não fez como vós; elle sabe que eu estou innocente e
me autorizou a defender-me! Perante vós, nada tenho
a fazer, pois sois vós quem me estaes acusando fazendo
falso temerario, como si fosse eu a autora dessas infamias.

Cartas enviadas por si! diz o officio! Eu venho per-
guntar senhora presidente: O conselho secreto enviou
a algum tecnico algumas dessas infames folhas de papel
na qual puseram o meu nome?

As minhas irmãs, lembraram-se antes de me acusar; de-
agor como deviam? Puzeram em pratica o lema da
senhora presidente que é: Uma por todas e todas por uma.

Qual foi o gesto solidario, qual foi o acto de fraternidade
que minhas irmãs tiveram?

Apenas, como aquellas pessoas do Evangelho, foram as
primeiras a atirar-me pedras; esquecendo-se do 8º mandamento.
O nosso Divino Mestre resumiu todos os mandamentos em dois: Quem ama a Deus ama a seu proximo.

Vós me acusas-tes como culpada, sem olhar para o meu
passado. Há 8 annos que sou filha de Maria e pa
conseguir, eu tenho feito sacrificios. Orphã aos 18 annos
tive sobre minha responsabilidade as obrigações e 8 irmãos.

Eu sempre fiz o possivel afim de cumprir com o meu dever
religioso; apesar de lutar contra o indifferentismo dos meus

Vós me condenastes esquecendo-se que embora eu tivesse
vontade de escrever, não teria tempo, pois no meu lar eu
sou a unica responsavel pela direcção, e um caso como
esse se reflectirá...

Vós me condenastes tendo como credenciaes umas miseraveis cartas, feitas com assignaturas falsas, sem pensar que embora se venha a descobrir a auctora ou auctor dessas infamias, embora tudo venha receber a luz da verdade, (como eu tenho fe em Deus que isso aconteça) eu não posso mais confiar no lema, que foi dito pela senhora Presidente em datas inolvidaveis e ouvido por todos.

Vós dizeis, para zelar pelo nome de filha de Maria.
Eu zelo pelo nome que me foi legado!

Vós e o Conselho tendes o direito de aplicar - me a devida pena caso eu forre a culpada; e eu a receberia com toda humildade, para isso tenho o meu espirito amoldado.

Di ainda não dei as provas materiaes que vos escizisteis por zelar pelo nome que tanta honra tenho de possuir.

Mas vós nunca podereis excluir - me espiritualmente Senhora Presidente e demais membros do Conselho, foi vós quem me obrigasteis a agir tão contra a minha vontade.

Vós fugisteis das normas da lei de nossa associação acusando-me, ameaçando-me e escizendo provas materiaes.

Penso que acima de todas as associações, acima da nossa directoria, acima do conselho secreto, está pela hierarquia, pela autoridade que representa para nós, aquelle que não daria o consentimento para vós, e outros dirigirem - me tão rude e injusta acuriação.

Terminando espero o vosso segundo julgamento, acitarei a pena que me for imposta por este ser feito publicamente, mas com a autorização do Digno. Director que mais que ninguém a applicará com justiça.

O meu conselho é grande! Porque eu nada devo a ninguém.

Ízabel Valentim López
Filha de Maria

Apêndice C – Questionário de admissão na Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista.

PONTOS PARA O EXAME DE ADMISSÃO À PIA UNIÃO DAS
FILHAS DE MARIA

PERGUNTAS |

- 1a. - Quem nos criou?
- 2a. - Quem é Deus?
- 3a.- Quantas pessoas há em Deus?
- 4a- Como se chama esse mistério?
- 5a- Que se entende por Jesus Cristo?
- 6a- Quantas naturezas há em Jesus Cristo?
- 7a- Quem é a Mãe de Jesus Cristo?
- 8a- Quem é o pai de Jesus Cristo?
- 9a- Maria é diferente das outras pessoas? Porque?
- 10a- Como se chama o mistério de um Deus feito homem?
- 11a- Onde nasceu Jesus Cristo?
- 12a- Onde morreu Jesus Cristo?
- 13a- De que modo morreu Jesus Cristo?
- 14a- Como se chama esse mistério?
- 15a- Que aconteceu a Jesus Cristo no terceiro ^{dia} depois de sua morte?
- 16a- Para que estamos neste mundo?
- 17a- Como se divide a doutrina católica?
- 18a- Que é a Pia União?
- 19a- Qual é a categoria da Pia União?
- 20- Como é administrada a Pia União?
- 21- Quais as virtudes principais da Filha de Maria?
- 22- Porque perseverarei no meu tempo de Aspirante?
- 23- Quantos são os mandamentos da Lei de Deus?
- 24- A quem Deus entregou as táboas da Lei?
- 25- Quais são as virtudes que encerram o 1º mandamento?
- 26- Que é a Comunhão dos Santos?
- 27- Que culto prestamos à Maria Santíssima? É superior ao dos Santos?
- 28- Que culto prestamos a Deus?
- 29- Que é a Missa?
- 30- Quais são as partes principais da santa Missa?
- 31- Que é o Rosário? como se divide?
- 32- Quais são as obrigações principais da Filha de Maria?

Apêndice D – Diploma de admissão na Pia União das Filhas de maria de São João da Boa Vista.



Apêndice E – Documentação de venda da sede da Pia União das Filhas de Maria de São João da Boa Vista para a Prefeitura Municipal da cidade em questão.

República Federativa do Brasil

Estado de São Paulo  **Comarca de São João da Boa Vista**

Certidão

FLS. 02 DO REG.
 N.º 2665183
 ASS. [assinatura]

Eu, *Ladislau Asturiano Filho*, Serventuário do Cartório do Registro de Imóveis e Anexos desta Comarca de São João da Boa Vista, Est. de S. Paulo, na forma da lei, etc.

Certifico que, revendo os livros do Cartório a meu cargo, a pedido verbal de pessoa interessada, deles, no de número 3-BA-, de Transcrição das Transmissões, e fls. 158v/159, sob número de ordem 49.391, em data de 4 de julho de 1972, verifiquei constar a transcrição pela qual a Pia União das Filhas de Maria recebeu no Espólio de Maria Ignez da Silva Oliveira, inventário processado no Juízo de Direito desta comarca, conforme certidão extraída dos referidos autos, em 19 de maio de 1972, pelo escrivão do 3º Ofício local, - UM IMÓVEL com frente para a rua Benedito Araújo, s/n., nesta cidade, contendo um pequeno cômodo construído de tijolos e telhas, medindo de frente 13,50 metros e nos fundos igual comprimento, de um lado 7,10 metros e de outro 5,10 metros, confrontando pela frente com a rua mencionada, de um lado e nos fundos com quem de direito e do outro lado com o Espólio inventariado, avaliado por cr\$13.105,00 (treze mil cento e cinco cruzeiros). - Não consta do título nenhuma condição especial. - **C e r t i f i c o** mais e finalmente que dos mesmos livros deste cartório não consta alienação alguma que tivesse sido feita pela adquirente Pia União das Filhas de Maria; não constando, outrossim, que a mesma tenha constituído hipotecas, penhores, penhores ou outros ônus reais de qualquer espécie gravando o aludido imóvel. Todo o referido é verdade e dou fé. São João da Boa Vista, trinta de agosto de mil novecentos e setenta e três (30/8/1973). Eu, *Thomas Nova*, escrevente autorizado, datilografei e subscrevi. --

[assinatura]
LADISLAU ASTURIANO FILHO
oficial

Se'os est. e de ancentadoria pagos por verba.

REGISTRO DE IMÓVEIS E ANEXOS
 Ladislau Asturiano Filho
 Escrivão
 São João da Boa Vista — S. P.

MATRÍCULA nº23.811. (Vinte e três mil, oitocentos e onze). São João da Boa Vista, 12 de Junho de 1987.

IMÓVEL: Um imóvel, com frente para a rua Benedito Araujo s/nº, nesta cidade, contendo um pequeno cômodo construído de tijolos e coberto de telhas, medindo de frente 13,50 ms. (treze metros e cinquenta centímetros), igual dimensão nos fundos; de um lado mede 7,10 ms. (sete metros e dez centímetros), e de outro lado mede 5,10 ms. (cinco metros e dez centímetros), confrontando pela frente com a referida rua; de um lado e nos fundos com o imóvel do Município de São João da Boa Vista, sucessor do Espólio de Maria Ignez da Silva Oliveira; e do lado esquerdo, de quem da rua olha para o imóvel, com propriedade de Eliseu de Freitas Valle Germano Filho. Dito imóvel encontra-se cadastrado junto à Prefeitura Municipal local sob nº01.0023.0231. Proprietária: "PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA", associação religiosa, vinculada à Paróquia de São João da Boa Vista e Diocese de São João da Boa Vista, com sede nesta cidade, na Praça da Catedral s/nº, inscrita no CGC/MF sob número-44.839.868/0002-72, representada neste ato por seu pároco, o Monsenhor Luiz Gonzaga Bergonzini, brasileiro, solteiro, maior, sacerdote, portador da CIRG nº2.279.196-SF e inscrito no CPF sob nº143.225.878-87, residente e domiciliado nesta cidade, na Praça da Catedral nº29, autorizado pelo alvará expedido pelo Juízo de Direito da 1ª Vara desta comarca, nos autos 049/87, em 18 de março de 1987. Título Aquisitivo: Registro nº49.391 do Livro 3-BA, deste Cartório. O Escrevente Autorizado: (Edelson Geremias Pinto). tnf.-

R.1/ M-23.811.

São João da Boa Vista, 12 de Junho de 1987. Transmitente: "Pia União das Filhas de Maria", associação religiosa, com sede nesta cidade, representada neste ato por seu pároco, o Monsenhor Luiz Gonzaga Bergonzini, acima qualificado, autorizado pelo alvará expedido pelo Juízo de Direito da 1ª Vara desta comarca, nos autos 049/87, em 18 de março de 1987. ADQUIRENTE: MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA, pessoa jurídica de direito público interno, inscrito no CGC/MF sob nº46.429.379/0001-50, neste ato, representado por seu Prefeito Municipal, Sr. Sidney Estanislau Beraldo, brasileiro, casado, do comércio, portador da CIRG nº4.830.856 SP e inscrito no CPF sob nº400.743.408-59, residente e domiciliado nesta cidade, à rua São José nº479, autorizado pela Lei nº406, de 12 de dezembro de 1986. Título: PERMUTA. Forma do título: Escritura pública de permuta, lavrada em 04 de maio de 1987, das notas do 2º tabelião local, Bêl. Jayme Antonio Peretti, (livro 260 fls. 193). Valor Cz\$..... \$106.314,17, (Cento e seis mil, trezentos e quatorze cruzados e dezesseis centavos). Valor venal do imóvel: Cz\$16.717,28. Consta do título que declara a transmitente, na forma representada, que não está obrigada a apresentação da CND/IAPAS, prevista no Dec. Lei nº1.958/82, de 09 de setembro de 1982. O Escrevente Autorizado: (Edelson Geremias Pinto). tnf.-

Anexos

Anexo A - Transcrição de entrevista concedida por Cândida Umbelina (Nena) – 82 anos

Ficha do Informante

Nascida na cidade de Vargem Grande do Sul no interior de São Paulo, mudou-se para a vizinha cidade de São João da Boa Vista aos 21 anos onde vive até 13 de maio de 2014, data da realização desta entrevista. Mora no centro da cidade em uma casa anexada à dos filhos de seus antigos patrões para os quais ela trabalhou desde sua chegada na cidade até sua aposentadoria.

Nunca se casou, tendo passado a frequentar a Pia União das Filhas de Maria em São João da Boa Vista aproximadamente aos 40 anos, época em que a associação já se encaminhava para o seu fim e possuía características bem distintas do período de sua fundação, abrigando mulheres solteiras com idade aproximadamente igual ou superior a 18 anos.

Entrevista

João: A senhora se lembra de que ano a que ano fez parte da Pia União?

Nena: Olha, eu vou te falar uma coisa, o ano certo assim eu não falo porque eu não guardei, não marquei, mas faz muitos anos que eu pertencia ao Coral da Santa Cecília. Eu ia muito no perpétuo. Assisti missa, tudo lá. Mas depois eu falava: eu vou passar em frente à Catedral e deixar a Catedral aqui pra ir lá, ai eu comecei a participar aqui e ai eu fiquei meio conhecida na Igreja e daí a organista, que era a dona Ziza Andrade, ela que comandava o coral... Era coro, naquele tempo não era nem Coral,

era Coro Santa Cecília, vocês sabem disso. Um belo dia ela me convidou, se eu queria... lá em cima! Faz mais de 40 anos que eu canto, né? Particpei em vários corais ai da igreja, até mesmo nos corais da cidade, porque eu gosto muito. Agora eu sou vocalize do Coral Boca Livre do Maestro Estevão, com eles lá. Eu gosto muito de música. Não sou estrela até hoje, mas gosto.

João: E na Pia união mesmo, a senhora se lembra se foi anos 50, 60, 70...?

Nena: É por ai. Eu fui da Pia união também. A nossa presidente era também a Ziza Andrade, ela era nossa chefe. E eu participava também. Também era dessa congregação. E era assim uma congregação muito boa, sabe? Tinha assim mais de 20 pessoas, sabe? E a gente tinha uniforme, era branco, fita azul, véu... O tempo do véu na cabeça ainda, sabe gente? E tinha assim as missas festivas principalmente no mês de maio e no mês de junho, eram dois meses festivos. Toda noite ela ia tocar e o coro cantava. A gente ia de uniforme, sabe? O uniforme era vestido branco e fita azul e a gente usava véu ainda naquele tempo. Quer dizer que já está bem pra trás, né?

João: E a senhora ficou até o fim da Pia União em São João?

Nena: Até o fim, até terminar.

João: E a senhora se lembra por que terminou?

Nena: Olha, foi acabando, sabe quando vai morrendo? Foi acamando, foi morrendo. Como hoje não tem associação nenhuma mais na Catedral, a única é o Apostolado da Oração; também sou do Apostolado da Oração. Já não estou nem pertencendo mais. Então, sabe? Vai morrendo.

João: A gente sabe que para pertencer à Pia União não podia ter muitas faltas. O que foi acontecendo para ir acabando? As moças começaram a faltar?

Nena: Isso mesmo, foi assim: as pessoas começam a faltar. Hoje vai uma, amanhã vai outra. Uma ia pra aqui, outra pra ali... Uma vai casando... Aquela debandada, vou

falar assim o português. Aquela debandada, então foi morrendo, foi acabando. Não por nada, não é por motivo nenhum, o motivo foi esse: foi acabando.

João: A senhora acha que o jeito, a forma, a cidade mudou? O Jeito das moças? A senhora acha que isso tem a ver com ter acabado, ou não?

Nena: Eu acho que não, eu acho que foi o decorrer dos tempos mesmo, sabe? Foi o decorrer dos tempos mesmo que foi acabando isso daí porque era a Pia União, tinha a de Nossa Senhora de Fátima, tinha a de Nossa Senhora do Rosário, tinha o Coração de Jesus que ainda tá de pé até hoje. Então todas acabaram. E tinha até dos marianos antes, também.

João: A Pia União ainda durou um pouco mais de tempo do que a dos marianos?

Nena: Ah durou! Durou bem depois.. Terminou bem depois.

João: E a gente viu que a maioria, não todas, as moças da Pia União, eram de famílias ricas, isso mesmo?

Nena: Isso mesmo.

João: Mas tinha também quem não fosse? A história da senhora? A senhora poderia contar um pouquinho? Como a senhora se interessou?

Nena: Foi assim, é como eu falei pra você, eu ia... Eu comecei a frequentar lá no Perpétuo. Eu passava em frente a Catedral. Em 15 minutos eu estava lá no Perpétuo Socorro.

Marcella: Ainda não dentro da Pia União?

Nena: Não.

Marcella: Só frequentando as missas?

Nena: Só missa. Depois eu comecei a pensar: a catedral é em frente, eu toda vida morei aqui, tem mais de 60 anos que eu moro aqui, nessa esquina com os patrões. Comecei a frequentar aqui e então eu comecei a ficar conhecida na igreja e um me vê daqui outro vê dali. Foi formando amizade e essa do coral me convidou pra cantar lá

em cima. Eu participava do coral lá em cima, depois ela me convidou pra Filha de Maria, onde eu participava também. Era da Pia União.

João: A senhora lembra quantos anos a senhora tinha?

Nena: Ah, quantos anos eu tinha? Ai você me pegou.

Marcella: Mais ou menos?

Nena: Ah, mais ou menos uns 40 anos por ai. Porque eu já estou bem... Com 82 anos eu vou fazer... Eu sou da revolução de 32.

João: A senhora entrou então com 40 anos...?

Nena: É por ai, depois dos 30.

João: E as moças que participavam, qual era mais ou menos a idade?

Nena: Era tudo assim moças mais passadinhas, mais adultas.

Marcella: Nessa época não tinha ninguém muito jovem? De 13, 14?

Nena: Não na nossa não tinha... Assim, na Pia União já era mais de 18 anos e dai pra frente.

João: de 18 anos tinha?

Nena: Tinha!

João: Porque a gente viu algumas histórias mais antigas da Pia União, que era 14, 15 anos, casava...

Nena: Mas é que ai começava na cruzada, começavam as meninas na cruzada, da cruzada é que iam para a Pia União. Tinha mesmo.

João: As meninas que estavam na cruzada também eram consideradas filhas de Maria, ou não?

Nena: Não, depois elas ingressavam na Pia União das filhas de Maria, mas primeiro era uma preparação, né? Elas eram da cruzada. Usava fita azul, só que era estreita, porque a nossa era larga, sabe?

João: E o catecismo? As moças da Pia União faziam catecismo? Ajudavam no catecismo? Davam aula de catecismo?

Nena: Não, tinham as pessoas que eram catequistas, né? Não era porque era da Pia União que ia ser catequista.

Marcella: Mas tinham catequistas dentro da Pia União?

Nena: Tinha, tinha! Tinha as catequistas. A irmã da dona Ziza Andrade, ela era catequista.

João: E fora o catecismo tinha algum outro trabalho que vocês faziam na Pia União? Com crianças ou adultos de ensinar o evangelho, ou de ensinar alguma coisa ligada a religião?

Nena: Olha, a gente tinha uma outra parte. A Gente tinha uma sala que era da Pia União, onde a gente trabalhava toda segunda-feira, bordava, crochê, tudo enfim... Trabalhos! Sabe? Chamava Sala da Pia União. Era numa segunda-feira, a gente trabalhava ali o ano inteiro, depois elas faziam o bazar e o que rendia daquele bazar, a gente ia lá na Vila São José, vocês sabem a onde é?

Marcella: Onde? Não sei!

Nena: Que é das pessoas menos favorecidas.

João: Ah, é o Lar São José.

Nena: Lara São José, isso mesmo.

João: Eu também estou curioso para perguntar: onde era essa sala da Pia União?

Nena: A sala da Pia união era do lado de lá.

Marcella: Na Própria Catedral?

Nena: Na própria Catedral. Quando eu comecei ali não era nem Catedral, né? Era Matriz São João Baptista. Depois de muito tempo é que... Daí você vê o tanto de tempo que eu estou lá, né?

João: Aumentaram ela na reforma?

Nena: Não bem, é porque era matriz, aqui não era diocese ainda. Não era diocese não. Então depois é que passou à Catedral. Isso tudo... Eu comecei funcionando como matriz.

João: E assim: trabalhos com jovens, com crianças que a Pia União realizava, tinha alguma coisa?

Nena: Não, ai já não tinha, o trabalho que nós fazíamos era esse.

João: Os cartazes das festas, servir mesas nas festas? Nas quermesses quando tinha festas, assim, alguma coisa?

Nena: Não Também.

João: Não?

Nena: Não! E as vezes tinha assim: por exemplo, tinha nossas reuniões que era uma vez por mês, né? As vezes tinha alguma festiva.

João: E eram muitas as senhoras que faziam parte da Pia união e também eram catequistas? Muitas moças da Pia união viravam catequistas?

Nena: É, tinha umas lá que era sim, já era delas aquilo, né?

João: E depois, você acha que quando elas casavam, sabendo que teve muitas moças da Pia União que casaram com marianos, as coisas que elas aprendiam na Pia União, elas levavam para a família? Passavam para a família os valores?

Nena: Olha, eu acho que naquele tempo levavam sim, sabe? Porque parece que aquele tempo, o tempo era diferente. Eu acho muita diferença, né? O que a gente passou, o que a gente fez naquele tempo, hoje não existe mais. Hoje é tudo diferente, né? Então, eu acho que houve uma grande mudança, mas naquele tempo existia sim.

João: E como que era uma reunião? A rotina da reunião?

Nena: A rotina era isso: quer ver? Era falar sobre... Falava do evangelho, falava sobre leituras, explicação de tudo assim, sabe? E tinha a tesoureira que escrevia a ata, tudo que acontecia ali na reunião. Ai na próxima reunião do outro mês lia aquela ata com tudo que passou na reunião, tudo que fez na reunião. Então discutia, falava sobre evangelho, falava sobre Deus, sabe? Era uma aula de religião.

João: Era uma aula mesmo?

Nena: Era, uma aula de religião. Eram pessoas muito preparadas, principalmente essa que era a organista, era muito preparada! Ziza Andrade.

João: A senhora sabe se a Dona Ziza estudou em colégio na Capital?

Nena: Estudou, ela foi... Ela trabalhou muito para a casa da criança, gostava de fazer caridade e tudo que ela fazia era por amor, não era nada por isso.

João: Então tinha um grande contato de trabalho social da Pia união com as pessoas de São João?

Nena: Com as pessoas, é!

Marcella: E tinha mais alguma menina que a senhora sabe que era estudada? Que tinha algum estudo formal, seja de música, seja de outro tipo de arte?

Nena: É, menina não, era mocinha. Era tudo que trabalhava, né? Mas tinha as que era como ele disse: da sociedade, né? Até sabe aquela casa ali da esquina? Que é o museu? Não sei o que é. Ali perto do clube, não tem uma casa lá que está tombada? Não tem?

João: Tem!

Nena: Então, essa senhora, a dona Ziza, elas eram proprietárias ali daquela casa. Eram dali ela e a irmã dela, e eram da igreja.

João: A irmã dela também era estudada e também fez parte da Pia união, né?

Nena: Fez parte, ela também era filha de Maria.

João: E as reuniões eram uma vez por mês?

Nena: Era uma vez por mês.

João: E uma reunião parecia com a reunião do mês seguinte, ou cada reunião acontecia alguma coisa diferente?

Nena: Não, mais ou menos era tudo aquele ritmo. Mas tinham coisas diferentes, sempre tinha qualquer coisa diferente na reunião.

João: E a senhora saberia dizer porque é que a maioria das moças da Pia União eram moças das famílias mais conhecidas? Das famílias mais ricas? E não tinham tantas moças das famílias mais carentes? A senhora sabe o motivo?

Nena: Não, eu não sei porque, sabe? Eu vou falar uma coisa pra você: naquele tempo, as pessoas eram muito recuadas umas das outras, eu vou dizer até por mim mesma, depois de muito tempo é que eu comecei a aparecer. Hoje as pessoas são mais abertas. Elas se atiram, vão e participam. Naquele tempo, pra falar pra vocês, tinham vergonha de ingressarem.

João: Mas, o trabalho da Pia União estava próximo das pessoas mais carentes?

Nena: Estava próximo sim. Era uma associação muito boa, viu?

João: E naquele tempo, a maior parte das pessoas, pelo menos das pessoas que a senhora conhecia eram católicas?

Nena: Eram católicas.

João: A senhora sabe já se tinham outras igrejas, outras religiões em São João?

Nena: Era muito pouco, que eu conheci era aqui só a protestante, que a gente conhecia.

João: Essa mesma que tem aqui...?

Nena: Essa mesma.

João: A presbiteriana?

Nena: Essa mesma, a presbiteriana. Era essa aí. Não tinha tantas assim, então era só a católica mesmo, né?

Marcella: E a senhora se lembra se dentro das escolas, escolas normais, era ensinado o catecismo?

Nena: Olha, no meu tempo ele era ensinado, quando eu era menina. Mas eu nem era daqui de São João. Eu era de Vargem Grande. Eu sou de Vargem Grande.

João: Era dentro da escola?

Nena: Era na escola. Tinha aula de catecismo, né?

João: E tinha alguma professora da Pia União que dava esse catecismo dentro da escola? Tinha alguma professora na Pia União?

Nena: Ah tinha, tinha professoras sim na Pia União também. Tinha gente formada.

João: De catecismo, ou de português, matemática...?

Nena: De catecismo. Assim da igreja.

João: Português, matemática... Alguma outra coisa tinha?

Nena: Não.

João: Só catecismo.

Nena: É, o catecismo, né?

João: E naquela época, fora da aula de catecismo, na escola, tinha o costume de fazer alguma oração dentro da escola? Antes de começar a aula? Uma vez no dia? Uma vez na semana? Ou era só nas aulas de catecismo?

Nena: Era só nas aulas de catecismo, né?

João: E o trabalho musical mesmo? O trabalho artístico? A senhora lembra alguma coisa que possa contar?

Nena: Olha, nesse coral por exemplo, nesse Coral Santa Cecília que eu tomei parte dele muitos anos, lá a gente tinha os ensaios...

Marcella: Quantas vezes?

Nena: Uma vez por semana.

Marcella: E todas as moças que faziam parte do coro eram da Pia União? Ou Não?

Nena: Não bem, não. Nada a ver... Quer dizer, algumas. Por exemplo eu, a presidente: a dona Ziza ela era filha de Maria.

João: A gente soube que o coro começou na Pia União...

Nena: É, então.

Marcella: Mas aí nessa época já tinha gente que não era? Já tinham meninas que não eram da Pia União no coro?

Nena: É assim, tinham pessoas que não eram da Pia União, eram pessoas da igreja.

João: A gente achou algumas coisas escritas até mais ou menos 1950 e até essa época e até essa época, pelo menos era o que a gente tinha entendido é que era um coro da Pia União.

Nena: Da Pia União.

Marcella: Assim como tinha o Coro São Luiz que era dos marianos.

Nana: E o Coro Santa Cecília que era da Pia União.

João: Isso que a senhora está dizendo realmente a gente não fazia ideia, que depois dessa época, então, o Coro Santa Cecília foi agregando mais pessoas de fora.

Nena: Pessoas, sim. Quando eu entrei mesmo já eram pessoas não era só a Pia União não.

João: Mas eram só mulheres?

Nena: Não, senhores.

João: Começou a ter senhores?

Nena: Não, tinha senhores. Senhoras e senhores, todos já faleceram. Sei até os nomes.

João: Se a senhora puder lembrar e falar, porque tem atas da Pia União no Museu de Arte Sacra, ai se a senhora puder lembrar e falar a gente vai...

Nena: Dos Coralistas lá? Do coro? Nossa, tinha o seu Humberto David, o seu Joveliano, Palmeranzi, João Valim, Benedito Juvêncio, tinha o José Menin. Agora vou falar das mulheres, se eu lembrar de algum homem já boto ai também, tinha dona Nazaré Nogueira, que era uma soprano, Lourdes Marques, Neusa Borges, tinha a Lourdes Marcondes, tinha eu, tinha a Leoniza Carlos Costa, onde hoje já são todos falecidos.

João: E a senhora sebe quando começou... E nessa época o Coro São Luiz não existia mais?

Nena: Não, não. O São Luiz eu nem ouvi falar. Uma que eu não era daqui, né? Eu vim de Vargem Grande com 21 anos.

João: A senhora sabe quando começou a entrar homens no Coro Santa Cecília, ou quando a senhora chegou já tinha?

Nena: Já encontrei já do jeito, é... Os homens e as mulheres. Ah, tinha o Nelson Roqueto que era também do Coro Santa Cecília.

João: E o coro, a senhora ficou até o fim também?

Nena: Fiquei, enquanto estava lá em cima eu cantei. Depois desceu porque o órgão já não estava mais bom então foi preciso descer pra ali onde eles cantam até hoje. Desde o começo quando desceu é ali naquela coluna. Ai nós descemos e eu fiquei mais um tempo, depois eu afastei. Ai depois foi passando um tempo e a nossa organista, Ziza Andrade, também já foi cansando, também já foi se entregando. Ai também já foi onde começou nascer esses grupos que tem. Ai depois disso eu cantei

muito na missa das nove horas da manhã. Com ela eu cantava as sete da noite do domingo e cantei no coral das nove horas, sete, sabe? Eu cantei muito nessa Catedral.

Marcella: E o coro se apresentava sempre na missa, ou tinha outros eventos?

Nena: Sempre na missa, só na missa e procissão.

Marcella: E qual era mais ou menos o repertório? Era popular? Erudito?

Nena: Não, era esses cânticos de igreja. É, porque a nossa presidente era muito... Ela era ali, firme. Ela gostava muito da coisa ali do jeito dela.

João: Tudo que era da dona Ziza, da Pia união e do Coro, foi doado para o museu e a gente organizou e está organizando que eram dela. E a gente achou muita coisa religiosa e muita coisa que não tem nada a ver com a religião nas coisas de música, então provavelmente ela estudava outras coisas.

Nena: Ela dava aula, até, de piano.

João: Pra vocês?

Nena: Não, pra mim não. Tinha uma delas lá, a Leoniza, que eu falei o nome dela, ela estudou com ela.

João: Mas dentro do coro ela ensinava música?

Nena: Só música, só os cânticos de igreja.

Marcella: Teoria geral de música, não?

Nena: Não, lá não. Na casa dela era diferente, dava até aula de música. Ela ensinava.

João: E tinha alguma moça do coro que fazia aula com ela?

Nena: Tinha, essa Leoniza, que até ela foi organista muito tempo no Perpétuo Socorro, mas ela também já faleceu.

Marcella: E a gente achou alguns relatos de alguns documentos que diziam, eu não sei na época da senhora, mas até mais ou menos essa época de 1950, que o coro era muito conhecido na região toda, pela grandiosidade, porque executava peças

eruditas, difíceis, era como se fosse um espetáculo à parte, na época da senhora já não era mais assim, era só cânticos mesmo?

Nena: Não, não. Era só cânticos mesmo. Mas ela fazia esses aí que você tá falando, ela era muito além de tudo, né? Era uma pessoa muito fina, uma pessoa muito culta, assim muito inteligente.

João: Eu vi que a senhora fez referência a uma senhora que era soprano, a senhora sabe um pouco, então, dos tipos de voz, onde a senhora aprendeu o que a senhora sabe sobre música?

Nena: Eu aprendi com ela.

João: Com a Ziza.

Nena: Com a dona Ziza, nesse Coral Santa Cecília aí.

João: Então quer dizer que na convivência com ela algumas coisas de música vocês aprendiam?

Nena: Aprendia, aprendia sim. Eu aprendi, quer ver... Eu sou contralto. Tinha soprano, contralto, tenores e baixos, né? Essas quatro vozes tinha lá no coral dela. Eu sempre fiz a segunda voz.

Marcella: E era com partitura ou só a letra?

Nena: Não bem, só a letra.

Marcella: A melodia era por ouvido mesmo.

Nena: Era ouvido mesmo, e ela fazia soprano e contralto também. Ela fazia todas as vozes.

Marcella: E ela regia o coro também, ou só tocava?

Nena: Não, só tocava.

João: Partitura, na época da senhora não tinha nada?

Nena: Não, não tinha nada, só assim pra Nazaré Nogueira, que ela cantava... como é que fala, assim...? Cantava na procissão!

Caderno de campo

Cândida Umbelina, mostrou-se muito entusiasmada em participar da entrevista aparentando ficar feliz ao relembrar os dias que viveu na Pia União. Enfatizou sempre sua participação no Coro Santa Cecília, manifestando seu orgulho em participar dos ritos de cânticos da catedral de São João da Boa Vista até os dias de hoje.

Mostrou grande capacidade de recordar nomes de seus contemporâneos na associação e no coro, não tendo muita precisão ao recordar datas. Em momentos pontuais apresentou breve confusão de eventos.

Anexo B - Transcrição de entrevista concedida por Carmela Edvirges Lombardi Villela

Ficha do Informante

Nascida na cidade de São João da Boa Vista, vive na mesma cidade em 31 de julho de 2015, data da realização desta entrevista. Frequentou a Pia União das Filhas de Maria na já mencionada cidade entre os 18 e os 20 anos, quando afastou-se para casar-se.

Apesar do curto período na associação, Carmela chegou a ser presidente da mesma tendo sido uma das últimas a ocupar o cargo.

Entrevista:

João: A senhora se lembra, mais ou menos, não precisa ser a data exata, dos anos que a senhora frequentou a Pia União?

Carmela: Dos 18 aos 20 anos.

João: Isso é que ano mais ou menos? 1960, 70, 80?

Carmela: 1957 a 1960.

João: Foram 3, 4 anos, mais ou menos?

Carmela: Isso, mais ou menos.

João: A senhora encerrou a participação na Pia União por qual motivo? A senhora se casou e teve filhos? Ou por algum outro motivo?

Carmela: Não, realmente! Porque eu me casei. Eu fiquei noiva e enquanto noiva eu ainda participei e no meu casamento, eu entrei com a fita da Pia União, eu devo ter a fotografia aí.

João: A senhora se lembra da cerimônia? Se as outras filhas de Maria participaram?

Carmela: Ah, tem algumas. Eu devo ter foto, tem algumas sim.

João: Como que era o ritual da missa? Quando elas participavam?

Carmela: Não, nada de especial. Porque, eu acredito que as mais antigas, que já eram falecidas, elas deveriam ter um ritual, tanto em casamento quanto em velório, mas eu já era numa fase que a Pia União estava em declínio, inclusive depois que eu saí durou pouco tempo. Porque as jovens da época estavam indo para a Ação Católica.

João: Entendi. E a senhora sabe o motivo?

Carmela: É porque... Eu acredito que era porque era mais dinâmico. A Ação Católica era mais dinâmica e a Pia União era mais rígida, era uma associação mais rígida, sabe? O compromisso era mais rígido.

João: Seria mais o compromisso em frequentar, ou o compromisso com a vida?

Carmela: Eu acredito que os dois, viu? Porque entrava, vamos dizer, a vida... Por exemplo, na Pia União não se podia usar calça comprida.

João: Ainda na época da senhora?

Carmela: Não podia usar roupa decotada e sem manga. Então em 1958, 60, as jovens já estavam se modernizando, sendo influenciadas, né? Pela questão do momento ali, né? Pela moda, bailes. A Pia União... Nós não frequentávamos mais a Pia União, né? Então era uma vida mais regrada.

João: E na Ação Católica era permitidos ir nos bailes, usar...?

Carmela: Olha, eu não participei da Ação Católica, mas eles iam mais de encontro por exemplo: com a realidade. Tinham um trabalho de evangelização de acordo com realidade. Então por exemplo: Era a JAC, Juventude Agrária Católica, a JEC,

Juventude Estudantil Católica, JUC, Juventude Universitária Católica e JOC, Juventude Operária. Então eram formados assim, por grupos de atividades em comum. Por exemplo: os estudantes se reuniam em torno dos problemas dos estudantes, o que ajudava o estudante a viver como cristão. E assim a agrária, a universitária foram se formando. Lideranças católicas, cristãs procurando um testemunho num ambiente: o ambiente estudantil, o ambiente agrário, vivendo o anúncio do evangelho. Vivendo a beleza do evangelho.

João: Então a Ação Católica, deixa eu ver se eu entendi... A ação católica se ligava mais a JAC, a JEC, a JOC e a JUC e a Pia União já não era tão mais ligada a esses novos movimentos?

Carmela: Não, a Pia União era uma associação, como eu vou dizer... Uma associação mais de piedade e de devoção a Nossa Senhora. Se bem que tinha também o lado de ação da Pia União. No meu tempo foi muito bonito esse trabalho. Era o trabalho que elas faziam bazar, então durante o ano todo costuravam, bordavam, faziam crochê, tricô e iam guardando aquele trabalho todo. E no final do ano elas faziam uma exposição muito bonita e com trabalhos belíssimos. O padre anunciava na igreja que haveria o bazar da Pia União das Filhas de Maria.

João: Anunciava durante a missa?

Carmela: Anunciava durante a missa: Olha, do dia tal a tal haverá um bazar beneficente da Pia União das Filhas de Maria. Então era um trabalho artesanal, elas se reuniam, as jovens que tinham aptidão pra essa área artesanal, elas se reuniam e sob a direção de uma com mais tempo na Pia União e com habilidade. Nossa, eram costureiras muito famosas e capacitadas.

João: A senhora não pegou essa época do bazar?

Carmela: Não, eu peguei, mas assim... Porque logo eu comecei a trabalhar, então era difícil conciliar. Eu participava mais da parte de devoção que era aos sábados após a missa, as vezes era o terço. Até 1958 era terço, porque a missa vespertina, acho que ela começou com o Vaticano II, se não me falha a memória. Ou foi em 1962... Após o

terço no sábado, havia o ofício, que era uma oração. Nós nos reuníamos após o terço para rezar o ofício e isso terminava mais tarde, impedia as vezes de ir a um cinema, um passeio no jardim, então não eram todas as jovens que se propunham a frequentar. Eu acredito que essas devoções, esses atos de piedade afastavam um pouco as jovens, não pela imposição. Mais porque privava de certos passeios, divertimentos. Ai quando eu já estava... Foi muito interessante, porque antes de participar da Pia União e ganhar a fita azul, nós passávamos por um aspirantado, quer dizer: era um grupo, que usava uma fita verde e se preparava para ser da Pia União das Filhas de Maria, então havia uma preparação e esse grupo tinha uma mestra e essa meta ia orientando, passando todo o carisma da associação. Então essa mestra de aspirantes, nos preparava para receber a fita. Mas foi diminuindo. No meu tempo mesmo, acho que nós éramos três ou quatro, que éramos as aspirantes da Pia União das Filhas de Maria.

João: A madre Superiora lá da casa das Irmãs Andrelinas...

Carmela: A Maria Augusta.

João: Isso, a Maria Augusta disse que na cidade dela, em Jaboticabal, tiveram alguns casos de moças que se casaram, mas teve uma certa tolerância, foi permitido que elas continuassem na Pia União. Aqui em São João da Boa Vista isso não acontecia?

Carmela: Não acontecia porque havia a Associação de Nossa Senhora do Rosário e a Associação do Apostolado da Oração. Então as que se casavam faziam parte da Associação de Nossa Senhora do Rosário ou do Associação do Apostolado da Oração, eu por exemplo fui para a Associação de Nossa Senhora do Rosário e aí o crisma era a reza do terço, né? Mas ai nós, mesmo na Pia União, nós tínhamos uma ação apostólica, tinha visita aos doentes, sempre tinha aquele grupo que era responsável pela visita aos doentes, aquele grupo pra ajudar na limpeza da igreja, ornamentação. Sempre eram moças da Pia União das Filhas de Maria que ajudavam. Hoje, por exemplo, você tem funcionários, né? Hoje a igreja paga uma funcionária ou um funcionário pra cuidar da limpeza da igreja, da ornamentação. Mas no nosso tempo

não, eram aquelas que se dispunham a ir voluntariamente, gratuitamente a zelar, por exemplo pelo altar da Imaculada Conceição. Olha, a pessoa que cuidou do altar da Imaculada Conceição foi de uma dedicação tão grande. Ela fazia aquele serviço com tanto amor, que inclusive ela levava uma sobrinha pequena. E hoje ela é secretária na Catedral.

João: E ela era da Pia União?

Carmela: Não, ela acompanhava a tia no altar, ela era pequenininha e ela cresceu naquele ambiente. E hoje ela e a irmã, a irmã acredito que por motivo do falecimento da mãe, ela ficou cuidando da casa e do pai, e ela, por motivo de falecimento do pai, fica mais dentro de casa. Agora a Maria Inês ela fica na catedral até hoje, mas ela acompanhava essa tia que era operária, era da Pia União das Filhas de Maria e ela zelava com muito carinho pelo altar da Imaculada Conceição.

João: E o catecismo, tinham irmãs da Pia União das Filhas de Maria voluntárias no catecismo na época da Senhora?

Carmela: Tinham. Coral também!

João: É o Coro Santa Cecília?

Carmela: É o Coro Santa Cecília. Era dona Ziza Andrade que tinha uma voz lindíssima e ela era da Pia União. E eram as moças da voz boa que faziam parte desse coral.

João: Então elas eram escolhidas para fazer parte do coral?

Carmela: Sim, eram escolhidas.

João: Não era quem quisesse que podia participar?

Carmela: Ah, poderia até ir, mas não se adaptaria, né?

João: Tinha uma espécie de seleção?

Carmela: É, tinha. Ou mesmo que entrasse não se ajustava, né? E os congregados marianos. Então o Coro Santa Cecília era formado pela Pia União das Filhas de Maria e pelos congregados marianos.

João: Porque a gente já tinha visto em material de pesquisa, e até uma outra senhora, não sei se a senhora vai conhecer: Dona Nena, que foi da Pia União também, ela mora ali perto... Um pouco para trás da catedral, tem a lanchonete ali: Divina Gula, ela mora na outra esquina.

Carmela: Ah, Dona Nena! Conheço sim, muito! Ela fez até mais parte do que eu.

João: Ela fez parte até do Coro Santa Cecília, mas ela falou que demorou para o coro aceitar os Marianos, porque no começo era só de mulheres.

Carmela: Ah, isso eu já não sabia, porque ela participou mais do que eu e entrou antes, mas ela já era mais velha do que eu.

João: A senhora sabe mais alguma coisa sobre o coro, interessante?

Carmela: Ah, principalmente nos casamentos da Pia União elas cantavam. Nos casamentos das moças da Pia União, como no meu casamento o coral cantou. Era o coral que estava presente.

João: E no coral elas iam com a roupa da Pia União?

Carmela: Não, não me lembro disso. Iam com roupa comum, nem uniforme eu me lembro que elas usavam. Não me lembro.

João: E as moças que faziam parte da Pia União na sua época, elas eram de família mais rica, família comum, família mais carente?

Carmela: Tinham moças ricas, moças de classe média e moças de classe pobre.

João: Tudo misturado?

Carmela: Misturado com muito respeito. Por exemplo a Dona Ziza, a que era diretora do Coral, a irmã dela Biloquinha, que era a coordenadora da costura e do artesanato, a dona Dulce que foi presidente durante muitos anos: eram ricas, filhas do Dr. Teófilo. E depois já vinham operárias. Havia várias operárias, inclusive eu acho que a formação que se recebeu na Pia União contribuiu muito para edificação de famílias. E de várias famílias saíram religiosas e padres.

João: E a senhora acha que foi sempre assim, ou no período da senhora é que vinham moças...?

Carmela: Não, sempre assim. Inclusive eu era estudante, não era rica, tinham operárias, como eu falei, domésticas, né? E conviviam muito bem. Não tinha segregação nem de poder e nem de raça. Era uma coisa muito linda, muito linda.

João: Eu acabei me perdendo porque eu me interessei pelo Coro, mas um pouquinho antes eu tinha perguntado sobre o catecismo. A presença delas era forte?

Carmela: Forte, marcante! Foram diretoras, catequistas. Por exemplo: Dona Ziza, ela foi diretora de catecismo; Dona Biloca também foi catequista, Dona Matilde, irmã do Monsenhor David, ela foi diretora da Cruzada Eucarística. Então essa devoção à Nossa Senhora foi passada. Porque a criança no catecismo já aspirava participar da Pia União. Tanto meninas como meninos, do catecismo já iam para a Cruzada Eucarística e da Cruzada Eucarística as meninas iam para a Pia União das Filhas de Maria e os meninos para a Congregação Mariana. A congregação Mariana foi muito forte aqui em São João. Muito bonito, muito mesmo.

João: E a senhora sabe como era o catecismo? O que era ensinado? A leitura da Bíblia? Mais as orações? As passagens?

Carmela: Mais doutrina, né?

João: Como assim doutrina?

Carmela: Quem é Deus? Quais os mandamentos? Mais tudo decorado. Santíssima trindade, os mandamentos, os sacramentos. Então por exemplo, na Ação Católica: o evangelho era mais vivido, nós era mais devoção, participava da missa e ouvia o sermão.

João: E os jovens que faziam o catecismo nessa época também eram de todas as classes sociais? Ricos? Pobres?

Carmela: Ricos, pobres... Muito bonita a participação. Eu, depois que eu fui do catecismo aqui do rosário, depois eu participei da Cruzada Eucarística na matriz,

porque aqui não tinha, depois eu fui dirigente da Cruzada Eucarística, aí o padre abriu um núcleo no Rosário, então outras colegas e eu viemos para o Rosário como dirigentes da cruzada eucarística, depois eu já com 18 anos fui para a Pia União. Algumas das dirigentes foram, outras não. E o catecismo era muito bonito, muito animado. A gente brincava de roda, cantava. Cada ida ao catecismo, a criança recebia um ponto e no final do ano pela soma dos pontos ela recebia um prêmio. Tinha uma exposição de brinquedos e cada brinquedo tinha um valor. Então se eu tivesse por exemplo 10 pontos eu podia pedir para a catequista trocar aqueles 10 pontos por um de 10. Aí pela quantidade de pontos era formada uma fila. Aqueles que frequentaram mais, logicamente ganharam mais pontos, então eles iam escolher os brinquedos primeiro. E antes da catequese havia sempre muito brinquedo na praça, corda, roda...

João: E a senhora sabe se por exemplo chagasse um jovem que não soubesse ler ou escrever e quisesse fazer o catecismo, as catequistas ajudavam?

Carmela: Ajudavam, ajudavam. Eu mesma ajudei uma criança. Mas para primeira comunhão precisava saber: Quem é Deus? O que eles iam receber? Jesus. E quais as condições para receber Jesus. A confissão, como se fazia, tinha uma preparação para a primeira comunhão. Talvez eles nem soubessem ler, mas haveria uma preparação muito frequente para eles se prepararem para a primeira comunhão.

João: E não tinha caderno? Lápis? Não tinha que levar?

Carmela: Não me lembro, eu por exemplo, não levei. Aí depois houve uma evolução, uma catequista da Pia União, ela dava catecismo na zona rural... Então nós da cidade íamos preparar os cartazes pra ela dar aula na zona rural, então a gente se reunia na casa dela pra pintar os cartazes e aí era muito gostoso porque ela servia um lanche pra gente enquanto a gente estava lá pintando os cartazes, né? A criação do mundo, Adão e Eva, o sacramentos, a eucaristia, então a gente ia lá e ela dava catecismo na zona rural e era da Pia União das Filhas de Maria. E nós da cidade íamos ajudar a preparar o material, porque na zona rural eles eram bem analfabetos. Por exemplo, eu entrei no catecismo... Eu fiz a primeira comunhão com 6 anos, eu ainda não sabia

ler, mas a minha mãe na minha casa ensinava as orações que eram necessárias para fazer a primeira comunhão.

João: E a gente tenta entender também, como era essa relação entre a Pia União e os marianos. Por exemplo, o Lorete, que é o curador do museu, passou pra gente que ele acredita que tenham ocorrido muitos casamentos entre filhas de Maria e marianos. Era comum?

Carmela: Sim, é verdade. Era comum. Inclusive o padre Carlinhos Damaglio, o pai era congregado mariano e a mãe era da Pia União e se conheceram. Eu tive a oportunidade de viajar com eles para a ordenação e ele falava: Dona Carmela, eu pedia muito a Deus a graça de ter um filho sacerdote e eu pedia muito a Deus a graça de ter uma boa esposa e ela era da Pia União e ele congregado. Mas muitos, muitos! Muito comum, nossa!

João: E como que a sociedade da época que a senhora viveu via as moças da Pia União?

Carmela: Ah, como modelo, né? Como modelo! Porque nos passava muito a moral, nos passava muito o comportamento da jovem. Então esse lado moral era muito bem frisado. Além da afirmação espiritual, a moral, principalmente com o corpo era muito forte e isso era visto com bons olhos pela sociedade.

João: E a família da moça que era filha de Maria?

Carmela: Ai, a família, pelo que eu tenho conhecimento, muitas famílias já encaminhavam os filhos para a Pia União ou para a congregação mariana para continuar a formação religiosa cristã. As famílias já tinham interesse em encaminhar e que conheço uma senhora aqui que é da Pia União, que ela não era católica, ela era de outra religião, mas ela falou pra mim que ela se encantava quando ela via as moças da Pia União na procissão vestidas de branco com a fita azul, a faixa.

João: Mas ela não participou da Pia União?

Carmela: Ela não participou, mas depois que ela casou ela entrou numa associação.

João: Ela se tornou católica depois?

Carmela: Ela se tornou católica e ela fala que ela entrava na igreja e se sentia muito feliz, mas o que chamava muito a atenção dela era as filhas de Maria, principalmente quando saía nas procissões.

João: Então chamava a atenção da cidade?

Carmela: Ah, sim! Chamava a atenção e a família tinha até interesse que se casassem os filhos... (pausa para atender o telefone).

Carmela: Os pais se empenhavam muito para que as filhas participassem da Pia União e os filhos da Congregação Mariana e geralmente saía casamento mesmo, saíam muitos casamentos.

João: E quando o pai resolvia encaminhar a filha para a Pia União, como que a filha aceitava isso?

Carmela: Com obediência, porque na nossa época a obediência era muito forte, né? Poderia haver algum caso de resistência, mas na maioria não. E as próprias filhas de Maria convidavam. Eu me lembro quando eu fui presidente, já estava caindo e os pais estavam mais liberais também, a sociedade foi evoluindo e mexendo com a cabeça, com o comportamento e nós fizemos uma campanha: "Pelo menos uma". Cada uma convidava mais uma para ir na reunião, então foi uma campanha interessante.

João: E essa campanha foi porque o movimento já estava perdendo força?

Carmela: Perdendo força.

João: E quando os pais pediam para a filha ir, elas iam mais por gostar, ou por obediência?

Carmela: Olha, eu por exemplo, fui mais por gostar. Agora eu acho que ali estava quem gostava mesmo, porque as que não gostavam e iam por imposição, logo desistiam.

João: Tinha muitos casos de desistência?

Carmela: Tinha, tinha! Sempre tem! Principalmente da minha geração, as antigas não. Mas na minha geração houve casos de desistência, houve casos de resistência pra entrar: “Ai não, não vou entrar na Pia União, porque é muito rígida”. Então gostavam mais de participar da Ação Católica, mas a Pia União tinha muitos momentos alegres, momentos fortes, como o retiro espiritual fechado, retiro fechado com grandes pregadores, né? Santos mesmo! Você tinha o retiro espiritual, tinha passeios. Eu não participei, mas teve grupo que foi até pra praia. Fizeram um passeio para a praia. Eu não fui desse tempo não, porque eu fiquei pouco, mas as antigas iam até pra praia. Já tinha esse espírito de recreação. A festa junina era uma maravilha, eram os congregados e a Pia União das Filhas de Maria, faziam quadrilha, sabe? Eu me lembro que uma época um congregado bem grandão, ele foi o noivo e eu fui a noiva e eu era muito pequena. Então tinha umas festas muito interessantes, a festa junina era bem participada pela congregação. Os marianos tinham time de futebol, disputavam entre eles e acho que tinham campeonatos aí na cidade que eles participavam também.

João: E essas moças que iam, ficavam um tempo e abandonavam depois, alguém apontava que tinha abandonado? Ficava mal vista?

Carmela: Não, não. Convidavam, faziam o convite, mas sempre no respeito a liberdade, pelo menos na minha época não ficava mal vista não. Recebia convites pra voltar. Mas na minha época aconteceu mais, porque já estava uma época de transição.

João: E na época da senhora a religião Católica era forte em São João? Já tinham outras igrejas?

Carmela: Muito forte.

João: Em comparação com hoje?

Carmela: Nossa, haviam poucas igrejas de outra denominação, que eu me lembre tinha a Presbiteriana, a Congregação Cristã do Brasil e o centro espírita. Eu cresci convivendo com essas três denominações. Ah, e a Igreja Batista. A Igreja Batista

também. Era também uma que eu conheci, era uma professora muito dedicada da igreja Baptista e ela fazia um trabalho muito bonitos com os jovens também.

João: E por falar em professoras, tinham filhas de Maria que depois seguiam a carreira de professoras?

Carmela: Ah tinha, tinha professoras, tinha umas que foram para o convento. A Dona Ziza foi a primeira vereadora. Ingressou na política, né?

João: A Dona Ziza foi vereadora?

Carmela: Foi.

João: A senhora não se lembra maios ou menos a época?

Carmela: Não lembro mais eu devo ter algum livro ai que fala, mas ela foi a primeira vereadora de São João.

João: A primeira vereadora mulher?

Carmela: Mulher e presidente da Pia União das Filhas de Maria.

Ficou por muito tempo, né?

Carmela: Por muito tempo e foi também a coordenadora do coral, né?

João: E nessa vida política dela, ela carregava a moral católica?

Carmela: Sim, ela era uma presença muito forte, uma presença muito marcante pelas atitudes cristãs dela, pelo testemunho de católica praticante.

João: Ela era bem conhecida?

Carmela: Muito conhecida e muito estimada como a família toda do Dr. Teófilo.

João: E nessa época eles não achavam estranho ter uma mulher na política?

Carmela: Não, pelo menos eu me lembro que a gente achava bonito ter uma mulher como vereadora.

João: Por ser uma mulher ou por ser Dona Ziza.

Carmela: Não, por ser uma mulher mesmo. E dona Ziza por ser uma pessoa politizada.

Caderno de Campo

Carmela Edvirges Lombardi Villela, frequentou a Pia União por pouco mais de dois anos, porém demonstra bastante conhecimento sobre a instituição e a história local no contexto abordado pela entrevista.

Com muita clareza e lucidez estabelece várias comparações entre o contexto de existência da Pia União e a época da entrevista, sem lamentar as mudanças. Parece compreender e aceitar brandamente as mudanças ocorridas com o passar do tempo.

Anexo C - Transcrição de entrevista concedida por Lazara Aparecida Carneiro Marrafom

Ficha do Informante

É natural da cidade de Divinolândia – SP, tendo nascido no Campo Redondo na Zona Rural de Divinolândia, frequentou a Pia União até seu casamento na paróquia do referido distrito. Em seguida ingressou no Apostolado da Oração, na mesma localidade, logo depois abandonando para mudar-se com seu marido para São João da Boa Vista em busca de melhores condições de trabalho. Até a data desta entrevista em 05 de janeiro de 2016, frequentou apenas algumas reuniões da Legião de Maria, tendo pouco contato com associações católicas, mas frequentando a igreja semanalmente.

Entrevista:

João: A senhora foi da Pia União em Divinolândia?

Lazara: Eu fui da Pia União lá em Divinolândia no tempo em que eu devia ter uns 18 anos, morava no sítio e vinha... Porque o meu avô morava lá na cidade em frente a prefeitura de Divinolândia, ai a gente vinha, posava na casa do vovô, no outro dia a gente ia à missa. A reunião era uma vês par mês. Era eu e a minha prima Criseide que vinha. Tinha muitas amigas! Que iam, tinha a Mariana Cunha que é a Mãe da Josi, acho que era tesoureira, tinha tesoureira, tinha secretária. A Dona Nenê que é uma lá de Divinolândia também, tomava conta das filhas de Maria e a Gina Dadi, lá de Divinolândia também.

João: E tem muitas senhoras daqui de São João que eram da Pia União lá em Divinolândia?

Lazara: Tinha, eu vi ela várias vezes aqui, a Efigênia Milan, a gente ia junto lá. Tinha muita gente lá! A minha cunhada, a Cida, que mora em São Paulo era, Maria Aparecida da Silva.

João: E elas mudaram para cá depois? Vieram morar aqui depois?

Lazara: Vieram. Eu também vim pra cá, mas depois de muito tempo e a Efigênia está morando aqui também. Têm a Neusa, minha cunhada também, lá de Divinolândia que era das filhas de Maria e tem essa outra cunhada de São Paulo que é a Maria Aparecida da Silva, que mora em São Paulo, e a ai depois acabou. Não sei porque terminou.

João: Tem algum motivo para ter vindo tanta gente que era lá de Divinolândia para cá?

Lazara: O povo vinha trabalhar pra cá, achava melhor. A gente mesmo acho que faz 35 anos que mora aqui em São João. Quando eu vim pra cá, o Beto, a Angélica foram todos na escola, no Teófilo de Andrade, depois no Instituto.

João: E quando a senhora veio pra cá já era casada.

Lazara: Já era. A Angélica tinha sete anos e o Beto tinha dez.

João: Então aqui a senhora não chegou a fazer parte da Pia União?

Lazara: Não, não cheguei. Não cheguei a fazer parte aqui não.

João: Que ano foi mais ou menos que a senhora veio pra cá?

Lazara: A gente veio pra cá em 86.

João: A Pia União daqui já não existia mais?

Lazara: Não existia. Tem uma que era da Pia União, ela falou pra mim que era um dia, eu falei que era também. Eu não sei se você conhece a Dona Conceição? Ela mora no Santo Antônio.

João: Não conheço.

Lazara: Não? A dona Conceição, ela é muito de igreja, eu vou falar pra ela se... tem a filha dela, a Dona Maria também, que eram lá da igreja do santo Antônio. A Dona Conceição era da Pia União daqui de São João. Um dia ela estava contando pra mim o jeito que era. Nós íamos na Pia União e até eles davam uma lista para nós, uma folha de papel lá e eu andava lá pela roça pedindo o que as pessoas podiam dar. Ai eu enchia aquela lista e levava na...

João: Na casa de quem?

Lazara: Na casa da Gina Dadi.

João: Ela era da Pia União também?

Lazara: A Gina era, eu acho que ela era a nossa diretora lá. E tinha a Mariana também, que era a mãe da Josi e tinha a Bina também; Bina Cunha que era tia da Mariana Cunha, é parente da Josi ali também, eram as quatro quando eu entrei. A gente pegava uma fita verde, que era aspirante, aí depois punha a fita azul. Mas agora eu não tenho, perdi. Não tenho mais nem a fita. Eu comprei o manual de filha de Maria, o meu vizinho pediu pra rezar um terço porque ele não tinha jeito de ler os mistérios e o que eu tinha era aquele e eu emprestei e vim pra cá. Ficou pra lá o meu manual de filha de Maria. O homem rezou muito tempo o terço com o manual, agora ele já entregou pro meu sobrinho, mas o meu sobrinho ainda não entregou pra mim.

João: E ai quando a senhora veio para São João, continuou participando da igreja daqui? Conheceu a igreja daqui?

Lazara: Continuei, eu ia lá no São Lázaro que tinha a oração da legião de Maria. Ia a Leninha, aquela que tem loja, a Dona Joana, umas lá do São Lázaro e eu ia com a minha mãe. Ai depois que eu já não era mais filha de maria, lá em Divinolândia

também, eu entrei no Apostolado da Oração, ai quando eu recebi a fita larga, eu vim pra São João. Ai eu vim e ao invés de eu entrar na irmandade do Coração de Jesus, eu peguei a minha fita, quando o meu irmão de Divinolândia veio aqui em São João e eu dei para o meu irmão devolver para a maria do Abílio que era a que tomava conta do apostolado lá e que chamou eu pra entrar. E eu entrei no Apostolado e vim pra cá. Eu fale: Ah, agora eu vim pra cá! Vou devolver a fita. Mande a fita de volta para a maria! Esses dias eu estava falando para a minha irmã: Fiz essa coisa que não deveria ter feito, devolvido a fita pra Maria.

João: E o Apostolado da Oração existia também aqui em São João na época que a senhora se mudou?

Lazara: Existia. A Dona Joana era do Apostolado da Oração. Existia sim e até agora existe, porque a Dona Edna, que mora aqui embaixo, é do Apostolado da Oração.

João: E aqui em São João a senhora não frequentou mais nenhuma associação?

Lazara: Não, eu só ia na novena do Perpétuo, mas não frequentei.

João: A senhora também falou de mais uma. Parece que também tem o nome de Maria, mas agora eu não lembro. A senhora falou o nome de outro grupo que tinha o nome de Maria. Eu ia perguntar, porque eu não conheço.

Lazara: Legião de Maria?

João: Legião de Maria! Essa eu não conheço, como que era?

Lazara: A Legião de Maria, até agora ainda têm no Perpétuo. A hora que termina a novena tem umas que vão lá em uma sala e vão fazer a reunião. Eu tinha um livro da Legião de Maria, não sei que fim eu dei no livro da Legião de Maria. Era a Leninha, aquela que têm loja ali na praça, que tomava conta. Depois a Leninha foi tomar conta da loja e eu mudei lá do São Lázaro também. Fui lá para o Jardim São Paulo e ai não fui mais na Legião de Maria.

João: A legião de Maria, são só mulheres que participam?

Lazara: É, só mulher.

João: E de todas as idades, ou não?

Lazara: Ah, de todas as idade pode participar, mas sempre era... Era a Dona Joana, era a Célia, Dona Conceição, a minha mãe, eu e tinha mais umas outras que eu não lembro do nome. Ah, tinha a dona Agda, uma lá do São Lázaro também.

João: E na Legião de Maria tem moças que fizeram parte da Pia União?

Lazara: Ah, eu não perguntei para elas. Mas eu penso que as vezes tinha.

Caderno de Campo

Lazara Aparecida Carneiro Marrafom, demonstra recordar fatos cotidianos de sua participação na Pia União das Filhas de Maria, lembrando com clareza a presença de alguns de seus contemporâneos no período ao qual a entrevista se direciona. Recorda com saudosismo seus dias como Filha de Maria, lamentando não ter ingressado em outra associação ao mudar-se para São João da Boa Vista.

Anexo D - Transcrição de entrevista concedida por Maria Augusta Rosário Rodrigues

Ficha do Informante

Natural da cidade de Jaboticabal – SP, teve toda sua vida intrinsecamente ligada à Igreja Católica. Quando criança participou da Cruzada eucarística de onde passou a aspirante à Filha de Maria. Ingressou na Pia União aos 15 anos, ainda na cidade de Jaboticabal de onde saiu para tornar-se irmã Adelina e educadora do colégio Santo André. Mudou-se para São João da Boa Vista ao ser designada superiora da irmandade local. Após o fechamento do Colégio em 1971, vive em uma casa construída em um terreno ao lado do antigo colégio, onde hoje funciona um Centro Universitário (UniFAE), construída especialmente para abrigar as irmãs, ex-professoras e funcionárias do Colégio Santo André de São João da Boa Vista.

Entrevista:

João: A senhora foi da Pia União e depois foi trabalhar com educação, era comum uma filha de Maria virar professora?

Maria: Olha, a Pia União das Filhas de Maria era uma associação muito grande na cidade de Jaboticabal, onde eu morava. Eu nasci na fazenda e depois vim para os

estudos na cidade, então eu fiquei na casa de uma tia minha e essa tia era presidente da Pia União das Filhas de Maria da Catedral. Então, como eu comecei sendo cruzadinha eucarística, porque não tinha idade ainda para ser filha de Maria, aos 14 anos, no segundo semestre eu entrei na Pia União. Com 14 anos e meio.

João: 14 anos era a idade era a idade mínima para entrar?

Maria: Era, porque eu já ia completar os meus 15 anos então eu já podia...

João: Ah, eu perguntei outras vezes e não souberam responder qual era a idade mínima... (telefone toca e a entrevistada se ausenta para atender).

Maria: E ai, interessante, porque eu fui com 15 anos, porque como nas filhas de Maria a formação também era por etapas, a gente ficava um ano e pouco, dependendo, como aspirante, conhecendo, vendo a história, a caminhada, aprendendo, tinha as normas da Pia União e como é que liturgicamente a gente podia participar, não tinha direito a voto numa eleição. Isso não tinha, porque éramos aspirantes. Depois então de um período recebíamos a fita azul com a medalha e aí já ingressava na Pia União, já fazia parte de uma associação católica e lá eu vivi até entrar na vida religiosa, porque eu ainda estava estudando, daí eu fiz o magistério. A gente participava, e havia a parte litúrgica da igreja e nós, por direito e por norma, dentro da congregação. Então havia reuniões semanais, tinha os encontros, as reuniões da Pia União das filhas de Maria e na igreja as novenas, as preparações das festas, então nas reuniões tinha que estar lá em peso. Uniforme branco, uma faixa azul e a fita com a medalha de Nossa Senhora.

João: E é para todo o Brasil que eram 15 anos para ingressar?

Maria: Olha, eu entrei com essa idade, agora eu nunca me importei de saber das outras, quando saíamos deixávamos o tempo da cruzada eucarística, que é a pré-adolescência e a gente diria que a jovem aos 15 anos faz a sua festa, têm a festa dos 15 anos, então podia até já participar de outras atividades sociais.

João: Porque muitas moças casavam muito cedo, né?

Maria: Muito cedo, né! Esperava uns 17, 18 anos aí era o casamento.

João: Então deve ter algumas que ficavam muito pouco tempo?

Maria: Mas continuavam na Pia União casadas.

João: Continuavam na Pia União casadas?

Continuavam, sim, a Pia União não era pra gente solteira, só. Era até bonito o casamento de uma jovem. Ela até ia com a fita das Filhas de Maria no casamento.

João: Porque aqui em São João, tudo que eu ouvia até agora, pelo menos, é que ela tinha que deixar a Pia União e entrar...

Maria: No Apostolado da Oração.

João: No Apostolado da Oração.

Maria: Não, é que eu era solteira, mas tinha a Dona Valdelina, que era casada e ela continuou.

João: Como filha de Maria, usando a fita azul?

Maria: Usando a fita azul! E para nós, ser do apostolado, já era assim: mais para a idade dos 20 e poucos anos, sei lá, 30... Ai a gente via o pessoal indo para o Apostolado da Oração. Mas muitas ficavam, não é que: casou saiu.

João: E a senhora conhece algum outro lugar em que podia ficar.../

Maria: Eu, Jaboticabal!

João: A senhora já tinha ouvido falar que aqui em São João tinha que sair depois de...?

Maria: Também não.

João: É a primeira vez que... Pra mim em todo lugar era assim...

Maria: É porque... Minha irmã também era filha de maria, mas depois casando, ela foi embora. O marido dela era juiz, então ela foi transferida e até foi pro Paraná, depois

ela até deixou. Ela nem entrou no apostolado depois, Ai a atividade dela foi mais social, essas coisas.

João: Elá também...? Porque aqui, pelo menos pelo que eu encontrei, as Filhas de Maria não podia ir no carnaval...?

Maria: Ah, isso tinha. Isso acho que era em todos os lugares. É muito sério assim, sabe? Não deixava... Assim... As moças fugiam até um pouco, né?

João: E eu encontrei aqui um documento, que uma moça, filha de Maria, teve que redigir, dizendo que ela não estava namorando um dos marianos, eles pegavam muito no pé, lá também era assim?

Maria: Não.

João: Uma filha de Maria podia namorar?

Maria: Podia, ô tranquila! Nossa, tranquila! A minha irmã era filha de Maria e enquanto ela estava namorando e noivando. Depois que casou ela deixou a Pia união porque foi embora com o marido.

João: As colegas da associação acompanhavam o casamento? Estavam lá presentes, vestidas também como filhas de Maria?

Maria: Elas estavam. Quando uma se casava, íamos. Fazíamos parte.

João: Com a vestimenta?

Maria: Aí eu não posso te garantir se ia, mas elas estavam juntas com a companheira que naquele momento consagrava sua vida para o casamento do matrimônio. Agora no colégio, como éramos todas nós estudantes de mesma idade, então, as internas eram filhas de Maria, depois saíam, voltando para suas cidades quando se casavam. Eu sei que muitas depois continuaram como Apostolado da Oração. Mas eu por exemplo continuei como filha de Maria até o momento em que eu fui para a vida religiosa.

João: Mas se a senhora quisesse ter continuado, poderia ficar também?

Maria: Poderia. Poderia ficar. A mentalidade, eu vejo até hoje assim: só é do Apostolado da Oração as senhoras, sabe? Até viúvas. Aqui eu vejo. Raramente eu vejo uma pessoa mais jovem, são pessoas de mais idade, mais vividas, né? É que depois que casou-se, lá normalmente vai-se com o marido, muda de cidade, então elas também deixavam. Mas é uma marca que fica. O período da Pia União das Filhas de Maria pra gente era marcado. Até a cidade toda sabia que “aquela” era da Pia União das Filhas de Maria.

João: E as outras moças da cidade? Elas se inspiravam nas da Pia União? Porque tinham que servir como um espelho para as outras moças. As outras moças vim nelas um espelho?

Maria: Viam sim, porque marcava, né? Eu me lembro do tempo que eu estava fazendo ginásial já, o terceiro e o quarto ano, que correspondem ao sétimo e ao oitavo ano agora, era bonito porque eram as filhas de Maria. Elas traziam uma marca, né? Assim como um esposo e uma esposa tem que servir de modelo para os mais jovens, né? De uma família constituída. Então as filhas de Maria eram assim: dentro das normas mostravam ser alguém que estava consagrada a Nossa Senhora.

João: E os rapazes da cidade, como eles olhavam para as filhas de Maria?

Maria: Com muito respeito.

João: Porque eu já ouvi falar que eles se interessavam em namorar, casar, porque sabiam que era uma moça regrada.

Maria: Regrada, descente. Então eles tinham isso pelas filhas de Maria. Então era uma moça assim que não vivia de uma maneira leviana, como a gente poderia dizer. E nos colégios também tinham... nas festas de Nossa Senhora... Elas não tinham uniforme branco. Tinham o uniforme do colégio, mas tinham a fita. No dia em que recebiam a fita das filhas de maria, nossa! Era uma solenidade! Uma festa!

João: A fita só em ocasiões especiais?

Maria: Só em ocasiões quando você ia pra reunião, quando você participava de um ato litúrgico, quando ia para uma procissão, por exemplo, todas elas com a fita. Na cintura uma fita larga e no pescoço todas elas com a fita com a medalha de Nossa senhora.

João: A senhora lembra de que ano a que ano a senhora participou?

Maria: Eu participei dos meus... Pera ai, deixa eu fazer as minhas contas agora... Eu participei da cruzada eucarística primeiro, que eu já falei pra você. Eu me crismei com 10 anos, que eu estava na fazenda e vim pra cidade, mas eu sei que tem gente que foi crismada bem antes e já entrava na Pia União. E no quarto ano do primário, eu já era da cruzada eucarística, toda quarta-feira a tarde nós tínhamos a nossa formação, meninos e meninas. O meu grupo, como já éramos mesmo da cruzada eucarística, nós tínhamos que... Os nossos parentes assim...

João: Em que ano mais ou menos? Não precisa ser certinho, mais ou menos...

Maria: Deixa eu ver agora... 1940, 42, 42, porque depois eu entrei no convento em 1950 e em todo esse tempo eu fiz cruzada e fiz filhas de Maria, até 1950. Me formei em 1950. Trabalhei mais dois anos e aí quando eu entrei lá no colégio, já como religiosa, já não pertencia mais à Pia União das filhas de Maria.

João: E a Pia União tinha alguma relação com a catequese das crianças?

Maria: Tínhamos porque as filhas de Maria, uma das atividades que elas faziam era ser catequistas.

João: As mais velhas?

Maria: As mais velhas. Não era uma coisa obrigatória, mas tínhamos.

João: Porque queria?

Maria: Justo, ou fazia parte do coral, ou da catequese, ou de outro trabalho apostólico, por exemplo como os vicentinos. Então elas podiam trabalhar e escolher uma atividade.

João: E as aspirantes ajudavam?

Maria: As aspirantes ajudavam. Quando eu era aspirante eu ajudava. Não podia ainda ser, por exemplo: catequista, mas eu fazia atividades com os pequenos. Ensinado o Pai Nosso, a Ave Maria, contando a história da criação através de desenhos. Depois quando eu recebi a fita das filhas de Maria, aí eu já podia ser catequista. Eu era catequista e ao mesmo tempo eu era do coral.

João: Quantos anos a senhora tinha quando a senhora se tornou catequista?

Maria: Eu devia já ter meus 15 anos... 16 anos! Não 15. 16 anos!

Caderno de Campo

Maria Augusta Rosário Rodrigues, foi plenamente lúcida em todas as suas declarações. Apresentou suas memórias com muita clareza e em pouquíssimos momentos não soube situar os eventos com precisão datada.

Possuindo grande domínio e conhecimento institucional, colaborou com todas as informações que dispunha durante a entrevista recordando como tempos belos, os abordados pela entrevista.

Anexo E - Transcrição de entrevista concedida por Maria de Lourdes dos Santos de Almeida - 61 anos

Ficha do informante.

É natural da cidade de Divinolândia – SP, tendo nascido no Campo Redondo na Zona Rural de Divinolândia de onde se mudou após de casar, tendo se fixado no centro da mesma cidade, onde permanece até 8 de abril de 2014, data da realização desta entrevista.

Frequentou a Pia União das Filhas de Maria entre os 15 e 18 anos no Campo Redondo, em Divinolândia, paróquia vinculada à Diocese de São João da Boa Vista, num período em que a referida unidade da Pia União caminhava para sua extinção.

Entrevista:

João: A senhora é daqui de Divinolândia Mesmo?

Maria: Sou, aqui da região aqui.

João: Viveu a vida inteira aqui?

Maria: Sou, morava no Campo Redondo e agora moro aqui, faz muito tempo já.

João: Tem problema falar a idade da senhora?

Maria: Não, é 61.

João: 61! A senhora ainda é jovem então. A senhora se lembra de que ano até que ano a senhora fez parte da Pia União?

Maria: Eu acho que foi, espera ai... Eu acho que eu tinha uns 15 anos e foi até eu casar em 71. Em 71 que eu casei.

João: A senhora casou com quantos anos/

Maria: Casei com 18.

João: 18? A senhora fez parte uns três anos?

Maria: Acho que foi uns 5. Acho que uns 5 anos, por aí.

João: Aqui em Divinolândia, né?

Maria: Não, a Diocese é em São João da Boa Vista.

João: Então era a mesma irmandade de São João, mas os encontros eram aqui.

Maria: Eram aqui e a gente reunia lá na igreja do Campo Redondo. A gente morava lá e aí a gente reunia todo domingo lá.

João: E como que é essa igreja? Dentro da igreja tinha um lugar só para a reunião?

Maria: Não, era dentro da igreja mesmo.

João: Dentro da Igreja?!

Maria: Dentro da Igreja, porque era todo domingo e tinha missa uma vez por mês, então todo domingo a gente ia.

João: E era logo depois da missa, ou antes da missa?

Maria: Não, a gente fazia aos domingos e ai o dia que tinha missa não tinha, né? A gente participava da missa.

João: Então era no horário da missa, nos dias que não tinha missa.

Maria: É, que a gente participava. Tinha os domingos... Todo domingo a gente ia na Igreja para fazer as reuniões, para ler nos livros... Era O Ofício que chamava, né? A

gente lia nos livros, rezava, cantava, né? E quando tinha missa a gente participava das missas ai não tinha essas reuniões não.

João: E era uma missa só uma vez por mês?

Maria: Era uma vez por mês que tinha missa na roça.

João: Porque hoje todas as igrejas tem missa uma vez por semana.

Maria: É, agora lá quando eu era jovem era uma vez por mês.

João: Tinham muitas igrejas na cidade?

Maria: Não tinha tantas igual tem hoje aqui, né? Mais era a Matriz e na roça mesmo, né?

João: Na Matriz tinha missa toda semana?

Maria: Só na roça, no Campo redondo... Chama Campo Redondo onde eu morava antigamente.

João: É zona rural?

Maria: É zona rural, ai era uma vez por mês.

João: E as moças da cidade, todas elas saiam para ir...?

Maria: Não, ai tinha as que eram daqui de Divinolandia e tinham as que moravam lá no Campo Redondo.

João: Ah, tinha outra irmandade em Divinolandia?

Maria: Tinha, tinha muita irmandade naquele tempo.

João: E tinha algum encontro de vocês com as irmãs aqui do centro?

Maria: Ah, tinha, tinha sim as reuniões que a gente fazia todo mundo junto.

João: Fora de Divinolandia vocês não saiam?

Maria: Não. Acho que não. Eu não me lembro não.

João: Tinha algum padre que comandava? Que era responsável?

Maria: Tinha, naquele tempo, quando eu era filha de maria era o Pe. Ladislau, né? E tinha o Pe. Thomaz depois, que está em Palmeiras, Santa Cruz das Palmeiras.

João: Ah, ele é que comandava?

Maria: É, ele trabalhou um tempo lá no Campo Redondo.

João: Ele ainda é vivo?

Maria: É, tá muito doente, mas ainda é.

João: Ele ainda celebra missa?

Maria: Celebra, celebra ainda.

João: Seria interessante se eu conseguisse falar com ele. A senhora não tem contato nenhum?

Maria: Não tenho com ele, mas o povo lá do Campo Redondo tem, viu?

João: Será que a diocese de Santa Cruz das Palmeiras é São João da Boa Vista?

Maria: Eu acho que é, a mesma diocese, viu?

João: Talvez lá eu consiga o contato então.

Maria: É, com certeza, com certeza lá se você perguntar eles sabem sim.

João: É Pe. Ladislau?

Maria: Não, o Pe. Ladislau já morreu, esse é o Pe. Thomaz. Trabalhou muito tempo aqui em Divinolandia ai ele ia celebrar missa lá na zona rural.

João: E até 1971, o ano em que a senhora casou, ainda era forte a Pia União aqui, ou já estava acabando?

Maria: Ainda era, ainda. Ficou até os anos 80 e depois acabou. Ai as moças mais velhas foram casando e foi acabando.

João: Com algumas senhoras que a gente conversou lá em São João, algumas disseram que além do padre as vezes tinha alguma irmã mais velha que não casou e as vezes dedicava a vida sendo... Como se fosse uma líder ali dentro da Pia União. Aqui tinha alguma coisa parecida?

Maria: Tinha a que ficava junto com o padre Thomaz que era a irmã Virgínia, ainda existe também, viu?

João: Ah é?

Maria: Tem a irmã Virgínia Ainda, que trabalhava junto com o Pe. Tomaz.

João: E ela era filha de maria?

Maria: Não, eu não sei se ela era filha de maria, eu sei que ela ia junto com ele, né?

João: Mas também não era freira?

Maria: Era irmã, mas eu não sei.

João: Mas ela não usava roupa de freira?

Maria: Usava assim... Saia, né?... Não, eu acho que ela era irmã mesmo, porque ela punha uns negócios na cabeça.

João: E irmã mesmo, filha de Maria que comandava assim, não tinha não?

Maria: Não, não tinha não.

João: E vocês tinham um coral? Lá em São João tinha um coro, que era o coro Santa Cecília, a padroeira dos músicos. Aqui tinha um coral ou alguma coisa...?

Maria: É, a gente tinha... A gente ensaiava cânticos, mas para a missa, a gente cantava nas reuniões, essas coisas. Mas assim, coral não tinha não.

João: Aqui na cidade ainda tem muitas irmãs... muitas pessoas...?

Maria: Que eram filhas de maria?

João: É.

Maria: Tem, tem bastante ainda.

João: A senhora tem contato?

Maria: Não tenho, mas eu conheço algumas, né? Algumas eu conheço.

João: E lá em São João com as pessoas que a gente conversou, a gente viu que faziam artesanato, santinho... Tinha mais alguma coisa que vocês faziam para ajudar...?

Maria: É, tinha tipo uma coleta que a gente fazia, casa um dava um pouquinho para as despesas da igreja, né? Agente tomava conta, assim... lavava toalha, né? Cada mês eram três meninas que tomava conta, limpava, né? Lavava toalha, cuidava da roupa do padre, entendeu? Era tudo por conta da gente.

João: E bordado, alguma coisa que...?

Maria: Não, isso a gente não fazia não.

João: Não?

Maria: Ajudava nas festas, né? Porque tinha festas, né?

João: Eu ouvi falar que tinham quermesses, festas da igreja que as irmãs participavam bastante.

Maria: Participavam, ajudavam tudo.

João: Como que era? A senhora tem alguma lembrança?

Maria: É mais ou menos assim mesmo, tinha festa todo ano na igreja, né? E agente ajudava e participava. Ajudava a organizar tudo né? Era assim, participava mesmo.

João: Hoje nas quermesses tem os grupos de jovens que ajudam a vender nas mesas, era algum assim?

Maria: Isso, era isso mesmo que a gente fazia, servir as mesas.

João: Aqui também tinha o grupo dos homens? Lá em São João tinham os, marianos.

Maria: Os marianos, isso. Também tinha. Aqui também tinha. Lá onde eu morava também tinha, na zona rural.

João: Tinha alguns casos que já contaram também que reunia os marianos e as filhas de Maria pra cantar juntos...

Maria: Isso, cantar junto. Cantava na missa junto, era bonito.

João: Ela teve muitas filhas de Maria que casaram com marianos, aqui a senhora sabe...?

Maria: É, o meu marido era mariano.

João: Era Mariano também?

Maria: Era mariano também.

João: Da mesma paróquia da senhora?

Maria: Da mesma paróquia que eu.

João: E ai vocês saíram de lá e mudaram mais aqui pro centro?

Maria: É, ai foi, vivemos lá um tanto, depois viemos pra cá. Mudei pra cá em 86.

João: E além da missa vocês ajudava a organizar ou só participavam?

Maria: Participava, deixava tudo organizadinho para o padre, né? A hora que chegava estava tudo ali do jeitinho dele, né? Tudo direitinho.

João: Fazia leitura?

Maria: Naquele tempo não sei se tinha leitura, tinha? Parece que era em latim ainda?

João: Em alguns missais que a gente pegou lá em São João em 70 e 80 os missais já estão em português.

Maria: Ah, então a gente participava sim, fazia leitura sim.

João: Decorar a igreja?

Maria: Decorava, flores, tudo era a gente, né? Deixava tudo organizado.

João: E procissão na cidade, tinha?

Maria: Tinha procissão, até que hoje quase não tem, mas tinha bastante procissões.

João: E ai vocês participavam?

Maria: Participava também, participava sim, era uma coisa bem organizada, né? A gente esquece de muita coisa, né? Porque faz muito tempo.

João: Lá a gente viu também que era muito sério assim... Tinha que estar presente...

Maria: Tinha que estar presente, não podia faltar, não podia usar roupa curta nem decotada, tinha toda uma rigidez.

João: Tinha mais alguma coisa... As roupas a gente já tinha ouvido falar, tinha mais alguma coisa que podia ou não podia fazer?

Maria: Ah, sei lá. Os namoros, né? Mas antigamente os namoros eram diferentes mesmo, sabe?

João: E as moças eram um espelho para o resto das moças da cidade?

Maria: Eram, as filhas de maria eram.

João: E a gente viu que lá em São João a maior parte das filhas de Maria eram moças ricas, poucas moças que a família trabalhava, que não eram fazendeiros, tinham acesso. Ai a Andréia falou: não, a minha mãe não era esse caso, como que era aqui? A maioria era mais rica também?

Maria: Eu fui até trabalhadora da roça, mas nunca faltei aos ofícios, nada, né? Chegava os domingos, tava lá.

João: Mas a maioria erma moças de família rica?

Maria: Tinham umas que eram, mas nem todas não.

João: A senhora chegou a conhecer alguém que participou muito antes da senhora e que contava como era? Se era diferente?

Maria: Tem, tem sim. Nas Três Barras mesmo tem. Isso já é um pouco distante.

João: E elas falaram alguma vez alguma coisa pra senhora, como é que era?

Maria: Então, quando eu entrei, eu entrei em outro lugar, ai eram diferente, as moças já eram já filhas de Maria ai elas podem até ter falado para a gente como é que era, né? Ai depois que eu fui para o Campo Redondo.

João: A senhora se lembra delas dizerem se era diferente? Alguma coisa que tinha mudado? Que tinha ficado diferente?

Maria: Eu acho que não. Porque eu quase vivi essa época também, elas são pouco mais velhas que eu, então eu acho que não tem diferença não.

João: A senhora tem alguma lembrança do por que acabou? A senhora disse que elas iam casando, mas casar sempre iam, mas ia renovando. A senhora tem alguma lembrança de por que não renovou mais?

Maria: Então, ontem veio uma amiga minha aqui de noite e ai nós estávamos conversando sobre isso, ai ela disse assim que foi por causa disso mesmo, que foi casando as moças e não foi entrando mais ninguém.

João: A senhora acha que foi perdendo o interesse das moças mais novas?

Maria: Eu acho que pode ser, né? Foi mudando as coisas também. Ai foi acabando aquele movimento das filhas de Maria.

João: E tinha uma roupa que só as filhas de Maria usavam, a senhora lembra como é que era?

Maria: Lembro, no meu tempo era vestido branco de golinha e tinha a fita azul na cintura e tinha a fita que punha no pescoço também.

João: Era nessa fita que ficava a medalhinha?

Maria: Isso, a medalha.

João: E qualquer moça que quisesse entrar podia? Era só começar participar da reunião?

Maria: Ai você tinha que... Não podia faltar das reuniões, mas qualquer um podia sim.

João: E eram moças mais ricas, todos os tipos...?

Maria: Todos os tipos, não tinha diferença não.

João: E a senhora sabe se aqui no centro da cidade era a mesma coisa?

Maria: Ai eu já não sei muito, porque a gente participava mais era lá na zona rural, né?

João: E a senhora se lembra mais ou menos como que era uma reunião? Se chagava e tinha chamada?

Maria: Tinha chamada.

João: Era a primeira coisa?

Maria: Era a primeira coisa, para ver se estavam todas ali, depois ficava lá, rezava nos livrinhos, cantava e ficava ali, na igreja um tempo e depois ia embora a tarde.

João: Todas as coisas que eram feitas em uma reunião eram parecidas com a da outra reunião ou tinha...?

Maria: É porque ai tinha os livros de ata que a gente fazia.

João; É, lá em São João a gente achou vários.

Maria: Achou? Eu falei pra minha irmã: Vê se tem lá no campo redondo, porque era tão bom se tivesse, mas não te, sabe? Acho que destruíram tudo.

João: Lá a gente achou porque dizem que uma das coisas que as irmãs faziam é que elas tinham muito cuidado de guardar tudo.

Maria: É, é isso mesmo.

João: Aqui elas também tinham esse costume de cuidar? Guardar tudo? Se faziam um cartazinho de festa, guardavam? Ata de reunião, guardavam?

Maria: Então, isso que eu não sei na igreja aqui. Não sei se tem. Mas lá na roça, na zona rural não tem.

João: Mas enquanto ainda existia elas tinham esse cuidado?

Maria: Tinham, tinham sim. Não sei porque que destruiu, sei lá. Era bom se tivesse.

João: E se uma irmã faltasse? Se ela fosse um dia e na semana passada ela tivesse faltado?

Maria: Se faltasse uns dois, três domingos eles tiravam.

João: Não podia participar mais?

Maria: Não podia participar mais não.

João: Não podia nem voltar depois de um tempo?

Maria: Não, porque ai já saia da linha. Não podia.

João: E se faltasse uma vez? O padre responsável dava uma broca? Chamava a atenção?

Maria: Se faltasse uma vez, tudo bem. Agora mais de uma...

João: Seguidos?

Maria: Isso, seguidos. Ai não podia não.

João: A senhora lembra se tinha quantas vezes no ano podia faltar?

Maria: Ai eu não lembro não. Não me lembro, mais assim seguido não podia faltar não. Não podia faltar seguido.

João: E alguma viagem? Se fosse viajar com a família? Mesmo assim, era um problema faltar?

Maria: Ai quando tinha, o lugar que a gente ia muito era Aparecida, ai podia. Ai então podia porque estava... Né? O Lugar que a gente ia era pra lá.

João: Mas ia a moça e a família? Não ia a irmandade fazer viagem?

Maria: Ia a família, a moça e a família. As vezes as meninas que faziam parte iam também porque era romaria. Era romaria que fazia. Ai ia bastante gente, a gente ia cantando daqui lá. Nossa, era legal!

João: Era de ônibus?

Maria: Era de ônibus. Nossa, era tão diferente aquele tempo, né?

João: naquela época era tudo estrada de terra, né?

Maria: Era tudo estrada de terra, demorava muito tempo pra chegar, né?

João: Quantas irmãs eram mais ou menos, a senhora não se lembrar?

Maria: Ih, nossa! Eu não lembro direito, mas tinha bastante.

João: Era uma boa parte das moças da cidade que iam?

Maria: Eram também. Tinham bastante moças daqui e da zona rural, onde eu participava, também tinha bastante.

João: A senhora sabe se aqui em Divinolândia... Porque eu chegando aqui já vi outras igrejas, evangélicas... Naquela época a maioria era católica?

Maria: Católica! Nenhuma dessas igrejas que tem hoje aqui não tinha.

João: Nenhuma?

Maria: Não, não tinha.

João: E hoje, a maioria ainda é católica?

Maria: É, aqui em Divinolândia é! A maioria é católica.

João: E comparando com todas as moças da cidade era uma parte pequena? Uma parte grande que fazia parte?

Maria: Ah, eu acho que não era uma parte tão grande.

João: Não?

Maria: Não, acho que não era não. Na zona rural era mais forte do que na cidade.

João: E como é que a família se sentia? Como é que a família católica se sentia quando a filha fazia parte ou o filho fazia parte dos marianos?

Maria: Ah, ficava contende, né? Era um orgulho. Era legal. Sabe, eu tinha até uma foto, um certificado. Era bonito. Mas ai caiu um raio uma vez na casa da minha mãe e destruiu tudo.

João: Que pena!

Maria: É, uma judiação.

João: A senhora não tem mais nada daquela época?

Maria: Não tenho, era só aquilo lá mesmo.

João: A senhora não se lembra mais ou menos o que vinha escrito no certificado?

Maria: Não, não lebro, só que era muito bonito.

João: E toda moça ganhava depois de um tempo?

Maria: Não sei, eu tinha! Eu e a minha irmã tinha. Agora não sei se eram todas.

João: Ah, sua irmã também era filha de Maria?

Maria: Minha irmã participou também. Menos do que eu, mas participou.

João: Ela é mais nova ou mais velha?

Maria: Mais nova.

João: E ela saiu porque casou mais cedo, porque ela quis, ou por algum outro motivo?

Maria: Não sei porque foi que ela saiu não. Eu sei que quando eu casei ela ainda ficou. Depois acho que ai terminou mesmo.

João: Ah, talvez seja porque tenha acabado já?

Maria: Talvez, eu acho.

João: E a senhora que era filha de maria podia ter amizade com uma moça que não era?

Maria: Podia, só que com as filhas de maria a gente já tinha um ritual, a gente falava assim: Salve Maria! Todas as meninas que eram filhas de maria a gente já cumprimentava assim. Salve Maria! Agora com as outras não. Não eram então era diferente, era normal.

João: E as outras tinham vontade de participar? Ou não participavam porque não queriam?

Maria: Eu acho que elas não queriam mesmo não.

João: Não eram muito apegadas à fé católica?

Maria: É, não eram tão religiosas.

João: Mas ir à missa essas outras moças iam?

Maria: Ima sim, as vezes iam. Mas não era sempre.

João: E agora uma coisa importante, a gente viu que algumas irmãs ajudavam no catecismo, ou até viravam catequistas quando ficavam mais velhas. Depois de casar viravam catequistas...

Maria: Isso, no caso da minha irmã, ela foi catequista.

João: Ah, sua irmã foi catequista?

Maria: Minha irmã foi.

João: Depois de ser filha de Maria?

Maria: Depois de ser filha de Maria ela foi catequista.

João: Eram bastante moças que depois de ser filhas de Maria viravam catequistas?

Maria: Ah tinha. Eu acho que sim viu? Porque era tudo por conta das Filhas de Maria. A coroação de Nossa Senhora... Era tudo a gente que preparava.

João: E as filhas de Maria ajudavam no catecismo?

Maria: Ajudavam sim,

João: O que elas faziam pra ajudar a catequista?

Maria: Como assim?

João: Elas ajudavam na aula? Ajudavam a professora? Ajudavam os outros alunos?

Maria: É.

João: Como, mais ou menos?

Maria: É assim era por conta das catequistas. Nem tinha catequistas mesmo. Era por conta da gente. A minha irmã foi catequista depois que terminou até. Entendeu? Não foi no período que ela era filha de Maria não, foi depois, entendeu? Mas quando a gente era filha de maria, no meu tempo a gente é que catequisava as crianças.

João: Ah, vocês é que catequisavam as crianças?

Maria: É, nós mesmo.

João: E as crianças mais novas que vocês?

Maria: mais novas, é! Naquele tempo tinha muita criança na roça, hoje não tem mais. Mas tinha muita criança.

João: Porque quando vocês entravam para a Pia União, vocês mesmo já tinham acabado o catecismo?

Maria: Já tínhamos acabado.

João: Então faziam o catecismo e depois...

Maria: Fazia o catecismo e depois já entrava.

João: Tinha que terminar o catecismo para poder entrar, ou não?

Maria: Tinha que ter terminado, feito a primeira comunhão e aí que entrava.

João: E aí o que vocês aprendiam na irmandade com o padre era o que vocês passavam ou o que passava no catecismo não tinha muito a ver com o que aprendia na irmandade?

Maria: Não, acho que não tinha muito a ver não porque era criança, né? Então era ali o básico da religião para fazer a primeira comunhão.

João: E depois quando casava e tinha filhos tinha algum valor que era aprendido na Pia União que era passado e que ficava pra família depois?

Maria: É, a gente contava pros filhos. Eu falava pra Andréia do jeito que era tudo.

João: E ela tinha vontade de participar?

Maria: Se fosse no tempo capaz que tinha, mas já tinha terminado, né? Então...

João: Mas de valores ou ensinamentos que eram aprendidos na Pia União, alguma coisa passava, ou ficava para a família?

Maria: Ficou, passei sim. Muita coisa, sim.

João: E a senhora acha que as famílias das senhoras que foram irmãs ainda seguem alguma coisa?

Maria: Eu penso viu? Aí depois que a gente... tem a irmandade do Sagrado coração. Aí já é o sagrado coração. Tem muitas que é do Sagrado coração. Faz parte do apostolado. Então, continua, né/

João: Então tem ainda uma tradição, alguma coisa ficou.

Maria: Tem ainda, muita gente faz parte do apostolado da oração. Muitas senhoras. Eu faço parte.

João: Então até hoje a senhora ainda é ligada à igreja.

Caderno de Campo

Maria de Lourdes dos Santos de Almeida, mostrou-se saudosista durante toda a entrevista referindo-se ao período abordado como algo muito belo e diferente do contexto em que a entrevista se realizou.

Disposta a informar, procurou responder todas as perguntas com entusiasmo, mesmo não se lembrando de muitas informações, por vezes sem certeza do que era informado, outrora fazendo pequenas confusões pontuais.

ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA CONCEDIDA POR MARIA NAZARETE DE BARROS ANDRADE

Ficha do Informante

Maria Nazarete de Barros Andrade, é coordenadora do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Fez parte da Pai União das Filhas de Maria na década de 60, em Ipuarana e Campina Grande, depois vindo para São Paulo, estudou em colégios religiosos. É católica ativa até os dias de hoje. Não quis revelar sua verdadeira idade, mas através de dados fornecidos calcula-se que tenha em torno de 60 anos.

Ainda através dos dados fornecidos, supõe-se que tenha vindo de uma família que estava vinculada à elite da região, pois ela aponta que morava em um sítio o qual mantinha uma casa com 18 quartos, e para onde o padre local se deslocava para celebrar missas, às quais compareciam várias famílias.

Entrevista:

Marcella: A senhora fez parte da Pia União das Filhas de Maria?

Nazarete: Fiz parte tanto... é... de todas as congregações religiosas da paróquia eu fazia parte. E na Pia União das Filhas de Maria eu cheguei ser uma aspirante e uma Filha de Maria, e cheguei a usar as fitas normais. E era rígido na época, né? Até porque as mulheres naquela época, que eram Filhas de Maria, eram totalmente

donzelas, né? Eram virgens, e...por ordem, respeito e disciplina da própria irmandade e a época também que exigia esses direitos religiosos, né?

Marcella: E a senhora lembra qual foi a época que a senhora participou? Mais ou menos o período assim...

Nazarete: Olha, mil novecentos e... eu era muito criança, muito novinha, porque eu fui “Cruzadinha”, da Cruzada Eucarística, cheguei a ser... passei por todos os cargos, começando de aspirante e chegando a ser presidente da Congregação Eucarística, que chamava Cruzada Eucarística. E isso eu tinha o que? Já tinha meus onze, doze anos e por volta... eu acredito que eu devia ter entre quatorze e quinze anos, que passei a ser já aspirante e logo em seguida já passei a Filhas de Maria, até porque eu tinha irmãs que já eram Filhas de Maria. Entendeu?

Marcella: Entendi.

Nazarete: A minha irmã mais velha era uma personagem importantíssima na Pia União das Filhas de Maria, É.

Marcella: E tudo sempre aqui na cidade de São Paulo?

Nazarete: Não, nós fomos também no nordeste, que era onde a gente residia, né? Nós fomos em Ipuarana, onde tem o convento de Sto. Antônio, o maior convento da Região, né, e posteriormente em Campina Grande e depois aqui já não segui mais...(risos)

Marcella: E a senhora lembra se na época que a senhora participou, se tinha alguém que comandava?

Nazarete: Lembro mas... lembro assim, mais ou menos. Deixa eu ver se eu lembro de algum nome... Eu lembro de alguns padres. A época... como eu era Cruzadinha... porque o vigário da paróquia que depois passou à cidade de Lagoa Seca era... Frei Constantino que mais tarde ele foi Bispo de uma cidade chamada Penedo. Penedo? Penedo... Acho que era Penedo. Quer ver... “Abre pra mim no Google que deve ter essa cidade de Penedo, se eu não me engano é Penedo,” (diz à funcionária do Museu

da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo) Porque eu não ... depois veio um vigário chamado Frei Leônidas, depois veio um outro, Frei Liberato. Aí já não lembro mais dos outros porque eu mudei de cidade...

Marcella: Mas eram padres (que comandavam)?

Nazarete: Padres.

Marcella: Não era nenhuma, que fazia parte da Pia União, mais velha, uma mulher mais velha?

Nazarete: Eram padres. Da Pia União mais velha quem seria... talvez a minha irmã, não lembro. A minha irmã era da época, das mais velhas... Eu não lembro assim... Eu lembro que tinha uma pessoa chamada... mas eu não sei se ela era Filha de Maria, não lembro assim muito, eu era muito pequena e eu não lembro se eu tinha assim entre... entre onze e quatorze, quinze anos, era essa época que eu fui, porque posteriormente eu vim pra São Paulo muito novinha também, né?

Marcella: A senhora lembra que década mais ou menos a senhora participou?

Nazarete: Mil novecentos e sessenta.... sessenta e... vim pra São Paulo em sessenta e sete, possivelmente deve ter sido entre sessenta e quatro, sessenta e ...entre sessenta e dois e sessenta e seis, esse período, por aí.

Marcella: E foi o finalzinho?

Nazarete: Eu preciso olhar alguns cartõezinhos que eu tenho em casa, a data , porque as vezes eu guardei alguns...cartãozinho do cruzadinho, né? Cruzada Eucarística, talvez por aí dá pra tirar uma base.

Marcella: A senhora pegou o finalzinho da Pia União?

Nazarete: Não. Já peguei o forte mesmo. Na época eu era muito criança, depois eu... né? Mas o final da congregação...quero dizer, com o Concilio Vaticano II foi em sessenta e três... o período mais forte da Pia união devia ser assim em cinquenta e sete. Você vê que eu era muito novinha, talvez o foco mais forte seja entre cinquenta

e sete, cinquenta e seis, cinquenta e sete, 1956, 1957 porque mesmo com o Concílio Vaticano II a... continuou. E depois foi perdendo, e as congregações foram abolindo, todo mundo foi substi... andando à paisano. Porque a minha mãe pertencia à congregação de São Francisco de Assis, cada um tinha... Meus irmãos eram Marianos. Eu tive um irmão que logo...veio muito novinho pro Rio de Janeiro... eu não me recordo muito de tudo assim às claras, mas...

Marcella: A senhora lembra em que ano que acabou assim... ou mais ou menos a época?

Nazarete: Não lembro, mais ou menos...

Marcella: Final de sessenta, começo de setenta?

Nazarete: Eu só sei que em 63 ainda predom... Você quer uma água?

Marcella: Não, Obrigada.

Nazarete: ... predominava ainda as congregações. Eu era muito criança, pertencia à Cruzada Eucarística, e era fortíssima a Pia União das Filhas de Maria, era muito forte.

Marcella: E a maioria das moças era dessa idade mesmo? 15, 20 (anos)...?

Nazarete: Era, mas tinham muitas com seus 25, 26, 28, 29, tinha.

Marcella: Tinha?

Nazarete: Tinha porque minha irmã já era dessa época... minha mã... minha irmã mais velha foi desde o início da Pia União, e ela só desligou quando casou. Só que eu não lembro a data do casamento da minha irmã mais velha, mas deve ter sido... não sei se foi 1957, 1958, não sei. Eu preciso ligar para el... pra família, porque ela é falecida, pra ver quando ela casou, porque ela se desligou quando casou.

Marcella: Tinha que se desligar quando casava?

Nazarete: Tinha que se desligar porque... ela passava pra outra congregação, se quisesse, fosse Ordem Terceira, que era a congregação da minha mãe, mas as Filhas de Maria já eram todas solteiras e todas donzelas.

Marcella: E como que era o uniforme?

Nazarete: O uniforme era: vestido branco, eu lembro bem que as saias eram... tipo de preguinhas, muitas plissadas, né? E usava no pescoço a fita, principalmente nos dias de festas, comemoração, que seria geralmente 8 de Dezembro, e as donzelas usavam vestido branco e m véu na cabeça. Às vezes, nas procissões, a gente via o desfile, que a gente achava lindo porque desfilavam todas as congregações nas procissões, né? E a gente via quando os Cruzados passavam com suas fitas amarelas - isso eu lembro bem porque eu devo ter essa fita em casa, dos cruzados que eu guardei, até porque eu fui presidente, chefe e presidente - e da Pia União, todas de fita azul com a medalha de Nossa Senhora Imaculada Conceição, e véu branco na cabeça, esse véu geralmente era de filó ou tule com a rendinha ao redor do véu.

Marcella: Véu curtinho mesmo?

Nazarete: Véu curtinho mesmo. Véu curto que cobrisse a cabeça. Sempre um terço na mão e um livrinho chamado... chamava-se Adoremos, né? Era o livrinho.

Marcella: E vocês tinham uma função, assim, dentro da Igreja?

Nazarete: Tinha. Nós tínhamos função, nós tínhamos... não é função assim, nos tínhamos que cumprir o dia da reunião, nós tínhamos que estar presente nas celebrações, nos tínhamos que atender aos cânticos da igreja, nos tínhamos que... quando tinham as comemorações a gente tinha que estar presente. Em todas as comemorações religiosas, a Pia União, a Congregação Mariana e as outras Congregações tinham que estar presente, entendeu? Então a gente tinha... era uma função, assim, muito firme, entendeu? Na religião católica.

Marcella: Na missa não? Não tinha função na missa? Tinha?

Nazarete: Tinha! Tinha...os grupos que cantavam, os grupos às vezes que rezavam. Principalmente quando tinha, assim, o dia do Santíssimo Sacramento, "Hoje é o dia das Filhas de Maria", "Hoje é o dia dos Cruzados", "O dia dos Marianos", "É o dia do Sagrado Coração de Jesus", tinha, nós tínhamos que seguir religiosamente bem.

Macella: Não usavam o uniforme o tempo inteiro?

Nazarete: Não, só no dia das festas, das comemorações, por exemplo, dia da missa, entendeu? O dia de... desfile nas procissões, enfim, no dia que tinha procissão com o desfile das congregações a gente tinha que usar. Era obrigatoriamente, usar em todas as missas.

Marcella: E eram só moças de classe alta ou não?

Nazarete: Não, todas as classes sociais, e nós tínhamos pessoas, assim, bem simples.

Marcella: Havia envolvimento com arte, artesanato, bordado...?

Nazarete: Todas tinham, porque todas já vinha do... do lar, então as mães já ensinavam elas a fazerem a renda, o bordado, o rechilieu, é... e tinha as escolas de arranjo do lar, que a gente aprendia a pintar, desenhar, porque as mulheres tinham que estar preparadas para o matrimônio, entendeu? Então a gente aprendia tudo isso.

Marcella: Mas é...tipo artesanato pra fins...pra arrecadar dinheiro, pra esse tipo de coisa não?

Nazarete: Faziam, faziam. Inclusive a gente fazia trabalhos pra ajudar as pessoas pobres, os carentes, muito se dedicava em suas próprias casas, "Hoje eu vou costurar só roupinha de criança", outras "Eu vou só bordar toalhas de mesa, rechilieu", entendeu? Tínhamos. Pra fazer os bazarzinhos e as festinhas pra ajudar e arrecadar fundos, até porque era a construção da igreja, entendeu? Pra ajudar.

Marcella: E envolvimento com música, tinha?

Nazarete: Tinha o coral, e muito....tanto que eu aprendi a tocar órgão lá na igreja. É, aprendi a tocar não sei muito mas um pouquinho ,assim, ainda dá pra dar uma mexidinha com os dedos, mas não continuei. Mas eu aprendi a tocar no próprio da igreja, né?

Marcella: Entendi. Nem todas as meninas faziam parte do coro?

Nazarete: Não, não. Algumas faziam parte do coral, outras não. Quem quisesse, era livre.

Marcella: Entendi. Essa que participavam, já vinham com algum instrução musical de casa?

Nazarete: Vinham... muitas já sabiam alguma coisa, que aprendeu com alguém, até mesmo com seus avós, pais, né? E sempre tinha alguém que se destacava, sempre tinha, apesar da cidade ser pequenininha, mas sempre tinha alguém.

Marcella: E a maioria tocava piano?

Nazarete: Naquela época, na nossa cidade, era o órgão que predominava. Na nossa cidade.

Marcella: A senhora lembra se... Depois que a senhora veio pra são Paulo, a senhora chegou a estudar em algum colégio católico?

Nazarete: Estudei.

Marcella: A senhora lembra se nesse colégio, as meninas do interior vinham pra estudar?

Nazarete: Vinham.

Marcella: Bastante?

Nazarete: Vinham, bastante. Nossa, adoravam! Até porque colégio católico era um luxo pra gente, a família ter um filho ou uma filha estudando em um colégio religioso, era um luxo. E dali, nossa, todo mundo ficava encantado! Porque a educação que nós tínhamos era diferenciada, até porque eram freiras que davam (aula), né? Eu estudei em vários colégios religiosos.

Marcella: E também ensinava arte, musica?

Nazarete: Ensinava, ensinava tudo. Os colégios religiosos... sempre ensinou, tanto a arte, os trabalhos manuais - que era chamado assim, ou arranjo do lar, ou trabalhos manuais. Ensinava a fazer caixinhas, panos de prato, bordar colchinha pra cama da

gente, nós tínhamos lençóis de cama tudo pintado, feito por “a gente”. Então era assim... era muito bom pra gente...depois tinha as exposições de fim de ano, que a gente colocava... tudo mundo queria colocar seus trabalhos manuais pra se destacar... pra destacar um melhor do que o outro, o mais bonito, sempre houve isso.

Marcella: E nos colégios que não eram católicos tinha algum ensino de catequese, que fazia parte (da grade curricular)?

Nazarete: Não me recordo, porque nós não íamos muito nesses colégios assim. Eu estudei num colégio também, mas não me recordo de ter tudo isso. Eu lembro mais dos colégios mais religiosos, a gente aprendia até mesmo a fazer os trabalhos domésticos.

Marcella: E nos (colégios) religiosos era qualquer pessoa ou com um poder aquisitivo maior (que podia estudar)?

Nazarete: Depende (risos) às vezes... depende, às vezes você ia pra lá e conforme a conversa mantida com as irmãs, com as freiras, as irmãs de caridade que eram hiper-rígidas, a gente ficava no colégio. Muitas delas voltavam e não eram aceitas. Porque era muito rígido. Até mesmo elas pensavam que a gente tinha alguma vocação religiosa, entendeu? Mas tinha também os externatos de internas e externas.

Marcella: Enetndi. E... Mas era particular ou era pago? Quero dizer, público ou particular?

Nazarete: Tinha o particular e tinha o... Aqueles colégios em que as irmãs achavam que elas (as meninas) iam ser religiosas, era gratuitamente, entendeu? E aqueles colégios em que não tinham afinidade nenhuma... era particular.

Marcella: A senhora lembra, das meninas Filhas de Maria, se alguma delas chegou a se tornar freira, chegou a ir pro convento?

Nazarete: Olha, eu recebi há alguns anos atrás, aqui no museu, uma colega de turma da época. E ela entrou e falou: “Lembra de mim?”, e eu “Não, não estou lembrando.”, “Tem certeza?”, não, aliás não foi a colega, foi o coleg... o rapaz, porque o rapaz

pertencia à Congregação Mariana. E a irmã dele era colega... posterior, eu recebi a irmã dele aqui, que chamava Adélia. Nunca esqueço disso, Adélia. E a irmã era da... a Adélia era Cruzada... comigo, era Cruzadinho e a irmã era da Pia União das Filhas de Maria e que, posterior, a Adélia veio participar. E esse irmão dela casou, ele... parece que posterior ele veio a ter um filho padre, um filho médico e se não me engano.. . ele estudou num colégio de padre... e uma irmã freira. E eles chegaram a ter cargos no Ministério, em Brasília. Então isso pra mim foi uma surpresa, isso eu me lembro bem porque ele esteve aqui conversando comigo. Dela eu lembro bem, Adélia.

Marcella: Ela chegou a ser freira?

Nazarete: É, nã... e parece-me, se eu não estou enganada que ela nunca casou, ele é solteira até hoje. Ela é formada, se não me engano, em ciências contábeis, hoje ele é formada em ciências contábeis.

Marcella: As moças mais velhas da Pia União davam aula de catequese? Eram professoras?

Nazarete: Davam. Sim. Eu tive inclusive uma delas que chamava-se... Alice Salviano. E tive uma outra, deixa eu ver se eu lembro o nome dela... Eu não lembro o nome, só ligando pra alguém da família pra dizer o nome dela, mas eu não lembro, assim, o nome...que foi também, além de professora, foi catequista e depois foi professora do ensino médio.

Marcella: É, geralmente quando elas saiam da Pia União o que elas faziam?

Nazarete: Muitas saiam pra casar...

Marcella: Mas elas viravam professoras? Alguma coisa assim? A grande maioria...?

Nazarete: Sim, muitas eram já professoras, muitas.

Marcella: A senhora não sebe de nenhuma que foi professora de música? Saiu...

Nazarete: Lembro, a Alice Salviano.

Marcella: Ah ela foi professora de música?

Nazarete: Foi uma professora de música minha. Ela ensinava eu a tocar órgão. Uma vez por semana, duas vezes, eu lembro que ela foi... e a minha cunhada, só que a minha cunhada, ela nunca gostou de participar de congregação, ela era do coral da igreja, ela tocava órgão.

Marcella: Ah só do coral.

Nazarete: Ela só tocava órgão, só, a minha cunhada, que ela casou com o meu irmão e ela tev... se não me engano ela tem hoje... quantos filhos...? eu preciso ver quantos filhos, se são sete filhos... Ela mora em Santos, chama-se Maria de Lourdes Marques Oliveira, se não me engano é esse o nome dela, né? Mas ela não pertencia... Ela nunca quis se nada de congregação mas ela do coral da igreja, ela tocava órgão, até hoje ela toca o acordeon e órgão, né?

Marcella: E no Coro tinha algum maestro? Que conduzia o coro...?

Nazarete: Ela mesma. Ela mesma que tocava e que ensinava. De vez em quando vinha um padre do colégio, quando tinha festa, assim, vinha um padre, né? Mas aí... ou um estu... seminarista. Porque naquela época tinham muitos seminaristas, né? Isso eu lembro bem, minha infância, por sinal eu tive uma paquera que era um seminarista (risos)... Eu não lembro o nome dele, mas eu tenho uma fotografia que tem ele, mas eu não lembro o nome dele (risos).

Marcella: E vocês participavam também de festas pra arrecadar dinheiro pra igreja?

Nazarete: Sim! Muitas, muitas, inclusive.... leilões que fazia... a gente saia de casa em casa tirando... arrecadando prendas, né? Pras festas, pros leiloes da igreja, sim muitos. Era tão gostoso, até hoje eu tenho algumas coisinhas assim no joelho, que caia em dia de chuva, e uma vez entrou três pedrinhas no meu joelho, eu tenho a marca até hoje (risos).

Marcella: Ah, então acho que é isso. Obrigada pela entrevista.

Nazarete: Imagina, é um prazer dar essas informações e é muito bom ajudar aos estudantes.

Marcella: Eu mando uma cópia do trabalho pra senhora.

Nazarete: Manda, manda uma cópia porque vai ser muito bom pra gente e fonte de pesquisa..

Caderno de Campo

Maria Nazarete se mostrou muito entusiasmada com as lembranças da Pia União das Filhas de Maria. Fez questão de mencionar alguns detalhes como: “saias plissadas”, “saias de preguinhas”, “rendinha em volta do véu” , apesar de não se recordar com clareza de datas específicas. Ao mencionar a irmandade e a atividade da igreja nas cidades onde morou, demonstrava o quanto gostava de participar de todos os eventos.

Também, comparando a vida católica de antigamente com a de hoje, mostrou ter se desapontado um pouco com o fim das irmandades.

ANEXO G – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA CONCEDIDA POR TEREZINHA GUIMARÃES AMBRÓSIO

Ficha do Informante

Tereza Guimarães Ambrósio nasceu e cresceu em São João da Boa Vista. Vinda de uma família homoganeamente católica, participou da Pia União das filhas de Maria na cidade em questão durante a década de 40. Afastando-se por conta da decadência do movimento na cidade, permaneceu como católica atuante até o adoecimento da mãe. Atualmente mantém-se distante das atividades do catolicismo em São João da Boa Vista devido à fragilidade da saúde do marido e ao descontentamento com a atual configuração do catolicismo no local.

Entrevista:

Marcella: A Sra. sempre morou em São João?

Tereza: Sempre... nasci, criei aqui.

Marcella: E a família sempre foi católica?

Tereza: Sempre foi católica.

Marcella: Desde antes de a Sra. nascer...?

Tereza: Ah, já era católica sim.

Marcella: E a Sra. pode me contar um pouco como era a Pia União das Filhas de Maria?

João: Pode pedir pra falar o nome completo antes.

Marcella: É, pode falar o nome completo.

Tereza: Completo do que, filha?

Marcella: O seu nome completo.

Tereza: Ah, Terezinha Guimarães Ambrosio.

Marcella: Então, a Sra. poderia me contar um pouco como funcionava...?

Tereza: A Irmandade das Filhas de Maria era uma Irmandade muito bonita, porque as moças todas iam assim, todas uniformizadas na missa, nas procissões... E tinha muito... Ficava muito bonito nas novenas, aquela moçada toda arrumada. Dali saiam catequistas, saiam algumas que foram pra convento, né? Tem umas duas ali que foram pra convento. Aí... é, era mais mesmo as que saiam pra catequistas. Depois com o decorrer dos anos, com a falta dos padres mais velhos, foi acabando.

Marcella: Entendi.

Tereza: Foi acabando, acabando, acabando e até que acabou tudo. Né? Porque hoje em dia não tem mais nenhuma irmandade na igreja, né? Então foi acabando.

João: Algumas delas saíram pra ser professoras ou ensinar a ler e escrever, participar de algum projeto social?

Tereza: Ah, tinham muitas professoras. Muitas moças professoras, e que frequentavam a igreja e que eram Filhas de Maria.

João: E elas estudavam alguma outra coisa também? Como pintura, música...?

Tereza: Não, isso...essa parte eu já não...'Já vou...' (responde ao marido que chama por ela)...essa parte não tinha muita conversa entre a gente, assim...nao é que...a gente se encontrava mesmo nas reuniões, nos domingos em missas e procissões...

João: Nas reuniões então, não... era só sobre os assuntos da igreja...

Tereza: Da igreja...

João: ...e da Irmandade.

Tereza: E da Irmandade.

Jão: Não falavam...

Tereza: Não falavam em outro assunto, não. Não conhecia...

João: Ah...

Tereza: Não conhecia outra coisa que pudesse encaixar.

João: A gente achou muito... muito artesanato, santinho feito a mão, é...

Marcella: ...que pertencia...às moças.

João: Elas faziam bordado...?

Tereza: Elas faziam pra... bordados, faziam muita coisa assim pra depois, as vezes fazer rifas, vender pra angariar fundos pra igreja...faziam sim, muito trabalho (manual).

Marcella: E eram muitas meninas?

Tereza: Ah, eram! Não eram bem meninas, já eram mais...

Marcella: Eram moças?

Tereza: ...eram mais moças.

João: Existia algum lugar assim, onde elas se reuniam pra fazer esses trabalhos a mão?

Tereza: Ah existia. Deixa eu sair de perto pra não...(falando do gravador no qual estava quase esbarrando). Sabe aquela rua da força e luz?

Marcella: Onde? Na...

Tereza: Você descendo a... a catedral...

Marcella: Sei.

João: Uhum.

Tereza: Você descendo essa primeira rua aqui, a segunda...a terceira. Lá perto daquele banco que era do Seu Moacir. Como é que chama aquela rua ali?

Marcella: Aquela que tem a Receita Federal? Aquela rua ali?

Tereza: É! Aquela rua.

Marcella: Eu esqueci o nome da rua, mas eu sei qual rua que é.

Tereza: É você sabe qual é. Ali tem até hoje um...uma casa da qual continuam tendo ainda algumas reuniões de igreja lá.

Marcella: Ah...

Tereza: É naquela rua sabe? Bem de frente ao Força e Luz.

João: Mas era uma casa mesmo...?

Tereza: Não, não, não, era... não, não, era um “prediozinho” que a igreja tinha, alugava pra gente fazer as nossas reuniões.

João: Ah, e aí elas tinham um horário que elas combinavam...?

Tereza: É.

João: ...e elas mesmas levavam o material pra fazer cartaz, santinho...?

Tereza: É, elas mesmo que levavam os materiais pra fazer cartaz, santinho, dar aula. Ali às vezes tinha aula de catecismo...né? Tinha aulas de preparação para primeira comunhão... era tudo assim.

João: E a Sra. chegou a dar aula de catecismo?

Tereza: Não, bem. Eu dei aula de catecismo na catedral. Sabe? Ali não. Eu dava aula de catecismo na catedral aos domingos, as duas horas da tarde...começava a aula e ia...uma hora e meia, duas horas de aula.

Marcella: E a Sra. ainda fazia parte das (Filhas de Maria)...

Tereza: Eu fazia parte das aulas.

João: E essas aulas, elas só ensinavam o evangelho pras crianças...?

Tereza: O evangelho pras crianças... não...não ensinava outra coisa, e quando a criança ficava na idade de fazer a primeira comunhão, a gente ensinava a parte da primeira comunhão, as orações que a gente tinha...que as meninas tinham que aprender pra fazer a primeira comunhão. O “Pai Nosso”, o “Creio em Deus Pai”, né? “Salve Rainha”... era mais corriqueiro isso para as comunhões.

João: E vocês faziam alguma atividade durante a missa? Cantavam? Ajudavam a organizar?

Tereza: Cantava, ajudava a organizar a missa, todo mês de outubro era um mês muito bonito porque a gente oferecia flores ara Nossa Senhora. Porque o mês de outubro é o mês de Nossa Senhora, então a gente oferecia flores. Tinha...a tarde tinha a reza, e a gente lia na reza...todas uniformizadas com a fita...e a gente fazia parte.

Marcella: Era uma fita azul, né?

Tereza: Uma fita azul.

Marcella: Onde ficava? No...

Tereza: A gente punha assim no pescoço...

Marcella: ...pescoço...

Tereza: É, com a medalha.

João: Ah...

Tereza: É, era uma fita azul assim de... de tafetá, é!

João: Essa... essa medalha tinha alguma...alguma imagem...?

Tereza: De Nossa Senhora.

João: Ah...

Tereza: É.

João: Todas as irmãs...

Tereza: Todas...

João: ...tinham a fita desde que entravam?

Tereza: ...desde que entrasse na... na Pia União. Chamava-se Pia União das Filhas de Maria.

João: E... a Sra. lembra de que ano a que ano a Sra. participou?

Tereza: Ah não sei...

Marcella: Mais ou menos...

João: Mais ou menos...

Tereza: Ah, quando eu tinha uns quinze anos. Vamos supor que eu... que eu participei assim de 1940 até quarenta e...até o final de quarenta... Participei assim na minha juventude mesmo.

João: Aí a Sra. saiu porque casou...? Porque foi trabalhar...?

Tereza: Ah!... Não, eu saí porque foi acabando!

João: Ah!

Tereza: É! Como todas as coisas boas que já teve aqui em São João, acabou.

Marcella: A Sra. pegou o finalzinho então?

Tereza: É, eu peguei o finalzinho.

João: Pelas coisas que a gente leu, assim, sobre a Pia União, falava que muitas moças casavam, deixavam a Pia União, mas continuavam...

Marcella: Ligadas...

João: ...ligadas, participavam quando...

Tereza: Ligadas, participavam sim...

João: ...tinha alguma... alguma coisa organizada...

Tereza: ...é, quando tinha... quando tinha barraca na festa de São João, a gente ajudava nas barracas....né? Vendia assim, alguma rifa de algum cartucho (de festa junina)... alguma prenda...tinha... a gente vendia as rifas.

João: E pra cantar na igreja ou coro que vocês tinham, tinham ensaios? Quem que organizava?

Tereza: Não... eu não fazia parte do coro. O coro, quem organizava chamava-se Dona Ziza Andrade.

João: Ela foi da Pia União?

Tereza: Foi da Pia União das Filhas de Maria.

João: Na época ela ainda era...quando ela organizava?

Tereza: Na época que ela organizou o coro. O coro nosso era muito bonito, tinha...Da. Ziza cantava...Lourd... Lour... é... tinha uma moça que chamava Lourdes, cantava.

João: O sobrenome a senhora lembra?

Tereza: Nazaré Nogueira cantava, Ione Datolli cantava, Norma Gianelli cantava, tudo no coro. Mas o nosso coro era muito bonito mesmo. Hoje por exemplo, não tem um bom coro. Cantam, vá lá, mas não é um coro, né?

João: O que a Sra. lembra da Da. Ziza Andrade? A sra. conheceu? Conversava com ela?

Tereza: Conheci, Dona Ziza Andrade foi uma pessoa muito influente tanto na igreja como em outras coisas aqui em São João, conversava muito com ela.

João: O que a Sra. lembra? Ela estudava música? Ela tinha alguma formação de professora?

Tereza: Não, não, ela já era formada professora, era de uma família importante de São João da Boa Vista. Sabe ali...perto do clube?

Marcella: Sei...

Tereza: Aquela casa cor de rosa do lado...

Marcella: ...do lado do clube...

Tereza: ...ela morava ali... que hoje está fechada, parece que puseram à venda.

João: A gente achou muita coisa que era da Dona Ziza, muitos...

Marcella: ... livros de órgão...de violino...

João: ...de órgão, de piano...

Tereza: ...de órgão, de piano...é!...

João: Aí a gente pensou assim: O que... quem será que levou ela a estudar música?

Tereza: A família era muito religiosa. A família já era de nascença uma família muito fina e muito religiosa. Todos da casa pertenciam... a mãe dela por exemplo, pertencia ao Sagrado Coração de Jesus, que já era das senhoras casadas, das senhoras mais velhas...

João: A Sra. sabe se teve alguém na família dela que incentivou ela a tocar piano, ou mesmo a ser professora? ...alguém assim...

Tereza: Ah, foi influência dos pais mesmo.

João: Dos pais?

Tereza: Dos pais mesmo.

João: Do pai e da mãe...?

Tereza: É, do pai e da mãe.

Marcella: O pai dela era o Teophilo Ribeiro de Andrade...?

Tereza: Dr. Theophilo Ribeiro de Andrade.

João: Eles apoiavam então? O pai dela apoiava?

Tereza: Apoiava, apoiava.

João: Porque tinha muito pai na época que não apoiava a filha ser professora, às vezes...

Tereza: Não, não... tinha que trabalhar, né?

João: Mas ele apoiava?

Tereza: Ele apoiava, era uma família muito fina. A Dona Ziza Andrade era irmã do Dr. Raul Andrade. Gente fina né... Muito fina, muito fina mesmo, era uma família muito respeitada.

Marcella: Porque no que a gente...nos dados que a gente encontrou, ela “meio” que comandava a Pia União, assim...?

Tereza: Pia União, ela era nosso chefe. A chefe da Pia União.

João: E ela era uma pessoa assim, pulso firme como chefe...?

Tereza: Pulso firme como chefe, uma pessoa muito firme, muito prepotente assim do que ela ensinava, do que ela fazia.

Marcella: E ela nunca chegou a casar, né?

Tereza: Não, ela nunca casou.

Marcella: Ela sempre ficou...

Tereza: Elas sempre ficou...como diz o outro...solteirona (risos)...

João: E as irmãs deviam ter um grande respeito por ela?

Tereza: A irmã mais nova, o irmão mais novo, né? O irmão Raul respeitava muito ela...a irmã.

João: E elas tinham assim, um pouco de medo por ela ser severa ou ela era carinhosa?

Tereza: Não, ela era carinhosa, ela...era uma família maravilhosa.

João: A Senhora chegou a ir na casa da família dela?

Tereza: Ia. No tempo dos meus pais... eu ia muito lá com os meus pais.

João: Como que era assim, tinha muitos livros?

Tereza: Muito, uma biblioteca imensa, uma casa muito... assim...era um povo de muita cultura. Já para a época, era uma família de muita cultura.

João: E o... tinham eventos assim já no Theatro Municipal naquela época ...

Tereza: É, tinha.

João: Eles participavam da organização? O Dr. Theophilo?

Tereza: Não, acho que dessa parte não. Eles participavam muito pra arrumar, você entende... alguma coisa lá...mas eles participarem assim, o Theatro fazer uma peça...não.

João: E a Igreja em si... ela era...ela era...porque hoje em dia a Igreja não participa mais dos eventos que acontecem na cidade.

Tereza: Não, acabaram todos os eventos. Olha, meu filho, falar a verdade pra você, ficou...a nossa igreja ficou muito pra trás. Eu acho. Eu acho porque tinha sempre muita procissão, por exemplo, no dia de Corpus Christi, era um dia muito respeitado. Você não comia isso, não comia aquilo... porque era dia de Corpus Christi...depois tinha aquela procissão maravilhosa de Corpus Christi, esse ano nem teve. Acabou, acabaram. Infelizmente, a...os novos padres acabaram. Porque aquele Padre Josué Silveira de Mattos foi um dos primeiros padres em São João, né? Aquele padre... depois teve outros...mas padre, PADRE mesmo. Porque hoje não... os padres não...(risos)

João: Tem muita coisa escrita sobre ele e muita coisa dele. A Senhora conheceu o Padre Josué?

Tereza: Conheci.

João: O que a Senhora lembra dele?

Tereza: Uma pessoa muito caridosa, uma pessoa muito humilde, uma pessoa que não tinha nada, foi um padre que morreu paupérrimo. Precisou gente ajudar pra enterrar, pra isso pra aquilo. Foi uma pessoa muito humilde, humilde mesmo.

João: Ele era preocupado com os eventos que a Igreja realizava na cidade, ele participava da organização?

Tereza: Da organização, participava.

João: Mas ele era presente na organização ou ele só ajudava?

Tereza: Não, ele era presente em toda a organização. Ele depois veio à formatura do Monsenhor David, né? Porque o primeiro padre sanjoanense foi o Padre Anchieta. É Padre Anchieta... eu não sei se tiraram, atrás da porta da catedral tinha ali o túmulo do Padre...eu acho que levaram pra baixo.

Marcella: Ah tá...na cripta?

Tereza: Lá embaixo, na cripta.

Marcella: E a Senhora chegou a conviver com o Padre Nicolau Miranda?

Tereza: Não.

Marcella: Não, né? Não é da época?

Tereza: Não, não é da minha época, a minha época já é do Monsenhor pra cá. “Vem aqui, bem, senta um pouquinho aqui, vem...” (diz ao marido). Mas é do Monsenhor pra cá.

João: Porque a senhora acha que a igreja perdeu esse costume de organizar festas...?

Tereza: Sabe por que ela perdeu? Porque eu acho que hoje tudo que era bom, tudo que era antigo acabou, na nossa cidade, eu não sei se talvez...por exemplo, tinha reuniões maravilhosas, tinha procissões lindas, você ia uniformizado, as senhoras que eram do Sagrado Coração de Jesus também iam todas com a fita, as crianças iam em fila direitinho. Hoje acabou, você não vê uma procissão. A Semana Santa em São João é um fracasso. Antigamente a sua mãe falava assim, “Hoje não tem carne.”,

porque era sexta feira Santa, você não comia. Hoje todo mundo come, porque acabou aquele respeito, eu acho isso, isso é coisa minha. Eu acho que acabou aquele respeito pela igreja porque firmaram muitas seitas, né? Eu acho que isso atrapalhou bem. Eu acho que a nossa Catedral fracassou muito.

João: A senhora acha que as pessoas foram perdendo o interesse...

Tereza: O interesse...

João: ...ou a Igreja foi perdendo o interesse em organizar as coisas?

Tereza: Não, eu acho que as pessoas perderam. As pessoas de hoje não têm o interesse que a gente tinha de ir lá. Juntava uma turma..."ah precisa limpar esse altar, ah precisa limpar aquele altar...", tiraram até os altares! Você entra na Catedral, não tem mais um altar a não ser o grande da frente.

Marcella: Então antigamente a vida das pessoas meio que girava em torno...

Tereza: Girava em torno da Igreja. Tinham senhoras daqui de São João muito antigas, né, que cuidavam da limpeza da igreja, cuidavam dos altares, das toalhas. Tinham senhoras que traziam toalhas lindas e davam pra igreja, pra... sabe assim, pra Santa...agora você entra lá, não tem um altar, não tem nada.

João: A gente viu que muitas das professoras, quase todas as professoras que tinha em São João na época eram pessoas que frequentavam a igreja. Aí a gente imagina, na hora de ensinar os alunos, elas ensinavam alguma coisa da fé católica.

Tereza: Ah tinha aula de catecismo. Toda vida...toda escola tinha aula de catecismo.

João: Ah, era nas escolas mesmo?

Tereza: Nas escolas. Por exemplo, você ia no Grupo Escolar. Como eu estudei, no Grupo Escolar. Tinha...

João: Qual grupo escolar? Aqui no...

Tereza: Coronel Joaquim José. É eu estudei aqui. Então tinha... a quinta-feira, uma meia hora antes de terminar a aula, tinha aula de religião. E hoje...

João: E a mesma professora que ensinava português, matemática ensinava...?

Tereza: Dava aula de religião. Quando não, vinha uma professora de religião dar aula.

João: E essas professoras faziam isso como um trabalho voluntário a parte ou na época era obrigado a ter o ensino religioso?

Tereza: Não, era um trabalho a parte.

João: E frequentavam todos os alunos ou era só quem quisesse?

Tereza: Tod... não, na hora da aula de religião a professora dizia, "Quem não é católico tem a liberdade de deixar a sala."

Marcella: E a grande maioria ficava ou ia embora?

Tereza: Não, era... a grande maioria ficava. Era um ou outro que saia, né? Mas a grande maioria ficava.

João: Quais eram as outras igrejas que tinham na cidade na época?

Tereza: Na época?

João: Essas pessoas que saiam...

Tereza: São as mesma que tem até hoje. A igreja do Rosário...a única igreja que é mais separada da...que eu acho que mais separada da catedral é o Perpétuo Socorro. Porque sendo uma igreja mais nova...né? Por exemplo, a cidade cresceu muito, às vezes tem uma igreja no seu bairro, então você não vem na catedral. Se você tem uma igreja no seu bairro, você não desce na catedral, você fica lá. Porque antigamente só tinha, assim, a igreja mais frequentada era a Catedral.

João: Entendi. E esses meninos, meninas que eram de outras religiões, que acabavam saindo da aula, qual religião que existia na época?

Tereza Ah, o protestante. A igreja protestante aqui sempre foi muito frequentada.

João: Era presbiteriana?

Tereza: Presbiteriana. E alguém que talvez fosse espírita, né? Que a gente não ficava sabendo...

João: Já tinha espíritas em São João na época?

Tereza: Ah tinha, tinha grande, grande pess...grande volume de espíritas em São João.

João: Ah é?

Tereza: O espiritismo aqui sempre viveu, sempre teve...

João: Mas eles não falavam que eram (espíritas)?

Tereza: Não.

Marcella: Era uma coisa por baixo do pano?

Tereza: era uma coisa por baixo...mais, mais escondida assim...poucas pessoas...

João: Mas porque? Tinha algum... as pessoas assim, não gostavam...? Eles que não queriam falar?

Macella: Tinham algum preconceito?

Tereza: Não é preconceito. É que hoje em dia você tem a sua crença, ele tem a dele, eu tenho a minha. Sempre voc...isso é uma coisa que sempre existiu.

João: Entendi.

(João Guilherme precisa se retirar e Terezinha o acompanha até a porta)

Marcella: Então, Tia, a senhora lembra se eram muitas meninas que faziam parte do coro (Sta. Cecília)?

Tereza: Não.

Marcella: Não eram...

Tereza: Não, era a Dona Ziza, a Nazaré Nogueira, a Ione Dattoli, tinha mais uma, a...a Ludia Praviero. Eram essas quatro cantoras, assim, de diferentes...como se diz? Que cantavam mais solos, mais...

Marcella: O tipo de voz...

Tereza: O tipo de voz.

Marcella: ...soprano, contralto...

Tereza: ...soprano...Só que o nosso coro era maravilhoso. Era maravilhoso.

Marcella: A senhora lembra quem que coordenava, quem que regia o coro? Era algum padre?

Tereza: A Dona Ziza.

Marcella: Era a Dona Ziza mesmo? E não tinha nenhum padre que regia o coro na hora (da apresentação)?

Tereza: Que regia o coro não. Tinha alguns frequentadores que eram Marianos. Como a gente era Filha de Maria, tinham também os Marianos, eles também tinham a fita azul com a medalha.

Marcella: E eram homens?

Tereza: Eram homens, tinha alguém que talvez dirigisse...

Marcella: E eles tinham um coro também, o coro São Luís? Que eu... pesquisei

Tereza: O coro São Luís, que era o coro da catedral. É, coro São Luís.

Marcella: Não existe mais?

Tereza: Não, acabou tudo... eu acho que... eu não vou mais por causa dele (marido)... mas eu não aprecio muito o Denizar (atual padre da catedral)...

Marcella: E... as meninas que faziam parte da Pia União, elas não se socializavam fora das atividades da igreja? De... tomar café uma na casa da outra...

Tereza: Ah sim... era... de vez em quando a gente saia pra fazer um lanche, as vezes tinha um encontro na Fazenda Cachoeira, entendeu? Tinham sim reuniões só da Pia União... Tinha também uma... uma...a Cruzada Eucarística. Quando você era menina, você frequentava a Cruzada Eucarística.

Marcella: O que era essa Cruzada Eucarística?

Tereza: A Cruzada Eucarística era uma... como as Filhas de Maria, era uma instituição.

Marcella: Porque a gente achou lá no museu, várias... vários livrinhos escrito "Cruzada Eucarística". Com vários cânticos...

Tereza: Cruzada Eucarística. Eu frequentei a Cruzada Eucarística. A gente ia de vestidinho branco, meia, era obrigada ir na missa de meia, e a gente tinha uma cruzinha: Cruzada Eucarística.

Marcella: E na igreja vocês faziam alguma coisa? Vocês tinham alguma função na hora da missa?

Tereza: Não.

Marcella: Não...

Tereza: Era só assistir a missa, cantar as vezes, né? Assim, o que a gente fazia muito mesmo era o mês de outubro que era muito bonito.

Marcella: é... quando juntava o Coro São Luis e o Cro Sta. Cecília, era mais pra eventos? Missa de Natal...

Tereza: Pra eventos, Missa de Natal, tinham o coro Sta. Cecília e o outro...

Marcella: ...Páscoa...

Tereza: Páscoa, quando tinha novenas de São João, festas de São João, então tinha os dois coros.

Marcella: E eles costumavam cantar bastante ou era pequena a apresentação?

Tereza: Cantava, cantava muito bonito. Não, eles cantavam bastante. Quando você falava de uma missa cantada era uma beleza, hoje não cantam mais.

Marcella: A senhora lembra se ra alguma...quando eles faziam essa missas cantadas, eram missas conhecidas? Assim por exemplo, de Mozart...? Ou eram missas compostas?

Tereza: Não, não. Compostas, das músicas que eles cantavam.

Marcella: Que eles próprios faziam...

Tereza: É, que els próprios faziam.

Marcella: E a senhora não lembra quem coordenava o coro São Luis?

Tereza: Não, não lembro quem coordenava viu, eu acho que era tudo a Dona Ziza mesmo. É eu acho que a Dona Ziza que coordenava.

Marcella: A senhora chegou a ver a Ziza tocando órgão na igreja?

Tereza: Cheguei. Ela tocava órgão quase todo domingo na missa das dez, a missa antigamente era as dez. Tocava órgão nas prociss... nas rezas, sempre tocava. A Dona Ziza tocou órgão no meu casamento, Ave Maria.

Marcella: Ah tocou?

Tereza: É, a Ave Maria, quem cantou foi a Nazaré Nogueira.

Marcella: (A mesma Nazaré) Que cantava no coro?

Tereza: No coro, é. Ave Maria de Schubert.

Marcella: Ah, que lindo.

Tereza: É, a Dona Ziza tocava o órgão e a Nazaré cantava a Ave Maria.

Marcella: E a senhora sabe o que elas acabaram fazendo depois?

Tereza: Ah depois acabou, acabou a instituição, foi acabando, né? Não tem mais instituições religiosas na cathedral. Tem... você vai à missa e tudo mas só que você

não é de instituição nenhuma, acabou mesmo. Eu acho que o mundo foi mudando, as senhoras, mesmo as moças, ficaram assim mais ocupadas, trabalham, estudam, não, não... sabe, foi acabando.

Marcella: Mas elas chegaram a seguir alguma coisa nessa linha, por exem...de música? Chegaram a dar aula de música?

Tereza: Não. Que eu saiba, não, que eu saiba, não. Quem dava aula de música era só a Dona Ziza.

Marcella: E, a senhora lembra alguma coisa da Dona Tita (Oliveira)?

Tereza: A Dona Tita era uma pessoa muito poderosa financeiramente e muito católica. Ela doôu muita coisa para a Igreja.

Marcella: E ela tocava piano, né? Porque a gente achou muitas partituras escrito o nome dela.

Tereza: Tocava. Tita Oliveira, né?

Marcella: Tita e Biloca também.

Tereza: A Biloquinha. A Biloquinha era irmã da Ziza.

Marcella: Era irmã, né? A gente achou muitas partituras com... escrito Ziza e Biloca...Ziza e Biloca não...Tita e Biloca.

Tereza: A Biloquinha era irmã da...

Marcella: Mas elas (Tita e Biloca) não faziam parte das Filhas de Maria?

Tereza: Faziam a Dona Ziza e a Biloquinha. Eles eram uma família muito religiosa.

Marcella: E a mãe da Tita era professora de piano,né? A Dona Ana.

Tereza: A Dona Ana foi professora de piano, a mãe da Dona Tita da Cachoeira (fazenda). Tanto é que a Dona Tita deixou pra... pro asilo, né, a casa lá da esquina. Parece que foi pro asilo.

Marcella: A Guiomar Novaes não chegou a fazer parte (das Filhas de Maria)?

Tereza: Eu não conheci a Guiomar Novaes. Eu conheço agora de nome, de ouvir falar, mas eu não sei se ela chegou a fazer parte de alguma coisa, eu não sei...

Marcella: Ela saiu (de São João) pequena parece, né?

Tereza: Saiu pequena, tanto é que quando falam assim “Ah, você é sanjoanense?” Ela disse, “Não, eu nasci em São João mas eu moro em Campinas.” (risos)

Marcella: A senhora lembra do José Telles? Alguma coisa dele...

Tereza: Lembro, lembro. Grande... tocava piano e tocav... apesar de ele não ser católico, ele tocava na igreja. Ele e o professor Nascip Murr. Você viu por lá (no museu) alguma coisa do prof...

Marcella: Não...

Tereza: O professor Nascip Murr era um grande pianista, e também não era católico, mas tocava na igreja.

Marcella: na igreja...

Tereza: José Telles foi um grande pianista...

Marcella: maestro também?

Tereza: Maestro... não, o maestro se chamava José menino, que...eu não sei se era um apelido dele, o maestro que tocava nas bandas, na igreja chamava-se José Menino.

Marcella: O José Telles também foi pra São Paulo né?

Tereza: É o José Telles também foi embora pra São Paulo, morou pra lá, depois voltou pra cá...

Marcella: E a senhora não chegou a ver ele regendo nada...como maestro?

Tereza: Não, como maestro não, eu via sempre cantando, que as vezes ia na catedral, algum casamento,né? Mas agora como maestro eu nunca soube que ele...

Marcella: Porque a gente achou muitas partituras para orquestra com o nome dele escrito.

Tereza: É, ele tocava muito bem.

Marcella: E a gente achou também uma opereta dele, composta à mão. Com o texto, composta por ele para todos os instrumentos.

Tereza: Dele? ...à mão...composta por ele... ele era um moço muito bonito, um rapaz de muito respeito. Ele...José Telles...era.

Marcella: E o maestro Mourão a senhora não lembra?

Tereza Não, o maestro Mourão já é mais novo.

Marcella: É mais novo?

Tereza: É. Eu já faz tempo que parei de frequentar a missa porque não dá pra ir. Mas o maestro Mourão ...é....dirigia a banda né?

Marcella: A banda...

Tereza: É, dirigia a banda.

Marcella: E a senhora chegou a pegar a fase da escola paroquial? Que era uma escola de música que funcionava, pelo que a gente viu lá no museu, ela funcionava onde é o Banco do Brasil hoje.

Tereza: Escola...?

Marcella: Paroquial, era primeira escola de música.

Tereza: Paroquial. A primeira escola de música, eu nunca frequentei, mas eu sabia que tinha.

Marcella: Mas existia ainda...?

Tereza: Existia, existia. "Oi" (fala com o marido)

Marcella: E a senhora não lembra as pessoas que...se a senhora conhecia alguém que frequentava...?

Tereza: Não.

Marcella: Se o José Telles frequentava?

Tereza: Ah, o José Telles, o da..o outro...frequentavam sim. Eu tenho impressão que até a Dona Ziza frequentava.

Marcella: Será que tinha muitos alunos?

Tereza: Ah... devia ter. Porque São João tinha muita gente de cultura, né?

Marcella: De cultura...

Tereza: É de cultura. A família da Dona Ziza era tudo de cultura, a família...ali naquela casa...aquela casa bonita, a família Costa! Ziza Costa... eram pessoas de muita cultura, de muita...quando veio uma vez um deputado em São João, a Dona Ziza Costa que foi recebe-lo, que fez a cerimônia.

Marcella: E... a senhora lembra se naquela época as meninas costumavam tocar piano? Se era uma...

Tereza: Tocava... tinha, tinha muitas casas que você ia, chegava, sentava, "Filhinha, toca pra titia ver!" (risos) Tinha muito.

Marcella: Era um costume das meninas?

Tereza: Era um costume, das meninas, era. Das meninas ricas, né, bem? Que tinham posse, tinham piano...sabe?

Marcella: Minha avó mesmo tocava, né?

Tereza: Ah, tocava!

Marcella: Tocava bem, né?

Tereza: Tocava bem. Ela aprendeu com o Nascip Murr.

Marcella: Ah, foi com ele?

Tereza: Foi com ele.

Marcella: E os meninos não? Não tinham esse costume?

Tereza: Não, homem já era mais difícil, né? Alguns, né? Mas já era mais difícil, era mais a moçada mesmo.

Marcella: É... essa Escola Paroquial, ela era comandada pela Igreja mesmo?

Tereza: Pela Igreja mesmo.

Marcella: E era ali mesmo, onde é o Banco do Brasil.

Tereza: É, onde é o Banc... era ali mesmo. "Oi, já vou, bem." (diz ao marido) Era ali mesmo.

Marcella: Foi...parece que foi doada pelo Joaquim José Oliveira, a casa...

Tereza: A casa.

Marcella: Foi doada?

Tereza: Foi.

Marcella: O filho, né?

Tereza: O filho, Joaquim José Filho, de Oliveira, né?

Marcella: E ele doou pra isso mesmo?

Tereza: Pra isso. Pra fazer aquela parte de...que tinha lá...aqueles grandes encontros que as vezes tinha lá...

Marcella: A senhora lembra quem eram os professores? Era padre...?

Tereza: Não lembro, não era padre. Eu tenho a impressão que o José Telles e o Nascip Murr foram professores, porque o Nascip Murr foi professor de música do ginásio.

Marcella: Ah, do Ginasinho?

Tereza: Do Ginasinho. Dava aula de música o Nascip Murr.

Marcella: E... a senhora lembra até quando que eles foram...até quando a Ziza tocava órgão na igreja?

Tereza: Ah tocou a vida toda, até envelhecer e não...poder mais.

Marcella: A senhora não chegou a ver ela tocar violino?

Tereza: Violino, essas coisas... nunca vi porque...

Marcella: Porque pelo que eu vi ela era uma grande violinista.

Tereza: Eu nunca vi porque eu saia pouco de casa, sabe? Eu ia mesmo mais na igreja, assim, não saia muito.

Marcella: Pelo que eu li, ela era... ela tocava violino muito, muito bem e era a paixão da vida dela...

Tereza: Era, o violino.

Marcella: ...e ela deixou de tocar porque ela prometeu pro Theophilo que se ele se convertesse ao catolicismo, ela parava de tocar.

Tereza: É, é... parava de tocar. É, o Theophilo de Andrade, né? O pai dela.

Marcella: A senhora lembra de que religião ele era?

Tereza: Eu acho que ele devia ser protestante, né? Porque em São João tem muito protestante.

Marcella: É, né? E ela prometeu, e ele no leito de morte se converte e ela nunca mais tocou...

Tereza: Se converteu...nunca mais tocou o violino... Mas o pai dela era um homem muito inteligente, nossa! O Dr. Theophilo de Andrade era uma asumidade.

Marcella: Ele era médico?

Tereza: Não. Eu acho que ele era advogado. O filho...o médico da família era só o Dr. Raul.

Marcella: Ah, que é o irmão dela?

Tereza: Que é o irmão dela. Raul Andrade.

Marcella: E esse povo, a Ziza, a Dona Tita, ele tinham contato um com o outro?

Tereza: Tinham.

Marcella: Eles eram amigos? Frequentavam...

Tereza: Tinham, eram muito amigos. Eram quase como uma família só. Uma família d..."Já vou" (diz ao marido). Uma família de muito peso, né? Uma família assim, muito reservada, né? Você falava na Tita Cachoeira, na Ziza Andrade, fechava o comércio pra cá... (risos)

Marcella: E eles também eram ligadas à família do Joaquim José? Todo esse povo que...meio que esse povo mais...

Tereza: Esse povo mais fino, mais social, né, eram ligados à família do Joaquim José.

Marcella: E a família da Guiomar Novaes não?

Tereza: Da Guiomar Novaes não. Porque a Guiomar Novaes foi embora daqui muito cedo né? Muito pequena.

Marcella: Foi pra São Paulo, né?

Tereza: É, pra São Paulo, e vinha sempre visitar São João. Então ela não... ela não fala que ela é sanjoanense.

Marcella: Não fala, né?

Tereza: Não, ela fala "Eu sou campineira", porque ela nasceu aqui e criou lá.

Marcella: É, é verdade. Então eu acho que é isso, Tia.

Tereza: Só? Não tem mais alguma coisa? (risos)

Marcella: Não, pode falar o que a senhora ia falar. (risos)

Tereza: Não, eu ia te falar que a Dona Guiomar Novaes, ela era de uma família muito fina também, né? Pessoas muito respeitadas na cidade, depois eles foram embora pra Campinas, ela era ainda muito pequena.

Marcella: A família toda foi embora?

Tereza: É, foi embora.

Marcella: Em qual casa que ela morava, você lembra?

Tereza: Ah não lembro, Isso não lembro.

Marcella: Não era aquela do lado clube? Uma que era na rua do lado do clube, uma casa bem antiga, bem grandona.

Tereza: Não.

Marcella: Não era ali? Porque eu tinha ouvido falar que era ali que ela morava.

Tereza: Não, não era ali, não. Eu nunca soube onde ela morava, eu nunca soube.

Marcella: Ela é mais velha que...bem mais velha que a senhora?

Tereza: Bem mais velha que eu, é. "Já vou, bem." (diz ao marido) Eu to com oitenta e cinco. É, a gente... a vida antiga era bem diferente, era melhor, você tinha mais opção, né? De escolha das coisas, hoje você não tem quase opção.

Marcella: A senhora frequentou a igreja até que época, tia? De frequentar mesmo...

Tereza: Ah, de frequentar, até antes de casar. Depois que eu casei...aí minha mãe ficou doente, e eu não pude mais sair, né? Porque ela precisava amputar as pernas, então eu não podia mais sair. Então, a gente vai crescendo assim, parece que os negócios vão ficando mais difíceis, né? (risos) Então a gente vai abandonando tudo, né?

Marcella: Antigamente, pelas coisas que eu li também no... pesquisei no museu, parece que a praça da catedral era fechada, né? Pobre não... não frequentava...

Tereza: É, falavam, né? É, por exemplo, preto não podia andar ali, né? Preto não podia...

Marcella: Era cercada né? Porque eu vi umas fotos...eu vi numas fotos que era cercada com madeira.

Tereza: Não era... era cercada com madeira, na volta toda, cercada... Os pretos só que não podiam andar ali, eles andavam aqui em cima. Olha que absurdo...

Marcella: E gente mais pobre ia na catedral? Na catedral mesmo.

Tereza: Ia.

Marcella: Ou tinham igrejas menores nos bairros?

Tereza: Ah tem, né! Lá pra baixo tinha a igreja do Rosário, lá pra...é ali tinha a capelinha de Nossa Senhora Aparecida, tinha a igreja...lá em cima tinha a igreja do São Benedito, aqui tem a igreja São Lázaro, né? Sempre teve muita igrejinha.

Marcella: Todos pertenciam à mesma...?

Tereza: À mesma igreja né? Dependia do seu bairro, se pra você era mais fácil você ir na igreja do Rosário, você não descia na catedral. Eu... como eu acho que a Catedral diminuiu muito... porque você vai lá no D.E.R.⁸, tem duas igrejas, parece, né? Então a cidade aumentou muito, e cada lugar tem uma igreja.

Marcella: Cada Igreja tinha o seu padre? Ou um padre ia de uma igreja pra outra.

Tereza: Não, um padre ia de uma igreja pra outra.

Marcella: Até hoje é assim, né?

Tereza: É, até hoje é assim.

Marcella: A senhora lembra quando que... depois que a Ziza parou de tocar, ninguém nunca mais tocou órgão?

Tereza: Ah tocou.

Marcella: Tocou?

Tereza: Tocou. Tocava o Nascip Murr, tocava o José Telles...

⁸ D.E.R. é uma sigla pra Departamento de Estradas e Rodagem, fica localizado em uma ponte que dá entrada a um bairro muito distante do centro em São João da Boa Vista, por esse motivo os sanjoanenses atribuíram a esse bairro o nome de D.E.R.

Marcella: Ah o José Telles chegou a tocar...

Tereza: Tocava. E agora... tem outros que tocam órgão...tem outras pessoas que tocam... "Já vou, benzinho." (diz ao marido).

Marcella: Entendi.

Tereza: Agora tem outros, mas não era só a Ziza que tocava, não. Tinha também os dois professores de música, né? O José Telles e o Nascip Murr.

Marcella: Na época quando tinha... por exemplo, na hora da missa, era como se fosse um evento social, né? (risos)

Tereza: Um evento Social, é. Era muito bonito... as missas, né? Eu não acho mais as missas de hoje não têm muito respeito... é minha opinião. E eu acho que o padre fala muito assim, ele acha que ele está falando por bem pra rapaziada sobre a droga, tudo, mas não tem interesse, né? Não tem interesse.

Marcella: A senhora lembra se a catedral era muito diferente antes da restauração?

Tereza: Ah era, estava muito velha, estava. Muito velha, ela era assim, não suja, é que tinham os passarinhos, né? Que iam lá, ficavam lá dentro, sujava tudo, né? Agora acabou, ela ficou muito bonita.

Marcella: Ficou diferente.

Tereza: É, ficou. Eu que já viajei um pouco e estive também lá na Itália, é... você não acha uma igreja bonita igual a nossa, muito difícil... Você entra lá no dia de um casamento, aquela igreja toda enfeitada, é muito bonita.

Marcella: É, bonita...

Tereza: É, muito bonita.

Marcella: Os padres eram todos daqui, Tia?

Tereza: Não, o padre Josué era sanjoanense, e o Monsenhor David e o Padre Luiz Bergonzini. O pai do padre Luiz Bergonzini...” Já vou, querido! Espera um pouquinho.”
(diz ao marido) O pai do padre Luiz Bergonzini era sapateiro.

Marcella: Ah tá!

Tereza: Era sapateiro. Os pais do Monsenhor tinham loja de tecido, “Casa Combate”, agora a família do Padre Josué era muito grande, mas o padre Josué era muito humilde, demais.

Marcella: E pelo que eu... umas coisas que eu vi lá também, eu não sei se a senhora chegou a pegar essa época, que alguns padres vieram de fora, da Itália...

Tereza: Vieram, o pessoal do Perpétuo Socorro veio tudo da Itália, não tem nenhum brasileiro, não tinha, agora deve ter. Mas não tinha não, eram todos italianos.

Marcella: Porque esse Padre Nicolau Miranda mesmo, que... ele era compositor e ele que... parece que foi ele que fundou o coro Sta Cecília, ele que começou a ensinar...

Tereza: É, ele que começou a ensinar a música para o coro Sta. Cecília.

Marcella: Ele veio da Itália, né? Ele tinha formação em música...

Tereza: É, ele era italiano, e ele era formado em música...

Marcella: A senhora sabe se ele foi embora? O que aconteceu?

Tereza: Não sei. Eu sei que de repente ele sumiu daqui.

Marcella: Ele sumiu? Ele não chegou a passar o final da vida dele aqui?

Tereza: É, ele foi embora. Não, não chegou, não.

Marcella: Ele foi embora...

Tereza: Foi embora.

Marcella: Então acho que é só isso mesmo, Tia.

Tereza: Só isso está bem pra você? (risos)

Marcella: Muito, ajudou bastante!

Caderno de Campo

Terezinha Guimarães Ambrósio mostrou-se saudosista durante toda a entrevista. Usava expressões como: “lindo”, “muito bonito”, “muito bom”, sempre que fazia referência ao período em que atuou na irmandade das Filhas de Maria. Ao mesmo tempo em que se expressou insatisfeita com a atual conjuntura da Igreja Católica na cidade de São João da Boa Vista. Terezinha esteve um tanto confusa ao se referir a detalhes minuciosos, como datas, mas bastante lúcida com relação aos fatos e pessoas.

Por ser uma pessoa de educação católica na primeira metade do século XX, demonstra uma grande flexibilidade com relação à convivência com outras religiões e filosofias religiosas na sociedade daquela época e do presente.